



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

---

**NELAGLEY MARQUES**

**DA FORMAÇÃO CONTINUADA AOS MOMENTOS DE TENSÃO EM SALA DE  
AULA DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM CAMPO GRANDE-MS: UMA  
PERSPECTIVA RIZOMÁTICA**

---

Campo Grande/MS  
2015

**NELAGLEY MARQUES**

**Da formação continuada aos momentos de tensão em sala de aula de uma  
escola pública: uma perspectiva rizomática**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Ensino de linguagens

Orientador: Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel

Campo Grande/MS  
2015

## **NELAGLEY MARQUES**

### **Da formação continuada aos momentos de tensão em sala de aula de uma escola pública: uma perspectiva rizomática**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Ensino de linguagens

#### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Walkyria Monte Mór  
Universidade de São Paulo/USP

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Leda Pinto  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 17 de junho de 2015.

*Para Ana Laura,  
Espero viver na sua memória, assim como, minha filha,  
sempre e para sempre, você viverá nos meus  
pensamentos.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e pela presença constante em meu viver.

Ao Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel, meu amigo e orientador, profissional que muito admiro, agradeço pelo incentivo e pela competência nos momentos de orientação e ao longo de toda essa caminhada e, sobretudo, pela generosidade em compartilhar comigo muito do que sabe.

A Prof<sup>a</sup>. Rozangela Leite Verardi, por sua acolhida em sala de aula, pela confiança no meu trabalho e por ser essa amiga e professora querida, dedicada e inspiradora.

À minha filha Ana Laura, para quem um dia eu disse:

- O que você acha da mamãe ler para você hoje um livro do tio Foucault?
- Deixa eu ver o livro.
- Ah não mãe! Esse livro deve ser muito chato. Ele não é colorido e também não tem figuras. Eu prefiro que você leia o livro das “Princesas.”
- Eu acho que você tem toda razão minha filha.

Obrigada por me ensinar tantas coisas.

Ao meu esposo Fabio Angelo, sou grata por todo amor, compreensão, respeito e companheirismo ao longo do tempo que estamos juntos.

Aos meus queridos pais Neraldo e Laura, agradeço por todos os ensinamentos de caráter, bondade e honestidade.

Aos estimados professores doutores Adriana Lúcia de Escobar de Barros Chaves (UEMS), Ian Martin (Universidade de York – Canadá), Maria Leda Pinto (UEMS) e Nara Takaki (UFMS), pelas ricas contribuições no Exame de Qualificação.

Aos professores-formadores do curso Professor sem Fronteiras: Adriana Lúcia de Barros Chaves, Brian Morgan, Ian Martin, João Fábio Sanches, Karla Costa, Nara Takaki, Roseli Grubert e Ruberval Franco Maciel, sou grata pelo trabalho voluntário

de formação continuada junto aos professores de língua inglesa da REME, bem como pela dedicação, comprometimento e respeito de sempre.

Aos meus amigos pessoais e de núcleo Maria das Dores Dias Acosta e Thiago Teodoro Rupere pela amizade sincera e pelo apoio nos momentos que eu precisei me ausentar dos trabalhos da Semed.

Aos colegas professores de Língua Estrangeira da REME, agradeço pela parceria de tantos anos nas atividades de formação, pelas alegrias, pelo respeito, pela confiança e por me ensinarem muito sobre ser professor e sobre a vida.

À Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande – MS (SEMED), pela oportunidade de trabalhar com formação de professores em serviço, bem como de desenvolver outras importantes atividades.

À Escola Municipal colaboradora da pesquisa, em especial a diretora Maria Auxiliadora Machado Rodrigues pelo acolhimento e pelo suporte no desenvolvimento deste estudo.

Aos colegas da Coordenadoria do Ensino Fundamental 6º ao 9º ano/SEMED pelo apoio nas atividades do mestrado.

As minhas madrinhas Angélica Serrano Machado e Marisa Joaquina Monteiro Serrano, pelo carinho e dedicação de sempre, e por me incentivarem em meus estudos.

Aos meus queridos amigos Karla Costa e Anderson Borges, pelos momentos de descontração e cumplicidade.

Aos meus amigos do mestrado, em especial ao Aparecido Devair Fernandes, Eliana Prado Verneque, Gisele Teixeira, Maria das Dores Dias Acosta, Themis Rondão e Thiago Teodoro Rupere pela convivência alegre e motivadora durante as aulas.

*Estar vivo é estar em conflito permanente,  
produzindo dúvidas, certezas questionáveis.  
Estar vivo é assumir a Educação do sonho do cotidiano.  
Para permanecer vivo, educando a paixão,  
desejos de vida e morte, é preciso educar o medo e a coragem.*

*Medo e coragem em ousar.  
Medo e coragem em romper com o velho.  
Medo e coragem em assumir a solidão de ser diferente.  
Medo e coragem em construir o novo.  
Medo e coragem em assumir a educação deste drama, cujos  
personagens são nossos desejos de vida e morte.*

*Educar a paixão (de vida e morte) é lidar com esses dois  
ingredientes, cotidianamente, através da nossa capacidade, força  
vital (que todo ser humano possui, uns mais, outros menos, em  
outros anestesiada) e desejar, sonhar, imaginar, criar.*

*Somos sujeitos porque desejamos, sonhamos, imaginamos e  
criamos, na busca permanente da alegria, da esperança, do  
fortalecimento da liberdade, de uma sociedade mais justa, da  
felicidade a que todos temos direito.  
Este é o drama de permanecermos vivos... fazendo Educação.*

*Madalena Freire*

# SUMÁRIO

Lista de Figuras

Lista de Tabelas

Lista de Abreviaturas

Convenção para a apresentação dos dados e transcrições

Resumo

Abstract

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
1.1 A Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS (REME) .....	17
1.2 O Programa de Formação Continuada para professores de Língua Estrangeira da REME.....	17
1.3 O meu percurso como professora-formadora do currículo de Língua Estrangeira da REME.....	18
1.4 A proposta e o desenvolvimento do curso Professor sem Fronteiras.....	21
1.5 O processo de elaboração da Ementa Curricular de Línguas Estrangeiras – Inglês e Espanhol da REME para o 9º ano do Ensino Fundamental e para a Educação de Jovens e Adultos – EJA.....	25
1.6 Identificação do contexto investigado.....	30
1.6.1 Turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública.....	30
1.6.2 A professora-colaboradora da pesquisa.....	31
1.7 Aspectos educacionais, metodológicos e epistemológicos.....	32
1.8 Organização do trabalho.....	41
<b>CAPÍTULO I</b> .....	42
<b>1. Da formação de professores às contingências da sala de aula: um olhar sobre as questões emergentes</b> .....	42
1.1 A lógica da emancipação revisitada e a visão embaçada da pesquisadora em relação ao trabalho da professora.....	45
1.2 A educação imperfeita: uma conversa sobre os alunos.....	48



1.3 A escola como aparelho disciplinador.....	50
1.4 O mundo líquido da pós-modernidade no campo educacional.....	57
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>60</b>
<b>2 Do planejamento idealizado às produções dos alunos: algumas reflexões em torno do processo de ensino e aprendizagem.....</b>	<b>60</b>
2.1 Episódio 1 - Indisciplina na sala de aula.....	64
2.2 Episódio 2 - As condições de trabalho da professora.....	72
2.3 Episódio 3 - Alguns percalços do desenvolvimento da carreira da professora.....	80
2.4 Episódio 4 - A prática avaliativa da professora.....	82
2.5 Episódio 5 - A ampliação da noção de letramento para o campo da imagem.....	84
2.6 Episódio 6 - A análise e a sistematização do processo de elaboração de uma atividade de documentário.....	85
2.7 Episódio 7 - Prioridades para melhorar as aulas.....	92
2.8 Episódio 8 - A percepção dos alunos em relação a escola do contexto investigado.....	94
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>109</b>
Anexo 1 A Ementa Curricular de Línguas Estrangeiras – Inglês e Espanhol para o 9º ano do Ensino Fundamental e para a Educação de Jovens e Adultos – EJA.....	110
Anexo 2 Entrevistas.....	118
Anexo 3 Diário de bordo das aulas.....	139
Anexo 4 Questionário de pesquisa.....	148
Anexo 5 Atividade com a música <i>We are family</i> .....	150
Anexo 6 Trabalho individual sobre os tipos de família.....	152
Anexo 7 Proposição de atividade de produção de um documentário.....	153
Anexo 8 Produção dos alunos sobre os tipos de família.....	156
Anexo 9 Atividade realizada pela Prof. <sup>a</sup> de Língua Portuguesa em colaboração com a professora de Inglês.....	163

Anexo 10 Avaliação bimestral.....	169
Anexo 11 Atividade da dinâmica do autódromo.....	172
Anexo 12 Atividade com frases em Inglês e Português do psiquiatra Bruno Bettelheim.....	177
Anexo 13 Atividade de leitura crítica ao relacionar imagens e texto impresso.....	180
Anexo 14 Atividade de produção de <i>slogan</i> para uma campanha publicitária com o tema família.....	183
Anexo 15 Atividade de produção de um documentário com o tema família.....	185
Anexo 16 Registro da professora.....	186

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Rosto feminino.....	15
Figura 2: Rizoma da pesquisa.....	40
Figuras 3, 4, 5, 6, 7, 8: O conceito dos tipos de família apresentado pelos alunos por meio de imagens.....	76 - 77

## **LISTA DE TABELA**

Tabela 1: Cronograma – Produção de documentário.....	79 - 80
--	---------

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

APLIEMS: Associação dos Professores de Língua Inglesa do Estado de Mato Grosso do Sul

EJA: Educação de Jovens e Adultos

ETI: Escolas de Tempo Integral

FESREME: Festival de Música Internacional da Reme

FZL: Faculdade da Zona Leste Paulista

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação

LE: Língua Estrangeira

LI: Língua Inglesa

MARCO: Museu de Arte Contemporânea

MEC: Ministério da Educação

MS: Mato Grosso do Sul

OCDE: Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PCN: Parâmetros Curriculares Nacional

PNLD: Plano Nacional do Livro Didático

REME: Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS

SAMU: Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

SEMED: Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande/MS

TRAJE: Travessia do Jovem Estudante

UCDB: Universidade Católica Dom Bosco

UEMS: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/MS

UFG: Universidade Federal de Goiânia

UFMS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/MS

V CLAFPL: V Congresso Latino-Americano de Formação de Professores de Línguas

## **CONVENÇÕES PARA A APRESENTAÇÃO DOS DADOS E TRANSCRIÇÕES**

A: alunos

D: diretora escolar

P: professores

P1: pesquisadora

P2: professora-colaboradora

## **RESUMO**

A presente pesquisa de natureza qualitativa com características colaborativa e etnográfica crítica buscou investigar como uma professora reinterpretou para seu contexto local, a proposta metodológica do curso de formação continuada Professor sem Fronteiras, realizado em parceria entre a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS e Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande/MS – SEMED. O trabalho fundamentou-se principalmente nos estudos sobre educação, letramentos, formação de professores, ensino e aprendizagem de língua inglesa no contexto de escola pública e nos momentos de tensão em sala de aula. Por meio de um trabalho colaborativo de quatro meses com uma professora de inglês, os dados foram coletados das gravações de áudio dos momentos de interação entre a professora e os alunos, bem como de entrevistas, diário de campo, questionário e narrativas de minhas vivências como docente e professora-formadora. A análise com base no conceito de rizoma proposto por Deleuze e Guattari (1995) e na metodologia emergente pós-moderna de acordo com Somerville (2007), fundamentou-se principalmente nos seguintes enfoques abordados neste trabalho: a descrição do contexto de ensino da professora participante; a discussão do ensino e aprendizagem da língua inglesa em uma escola pública e a investigação de como os momentos de tensão alteraram o desenvolvimento das aulas.

**Palavras-chave:** formação de professores de língua inglesa; ensino e aprendizagem de língua inglesa; momentos de tensão; escola pública.

## **ABSTRACT**

The current research of qualitative nature with collaborative and critical ethnography characteristics aimed at investigating how an English teacher reinterpreted to her local context, the methodological proposal of the course Teachers without Frontiers, carried out in partnership between UEMS and Municipal Secretary of Education of Campo Grande-MS. The work particularly focused on education, literacies, teacher education, english language teaching and learning in the context of public school and moments of tension in the classroom. Under a four months collaborative work with an English teacher, data were gathered from audio recordings during the moments of interactions between the teacher and the students in the classroom, as well as, interviews, diaries, questionnaire and narratives from my experiences as a teacher and teacher-trainer. Analysis based on the concept of rhizome proposed by Deleuze and Guattari (1995), a methodology of postmodern emergence according Somerville (2007), had addressed the following aspects raised in this study: description of teacher learning context, discussion of English language teaching and learning in a public school and investigation of how moments of tension altered the development of the class.

**Keywords:** English language teacher education; English language teaching and learning; moments of tension; public school.

## INTRODUÇÃO



Se alguma força nos motiva a escrever, é porque essa experiência nos possibilita transformar o que sabemos, de modo a agir diferente do que julgávamos verdadeiro. Ante tal afirmação, este estudo se baseia em três momentos que se relacionam permanentemente: o momento em que apreendemos o conhecimento existente, produzido na academia, a experiência que temos de ensinar e, por fim, o desafio de produzir um novo conhecimento. A partir desse pressuposto e por considerar que a atividade da docência implica processo de pesquisa sobre a prática, as investigações deste estudo se concentram na área de formação de professores, nos processos de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa (LI) em contexto de escola pública e nos momentos de tensão que emergiram no decurso das aulas.

O interesse em discorrer sobre o processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa surgiu da minha própria experiência como professora de escola pública na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande–MS (REME). Naquela época, ano de 2002, o ensino de Língua Inglesa era pautado no estudo dos aspectos linguísticos, com raros momentos de interação oral no idioma entre os alunos. Existiam poucos materiais didáticos na escola, portanto, eu fazia uso do quadro-negro e do mimeógrafo na maioria do tempo. Não havia o livro didático e nem o paradidático. O acesso às tecnologias era escasso, eu era quem levava o meu toca CD para as atividades com música, por exemplo. Ainda utilizava o aparelho de vídeo cassete para apresentar um filme em uma televisão de 20 polegadas. De vez em quando, tirava xerox colorida para trabalhar com os alunos algumas atividades que envolvia as cores por exemplo,

mesmo assim, encapava o material com papel *contact*, para que ele fosse durável e pudesse trabalhar em várias turmas.

No último ano que estive na escola, em 2004, foi inaugurada a sala de informática. Lembro que foi um momento que gerou muita expectativa e curiosidade entre os professores e alunos. Embora não tivesse internet, foi possível trabalhar com os programas instalados nos computadores e alguns *softwares* de jogos em Inglês que consegui comprar. Em tempo presente, percebo as importantes mudanças ocorridas na organização do trabalho didático, no Referencial Curricular, nos recursos disponíveis, na proposta de formação continuada para professores, na carga horária de trabalho e no próprio salário. Diante desse contexto, surgiu em mim, a preocupação de discutir esse novo cenário, buscando mostrar outros discursos. Para tanto, ao longo desta dissertação, arrisco-me ao expor minhas ideias, experiências e reflexões pessoais sobre o tema tratado, ao produzir um texto aberto e incompleto, no qual o leitor possa dialogar com ele, em um processo de múltiplas autorias.

Ao introduzir este trabalho, teço sete considerações em relação às questões abordadas no decurso desta pesquisa: a Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS (REME), seu Programa de Formação Continuada para professores de Língua Estrangeira, o meu percurso como professora-formadora do currículo de Língua Estrangeira da REME, a proposta e o desenvolvimento do Curso Professor sem Fronteiras, o processo de elaboração da Ementa Curricular de Línguas Estrangeiras – Inglês e Espanhol da REME para o 9º ano do Ensino Fundamental, assim como para a Educação de Jovens e Adultos – EJA, as características do contexto investigado e da professora-colaboradora da pesquisa.

Adiante, apresento os aspectos educacionais, metodológicos e epistemológicos desta pesquisa embasada na metodologia emergente pós-moderna segundo Somerville (2007), no conceito de rizoma proposto por Deleuze e Guattari (2011), Cormier (2008) e Vicars (2012), bem como na pesquisa qualitativa segundo Duff (2007) e a etnografia crítica conforme Canagarajah (2009). Discuto ainda, dois aspectos epistemológicos importantes a serem considerados: o conhecimento local respaldado nas investigações realizadas por Maciel (2013), e ética em pesquisa, apoiada nos estudos de Takaki (2012).



### **1.1 A Rede Municipal de Ensino de Campo Grande - MS (REME)**

A Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS possui 94 (noventa e quatro) unidades escolares, sendo 2 (duas) de período integral e 9 (nove) escolas do Campo do Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano, totalizando aproximadamente 101.000 (cento e um mil alunos). Se pensarmos que a capital Campo Grande possui estimadamente 830.000 (oitocentos e trinta mil) habitantes, então cerca de mais de 12% da população total deste município são alunos matriculados na REME. Nesse universo, em se tratando de professores de Línguas Estrangeiras – Inglês e Espanhol, aos quais me atendo em razão do trabalho de formação, são cerca de 150 (cento e cinquenta) profissionais dos anos finais do Ensino Fundamental – 6º ao 9º ano e também das Escolas de Tempo Integral – ETI e do Campo, nas quais as Línguas Estrangeiras são oferecidas desde os anos iniciais.

Nesse contexto, é importante esclarecer que essa rede de ensino oferece os dois idiomas. Contudo, a autonomia é da escola e da comunidade em escolher qual dos dois idiomas efetivamente será contemplado no currículo. No ano de 2015, do total de 94 (noventa e quatro escolas), 10 (dez) optaram pelo Espanhol e as demais, 84 (oitenta e quatro) unidades optaram pelo Inglês. Assim sendo, dos 150 (cento e cinquenta) profissionais dessas áreas, 10 (dez) são professores de Espanhol e cerca de 140 (cento e quarenta) são de Inglês.

Ademais, as duas Escolas de Tempo Integral do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental oferecem os dois idiomas concomitantemente, sendo 1 hora/aula semanal para cada turma.

### **1.2 O Programa de Formação Continuada para professores de Língua Estrangeira da REME**

A Rede Municipal de Ensino, por meio de seu Programa de Formação Continuada, oportuniza aos professores de todas as áreas do conhecimento momentos de estudos coletivos, de socialização de conhecimentos e atividades práticas com o objetivo de oferecer subsídios para o trabalho pedagógico desses profissionais no âmbito escolar.

Esses encontros de formação acontecem uma vez por bimestre e são de quatro horas cada, nos quais são abordados diversos temas referentes à educação e aos

processos de ensino e aprendizagem sugeridos pelos gestores da SEMED, pelos próprios professores e por nós, técnicos de área. Aproximadamente, dos 140 (cento e quarenta) professores de Língua Inglesa, 40 (quarenta) tiveram a oportunidade de cursar a Pós-Graduação Lato Senso em Língua Inglesa – Linguagens e Metodologias nos anos de 2006 a 2007, oferecida pela REME em parceria com a Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, como parte do seu Programa de Formação, sem ônus para os professores e em horário de trabalho. Tal benefício demonstrou a preocupação dos gestores, na época, em oferecer condições para que os profissionais pudessem aprofundar e aprimorar seus conhecimentos teóricos e práticos, garantindo também um aumento de 10% no salário desses profissionais como parte de sua promoção funcional.

Além dos Encontros de Formação Continuada, são realizados acompanhamentos pedagógicos individualizados com os professores de Línguas Estrangeiras, conforme o horário de planejamento de cada um, o qual é determinado pela unidade escolar. Nesses acompanhamentos, a principal finalidade é ouvir as dificuldades apresentadas pelos professores na rotina escolar, assim como fazer um diagnóstico inicial das possíveis causas dos problemas elencados e, posteriormente, fazer as intervenções necessárias junto aos profissionais, no sentido de oferecer suporte para a melhoria do trabalho pedagógico, por meio de leituras, metodologias e atividades práticas que possam auxiliá-los nesse processo.

### **1.3 O meu percurso como professora-formadora do currículo de Língua Estrangeira da REME**

Em meio às palavras de Paulo Freire (2001, p.14), “o sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz”, relato um pouco do meu percurso como professora-formadora do currículo de Língua Estrangeira da REME.

No final do ano de 2004, a convite da secretária de educação, deixei o chão da escola para fazer parte da equipe de transição da nova gestão e iniciei os trabalhos na Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande-MS (SEMED) como técnica do currículo de Língua Inglesa, no qual desempenho entre outras funções, a de professora-formadora.

No intuito de explicar essas outras funções desempenhadas por mim, descrevo-as brevemente: emissão de parecer em coleções de livros didáticos e paradidáticos de diversas editoras, bem como em projetos educacionais de Língua Estrangeira, elaboração de documentos oficiais como referenciais curriculares e de materiais pedagógicos, acompanhamentos pedagógicos com professores de LE nas escolas, assessoria técnica junto aos gestores escolares e equipe pedagógica, idealização, coordenação e execução de projetos na área como o Festival de Música Internacional da REME – FESREME, seleção de professores temporários para as Escolas de Tempo Integral e Projeto Travessia do Jovem Estudante, seleção de conteúdos para concurso público municipal para professores de LE, leitora crítica de documentos oficiais relacionados a LE, controle de frequência para certificação de professores de LE em cursos de formação, aplicadora de avaliações internas e externas da REME, análise e apresentação aos professores de LE dos livros didáticos selecionados pelo Plano Nacional do Livro Didático - PNLD. Contudo, para esta pesquisa, me concentro nas atividades de formação de professores em serviço.

O trabalho com formação de professores permite o contato com um universo muito rico de profissionais em serviço. Ao longo dessa vivência e por meio de constantes acompanhamentos pedagógicos realizados com professores de Língua Inglesa nas escolas da REME, pude verificar que uma considerável parte deles, em se tratando de metodologia de ensino, é, de certa forma, influenciado por sua experiência anterior como aluno de LI, outrora, também faz uso de experiências acumuladas. Com efeito, é possível, então, que o professor demonstre um discurso mais tradicional ou, por outro lado, mais aberto a mudanças e a interações com os outros.

Diante desse contexto, defendo que o propósito primeiro da formação continuada para professores deve primar por criar espaços, nos quais esses profissionais possam expor, discutir, problematizar, refletir e produzir os seus saberes, bem como trocar diversas experiências da rotina escolar. A proposição de formação continuada em um processo participativo pode fazer com que o professor rompa o seu isolamento em sala de aula e fora dela, especialmente nos momentos de planejamento das aulas e esse desafio o estimule a discutir com outros colegas sobre a ação docente, percebendo que o trabalho coletivo e partilhado abre perspectivas para a ressignificação de sua própria prática. E, ainda, que considere que o processo

de interação humana, com suas particularidades e imperfeições pode alterar a própria natureza do trabalho docente.

Para ampliar essa discussão, não posso omitir e nem “fechar os olhos” para os inúmeros relatos confidenciais a mim, durante os acompanhamentos pedagógicos com os colegas professores, principalmente sobre as questões que envolvem a indisciplina dos alunos. Em vista disso, muitos profissionais acabaram se servindo de longas licenças médicas, por estarem estressados e com depressão, outros desenvolveram síndromes como a de *Burnout*<sup>1</sup> e a do Pânico<sup>2</sup>, em outros casos, jamais retornam a ministrar aulas, sendo readaptados definitivamente para realizarem outras funções no âmbito escolar.

Acompanhei casos extremos como o de um colega professor que, ao sair da escola dirigindo seu carro, duas quadras depois do estacionamento, foi alvejado com três disparos de arma de fogo por um aluno de 6º ano, com idade de 12 anos que não aceitou a nota baixa no boletim escolar. De sorte, os tiros só atingiram o carro.

Rememoro também o dia em que outro colega saiu da sala de aula, deixando os alunos sozinhos, caminhou até a quadra da escola, começou a falar várias palavras desconectas, perdendo a consciência e, infelizmente, saiu da escola em uma ambulância do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência - SAMU.

Penso nos colegas professores que pediram exoneração de seus concursos porque não suportaram as inúmeras pressões do cotidiano escolar, bem como naqueles que, atualmente, cursam outra graduação com o objetivo de mudar de profissão, e ainda, os que estudam para passar em concursos públicos de outras áreas, que não seja a da educação. Entretanto, as dificuldades não impediram que muitos outros insistissem e persistissem na profissão, e com eles, tenho aprendido muito sobre ser professor e também sobre a vida.

---

<sup>1</sup>A síndrome de burnout, ou síndrome do esgotamento profissional, é um distúrbio psíquico descrito em 1974 por Freudenberger, um médico americano. Sua principal característica é o estado de tensão emocional e estresse crônicos provocado por condições de trabalho físicas, emocionais e psicológicas desgastantes. A síndrome se manifesta especialmente em pessoas cuja profissão exige envolvimento interpessoal direto e intenso. Profissionais das áreas de educação, saúde, assistência social, recursos humanos, agentes penitenciários, bombeiros, policiais e mulheres que enfrentam dupla jornada correm risco maior de desenvolver o transtorno. (VARELA, 2014).

<sup>2</sup>A síndrome do pânico, na linguagem psiquiátrica chamada de transtorno do pânico, é uma enfermidade que se caracteriza por crises absolutamente inesperadas de medo e desespero. A pessoa tem a impressão de que vai morrer naquele momento de um ataque cardíaco, porque o coração dispara, sente falta de ar e tem sudorese abundante. (VARELA, 2014).

#### **1.4 A proposta e o desenvolvimento do curso Professor sem Fronteiras**

Com relação ao curso Professor sem Fronteiras, relembro o contato feito pelo Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel por telefone conversando comigo sobre a possibilidade de efetivarmos uma parceria entre a SEMED, Ministério da Educação – MEC e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. Por inúmeras razões, fiquei muito feliz, mas não surpresa com a proposta em si, uma vez que uma das marcas desse profissional sempre foi o pioneirismo, desde a fundação da Associação dos Professores de Língua Inglesa do Estado de Mato Grosso do Sul – APLIEMS, bem como do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Tendências Contemporâneas do Ensino da Língua Inglesa, no qual fui sua aluna, no ano de 2004, em uma universidade particular da nossa capital.

Confesso que fiquei bastante entusiasmada com a proposta desse curso de formação para professores de LI por contemplar as nossas necessidades de formação permanente, uma vez que conciliava dois aspectos importantes, o desenvolvimento linguístico e o metodológico.

O Curso de Formação “Professor sem Fronteiras” foi realizado no segundo semestre de 2013 e primeiro semestre de 2014, em parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS e a SEMED, uma vez que o MEC não disponibilizou o investimento esperado. O curso teve como objetivo, promover a formação continuada de professores de Inglês (efetivos e contratados), atuantes em escolas da Rede Pública da Educação Básica, com a finalidade de ampliar as oportunidades de aprendizagem da Língua Inglesa como prática social, de forma que os professores pudessem ressignificar a práxis pedagógica. Os professores ministrantes convidados foram de universidades locais (UEMS e UFMS) e uma internacional (Universidade de York – Canadá). O curso contou com a participação de 80 (oitenta) professores e foram ofertados 3 (três) módulos de 30 (trinta) horas cada, totalizando 90 (noventa) horas, distribuídos em 2 (dois) semestres, os quais foram compostos pela ementa: Critical English learning (aprendizagem crítica de Inglês) - práticas de aprendizagem e desenvolvimento de aspectos linguístico-discursivos da Língua Inglesa segundo uma perspectiva crítica da linguagem; English language materials (materiais didáticos para Língua Inglesa) - práticas de aprendizagem e desenvolvimento de aspectos linguístico-discursivos da Língua Inglesa por meio da elaboração e avaliação de materiais didáticos; English through New Literacies (Inglês por meio dos novos letramentos) - práticas de aprendizagem e desenvolvimento de

aspectos linguístico-discursivos da língua inglesa segundo os preceitos dos novos e multiletramentos.

No momento de apresentarmos a proposta do curso para a secretária-adjunta de educação, que é responsável pela parte pedagógica deste órgão. Bastante apreensiva, fiz uma pequena introdução sobre o curso e também uma sucinta apresentação dos professores doutores Ruberval Franco Maciel e Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros, ambos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS e coordenadores desse projeto.

Conversamos sobre o curso e sobre a realização deste em parceria com a SEMED, sua logística e outros aspectos fundamentais. A resposta da secretária foi positiva, em poucas palavras ela disse: - *Vamos fazer!* Saímos daquela reunião confiantes e com a sensação boa de mais um sonho a se realizar. Esse momento me fez lembrar uma das frases de Paulo Freire (2001, p. 13): “não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança.”

Para tanto, foram oferecidas oitenta vagas, divididas em quatro turmas de vinte cursistas. Cada encontro foi de quatro horas e aconteceu quinzenalmente, ao longo de dois semestres conforme o calendário proposto. Os encontros se deram no Espaço de Formação Lúdio Martins Coelho localizado na própria SEMED. A aula inaugural aconteceu no dia 28 de agosto de 2013, com as ilustres presenças dos professores canadenses Ian Martin e Brian Morgan e também do secretário e da secretária-adjunta de educação, entre outras autoridades convidadas das universidades.

Nesse ato, mais uma conquista se deu. A secretária-adjunta de educação confirmou diante dos professores presentes, o compromisso que a SEMED assumiu em pagar professores substitutos para que eles pudessem ir para o curso em horário de trabalho. Foi gratificante verificar que, dali por diante, o curso prosperaria de fato, uma vez que o problema maior que poderia impedir a participação dos professores tinha sido solucionado. Pois não basta somente oferecer cursos de formação gratuitos, é necessário que o órgão central crie condições para que os professores permaneçam neles até o final, impedindo a evasão por questões de comprometimento salarial, uma vez que os professores teriam que pagar substitutos por conta própria.

No entanto, em razão do MEC não disponibilizar os recursos prometidos para o curso Professor sem Fronteiras, não foi possível realizar o módulo da imersão. Contudo, os professores-formadores (Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel, Prof<sup>a</sup> Dra. Adriana Lúcia de Escobar Chaves, Prof<sup>a</sup> Dra Nara Takaki, Prof. Dr. João Fábio

Sanches, Profa.Msc Roseli Grubert (UEMS) e Profª Mda. Karla Costa) decidiram ministrar as aulas voluntariamente até o final. Atitude esta, merecedora de todo nosso respeito e gratidão.

Nos dias 21, 22 e 23 de outubro de 2014, as professoras Dra Nara Takaki, Profª Mda. Karla Costa e eu, participamos do V Congresso Latino-Americano de Formação de Professores de Línguas na Universidade Federal de Goiás (UFG), no qual tivemos a oportunidade de socializar as experiências vivenciadas no curso Professor sem Fronteiras e apresentar alguns resultados. Foi um momento muito rico de conhecimento, porque conseguimos juntos concluir um ciclo de pesquisa. As professoras discorreram sobre as premissas do curso, seus módulos e sobre as impressões dele conforme relato dos cursistas. A minha parte consistiu em discorrer sobre o desenvolvimento das aulas de uma professora que participou efetivamente do curso, verificando os processos de ensino e aprendizagem de LI por meio de atividades baseadas nesses pressupostos. Após as apresentações, as pessoas que participaram da sessão ficaram interessadas e entusiasmadas com o trabalho realizado pelo grupo e fizeram muitas perguntas e observações. Foi um momento gratificante para nós, saímos dali com o sentimento de que valeu muito todo o empenho do grupo.

Nesse particular, senti-me aliviada em poder contar com o trabalho de profissionais tão qualificados para dividir comigo a difícil tarefa de formação de professores em serviço. Ressalto que o meu trabalho se desenvolveu com base em muito esforço e comprometimento, uma vez que não somos formados pelo órgão central para sermos professores-formadores. O nosso alimento intelectual depende, em grande parte, dos livros que compramos e das leituras que fazemos, assim como das participações em congressos, palestras e eventos que podemos custear e de cursos de mestrado e doutorado oferecidos pelas universidades públicas.

Conquanto, não desanimei diante das dificuldades, procurei fazer o melhor, pensando nos meus colegas professores que estão nas escolas e que por vezes, têm menos condições de estudar do que eu. Busquei manter um diálogo horizontal com eles, porque entendo que acima de tudo, o professor precisa ser ouvido, compreendido e acolhido. Com o passar do tempo, criamos laços de afeto, confiança, respeito e amizade.

Em se tratando das aulas ministradas no referido curso, a que mais chamou a atenção da professora-colaboradora da pesquisa foi a que trouxe como tema a ser

problematizado “Os tipos de família”. Em entrevista, ela discorreu sobre esse momento:

*P2: É algo que é bem forte para mim, porque nós iniciamos com uma série de imagens, imagens que se davam ali as construções de famílias. Eu particularmente tive até dificuldades para enxergar determinadas formações ali, talvez até por ser uma questão pessoal, mesmo inconsciente, não sei. E por isso que é importante esse contato com a aprendizagem e com a reflexão, porque com a discussão, a partir daquele momento e quando a gente se questiona e o seu conceito de família? O que é uma família perfeita? Qual é o seu padrão? A minha ideia de família é a mesma que o meu aluno tem, será? E como eu posso lidar com tudo isso sem interferir nos valores de cada um, então essa aula pra mim foi fantástica, porque possibilitou realmente um questionamento e ali com os colegas também sobre questões muito sérias, como respeito e valorização cultural um do outro, então a gente sabe que existe uma série de situações apresentadas ali que muitas vezes a gente nega, se nega a ver ou enfrentar, então mais uma vez a gente tem que ultrapassar realmente as fronteiras e analisar, rever, discutir e entender que é fato, essas situações existem e elas precisam ser tratadas com respeito, por isso mesmo, às vezes, a gente precisa se preparar bem, eu achei válido demais.*

Por considerar um dos momentos mais marcantes de todo o curso, a professora decidiu trabalhar com os alunos, esse tema como sendo o gerador das aulas do 1º semestre, com base nos pressupostos apresentados pelo curso.

Ressalto que, embora a REME tenha um programa de formação continuada consolidado, considero muito fecundo a parceria com outras instituições no trabalho de formação com professores em serviço, tendo em vista, que esses momentos servem para oxigenar a prática do professor, uma vez que ele entra em contato com outros conhecimentos, outros formadores e outras visões de educação. Para certificar tal afirmação, concomitante ao curso Professor sem Fronteiras, uma das solicitações feitas pelos professores de LE nas avaliações dos encontros, é que esses momentos aconteçam fora da SEMED, em outros espaços de conhecimentos.

No ano de 2014, promovemos três encontros de formação considerando tal perspectiva, o primeiro no Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (MARCO), no qual tivemos a oportunidade de visitar as exposições: “Nos Caminhos Afro” de Pierre Verger, “O Novo Romantismo na Inglaterra de John Hyatt, ambas mediadas por arte educadores; a segunda no Parque Anhanduí com o tema “Educação Ambiental e Sustentabilidade”, mediada por geólogos, com direito a uma



caminhada na “Trilha da Capivaras”; a última no Museu das Culturas Dom Bosco, onde visitamos a Exposição de Ciências Humanas intitulada “Povos indígenas do Brasil” e a de Ciências Naturais com animais empalhados da fauna de Mato Grosso do Sul e de diversos minerais existentes, ambas mediadas por historiadores. Esse formato de encontro de formação, permitiu aos professores que fizessem uma reflexão sobre suas concepções de mundo e a utilização desses espaços como uma ferramenta de apropriação de cultura e conhecimento. Assim sendo, além dessa finalidade, foram sugeridas diversas atividades práticas, nas quais a LE pode ser trabalhada em sala de aula, considerando o insumo contido nesses locais. Outro fator que me chamou atenção, foi que a maioria dos professores não conhecia esses lugares, assim sendo, conforme relato deles próprios, esses encontros foram importantes meios de acesso a apropriação de novos saberes.

### **1.5 O processo de elaboração da Ementa Curricular de Línguas Estrangeiras – Inglês e Espanhol da REME para o 9º ano do Ensino Fundamental e para a Educação de Jovens e Adultos - EJA**

Concomitante a esta pesquisa, aconteceu a elaboração da Ementa Curricular de Línguas Estrangeiras – Inglês e Espanhol da REME (anexo1), para o 9º ano do Ensino Fundamental, assim como para a Educação de Jovens e Adultos – EJA, que só oferece a LI.

Confesso que mesmo com a experiência anterior da elaboração de dois outros referenciais desta mesma rede de ensino, fiquei aturdida com o tempo delimitado para a entrega do documento para publicação – apenas um mês, tendo em vista que, o núcleo de Língua Estrangeira – Inglês e Espanhol é composto por mim e por outra técnica responsável pelo Espanhol. Infelizmente, em razão do prazo para entrega do referencial, não houve tempo para que nós nos reuníssemos com os professores e discutíssemos com eles sobre a produção desse documento. Assim sendo, buscamos consideraras solicitações feitas pelos professores nos momentos de formação sobre quais temas e conteúdos eles sentem necessidade de trabalhar com os alunos. O fato de não discutirmos com os professores sobre a escrita de um documento tão importante, que, orienta o trabalho deles na escola, compromete a eficiência de sua execução, uma vez que não foi construído a partir do olhar e das experiências

vivenciadas pelo professor, o que para ele, pode representar, muitas vezes, muita capacidade de adaptação e de novos esforços. Nesses momentos, percebo que a educação padece.

Para tanto, o desdobramento desta ação contou com a parceria dos professores Ruberval Franco Maciel e Karla Costa que, prestaram, mais uma vez, um trabalho voluntário e árduo, devido à tamanha complexidade desse documento.

Analogamente, essa tarefa nos desafiou a pensar contra o tempo, no tempo e a favor de um tempo por vir. Dessa maneira, o documento enfatiza que:

*As disciplinas oportunizam a aprendizagem de Língua Estrangeira com ênfase no desenvolvimento da cidadania participativa, agência, autoria e construção de sentidos por meio de recursos multimodais, considerando a grande variedade de culturas presentes no contexto sociocultural dos alunos, marcados por conflitos presentes numa sociedade digital globalizada contemporânea. Preconiza também o direito à aprendizagem, por meio de um currículo com foco nos alunos a quem se remete e que contribui para a prática da cidadania ao longo do processo formativo.*

Os principais objetivos dessa ementa para o processo de ensino e aprendizagem da LE foram: possibilitar a participação dos alunos em diversas práticas sociais que se utilizam das diferentes linguagens de maneira ética, crítica e democrática, por meio de uma educação linguística que considera os multiletramentos, os letramentos multissemióticos e os letramentos críticos; considerar a multiplicidade cultural e semiótica de construção de textos conforme os recursos disponíveis pelos alunos e pela escola; desenvolver uma abordagem de ensino com base na aprendizagem por *design* que possibilita a ressignificação e produção crítica de textos multimodais voltados para autoria; analisar e construir sentidos refletindo sobre as complexidades das mídias digitais como novas formas de leituras e escritas; interrogar criticamente os interesses dos participantes de um processo de comunicação e suas questões ideológicas; ampliar e negociar sentidos, perceber noções de heterogeneidade e alteridade nas interações sociais por meio da Língua Estrangeira.

A divisão das disciplinas foi realizada por meio de temas, sendo que os conteúdos linguísticos também foram dispostos. Essa divisão se justifica em razão da própria solicitação dos professores nos cursos de formação da REME, por considerarem que o ensino da LE oportuniza o diálogo com outras áreas do conhecimento. Os temas contemplados para o 9º ano do Ensino Fundamental foram:

Língua Estrangeira Moderna I – Inglês, 1º semestre - Ampliando perspectivas: viagens pedagógicas. Objetivos: apresentar, discutir e promover a imersão virtual dos alunos em outras culturas, abordando diversos aspectos como crenças, comportamentos, valores, ética e alteridade que permeiam e identificam uma sociedade. Enfatizar a importância de se aprender uma Língua Estrangeira como prática social diante do mundo globalizado que vivemos, enfocando as várias formas de verdades situadas e de construção de sentidos, bem como buscar um trabalho pedagógico que valorize o dissenso, a heterogeneidade e a diferença. 2º semestre - Trânsito e sociedade: desafios do cotidiano e responsabilidade de todos. Objetivos: apresentar, discutir e problematizar com os alunos diferentes aspectos do trânsito em diversos países do mundo como sinalização, itens de segurança, direção defensiva, acessibilidade, mobilidade, acidentes, álcool e direção, responsabilidade do pedestre, ciclista, motoqueiro, entre outros, bem como buscar alternativas para a adoção de hábitos saudáveis no trânsito.

Língua Estrangeira Moderna II – Inglês, 1º semestre - Para onde vamos? Perspectivas para o futuro. Objetivos: discutir e problematizar diferentes tipos de perspectivas no que se refere ao campo profissional, ambiental (educação para o consumo e sustentabilidade), familiar, inclusão social, direito do idoso, tecnológico, político, econômico e social, analisando a situação do mundo do aluno e seu papel na sociedade. 2º semestre - Sentimentos e emoções: ecos de uma sociedade. Objetivos: apresentar a distinção entre sentimento (agradável, desagradável e neutro) e emoção (experiência subjetiva, associada ao temperamento, personalidade e motivação), discutir e buscar alternativas com os alunos de lidar com diversas situações de conflito apresentadas no cotidiano, bem como propor que expressem como percebem suas emoções (são estáveis ou mudam bruscamente, tem controle sobre suas emoções, ficam de mau humor constantemente, quais emoções tem mais facilidade ou dificuldade de lidar). Ademais, que eles possam refletir sobre o tema e rever sua própria postura quando necessária e diante de situações adversas, compreendendo que o conflito é inerente a interação humana. Para tanto, professor e alunos devem buscar meios para negociarem sentidos em situações de conflito e não simplesmente buscar “solução” ou “apagamento” de conflito, compreendendo de fato, as relações de alteridade e complexidade na relação com o outro.

Língua Estrangeira Moderna I – Espanhol. 1º semestre - Voces de otros encantos: países hispano hablantes. Objetivos: apresentar, discutir e conhecer a

multiplicidade cultural dos países hispano hablantes com a finalidade de aumentar o gosto pela língua e pela cultura hispânica, bem como desenvolver o espírito de tolerância, de respeito pelo outro e por uma cultura diferente. 2º semestre - Salud, bienestar y aseo personal. Objetivos: apresentar, discutir e definir saúde com os alunos no sentido de levá-los a entender tal conceito como um estado de completo bem estar físico, mental e social, bem como refletir, adotar e rever sua rotina natural de cuidados básicos de higiene pessoal.

Língua Estrangeira Moderna II – Espanhol. 1º semestre - Prejuicio y desigualdades: respeto a las diferencias. Objetivos: apresentar, refletir e problematizar com os alunos sobre a diversidade na sala de aula, no espaço escolar, na comunidade, no país e no globo, bem como introduzir a temática da valorização da diversidade e do respeito às diferenças. 2º semestre - Juventud en foco: estudiar, trabajar, planear. Objetivos: Construir com os alunos a noção de juventude, bem como refletir sobre as múltiplas dimensões das identidades juvenis e sobre a relação que os jovens estabelecem com as novas tecnologias, com o mundo do trabalho, e seus projetos de vida. Dessa maneira, estimulá-los a planejar e acreditar nos seus sonhos e também contribuir para que desenvolvam as capacidades para realizá-los.

Da mesma maneira, por meio da solicitação dos professores, os temas contemplados para a Educação de Jovens e Adultos foram: Língua Estrangeira Moderna I – Inglês, Fase Intermediária, 1º semestre - Ampliando perspectivas: viagens pedagógicas. Objetivos: apresentar, discutir e promover a imersão virtual dos alunos em outras culturas, abordando diversos aspectos como crenças, comportamentos, valores, ética e alteridade que permeiam e identificam uma sociedade. Enfatizar a importância de se aprender uma Língua Estrangeira como prática social diante do mundo globalizado que vivemos, enfocando as várias formas de verdades situadas e de construção de sentidos, bem como buscar um trabalho pedagógico que valorize o dissenso, a heterogeneidade e a diferença. 2º semestre - Saúde e bem estar. Objetivos: apresentar, discutir e problematizar saúde com os alunos no sentido de ampliar o entendimento sobre o tema como estado de bem estar físico, mental e social. Além disso, estimular os alunos a rever e adotar em sua rotina cuidados básicos no que diz respeito à própria saúde.

Fase final 1º semestre - Sentimentos e emoções: ecos de uma sociedade. Objetivos: apresentar a distinção entre sentimento (agradável, desagradável e neutro) e emoção (experiência subjetiva, associada ao temperamento, personalidade e

motivação), discutir e buscar alternativas com os alunos de lidar com diversas situações de conflito apresentadas no cotidiano, bem como propor que expressem como percebem suas emoções (são estáveis ou mudam bruscamente, tem controle sobre suas emoções, ficam de mau humor constantemente, quais emoções tem mais facilidade ou dificuldade de lidar). Ademais, que eles possam refletir sobre o tema e rever sua própria postura quando necessária e diante de situações adversas, compreendendo que o conflito é inerente a interação humana. Para tanto, professor e alunos devem buscar meios para negociarem sentidos em situações de conflito e não simplesmente buscar “solução” ou “apagamento” de conflito, compreendendo de fato, as relações de alteridade e complexidade na relação com o outro. 2º semestre - Preconceito e desigualdade: respeito às diferenças. Objetivos: apresentar, discutir e problematizar com os alunos sobre a diversidade na sala de aula, no espaço escolar, na comunidade, no país e no globo, bem como aprofundar a temática da valorização da diversidade e do respeito às diferenças.

Língua Estrangeira Moderna II – Inglês, 1º semestre - Para onde vamos? Perspectivas para o futuro. Objetivos: discutir e problematizar diferentes tipos de perspectivas no que se refere ao campo profissional, ambiental (educação para o consumo e sustentabilidade), familiar, inclusão social, direito do idoso, tecnológico, político, econômico e social, analisando a situação do mundo do aluno e seu papel na sociedade. 2º semestre - Trabalho em foco: desenvolvendo possibilidades. Objetivos: discutir e problematizar com os alunos a respeito do campo profissional, elucidando questões como postura, imagem e atenção aos cuidados básicos no que se refere ao acesso no mercado de trabalho, como por exemplo, entrevistas de emprego. Ressaltar aspectos sobre competência pessoal (sentir-se feliz e satisfeito consigo mesmo; estar motivado; amar o que faz e fazer sempre o melhor) e profissional (escolher a profissão certa; fazer cursos de aperfeiçoamento; atualizar-se e aceitar desafios).

Essa Ementa Curricular teve que ser criada em razão da modificação da carga horária de trabalho dos professores, uma vez que se fez cumprir a lei municipal de 1/3 de planejamento para os professores. Dessa maneira, os professores possuem carga horária semanal de vinte horas de trabalho, sendo treze horas em sala de aula e sete horas destinadas ao planejamento.

Diante disso, cada professor passou a ter seis turmas com 2 horas/aula e uma turma com 1 hora/aula para fechar a sua carga horária total de trabalho de 20

horas/aula. Portanto, a turma do 9º ano passou a ter duas disciplinas (Língua Estrangeira Moderna I e II) e, conseqüentemente, dois professores e dois conteúdos distintos.

O processo de implementação do documento se deu por meio de Curso de Formação Continuada de LE com todos os professores da REME, no início do ano de 2014, no qual foram apresentados aspectos importantes da nova Ementa Curricular, como os objetivos, pressupostos teórico-metodológicos e avaliativos, distribuição de temas e conteúdos por ano escolar, exemplos de atividades práticas e momentos para esclarecer dúvidas.

## **1.6 Identificação do contexto investigado**

### **1.6.1 Turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública**

O contexto investigado deste estudo é uma turma de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Campo Grande-MS, situada na região Imbirussu, com aproximadamente 900 (novecentos) alunos e fundada em 1978. É considerada a turma “problema” da escola pelos professores e gestores no que se refere às questões de indisciplina, de apatia, de falta de interesse nas aulas e da ausência do cumprimento de tarefas, atividades e deveres escolares pelos alunos.

A turma é composta por 27 (vinte e sete) alunos, um número relativamente admissível em se tratando da rede pública de ensino, quando em grande parte das outras escolas, há turmas de 9º ano com 35 (trinta e cinco) a 45 (quarenta e cinco) alunos.

Outra particularidade da referida turma são 2 (dois) alunos especiais, ambos com laudo de retardo mental grave. Há também a questão da distorção idade/série, na qual alguns alunos se encontram atrasados em relação ao ano escolar que deveriam cursar, por motivo de reprovação. Além disso, as famílias dos alunos, de um modo geral, não comparecem às reuniões escolares, entregas de notas, bem como, quando solicitados pela equipe técnica escolar, para atendimento individualizado. Contudo, nessas ocasiões, só comparecem os pais dos poucos alunos que são frequentes e comprometidos com as atividades escolares.

Embora, de início, tenha assistido outras aulas ministradas pela professora em diferentes turmas desta escola, optei pelo 9º ano em razão das características citadas acima e por considerar que o objeto de pesquisa deve ser desafiador, complexo, perturbador, aquele que nos instiga a escrever e nos coloca em situação constante de aprendizagem.

### **1.6.2 A professora-colaboradora da pesquisa**

A professora é formada em Letras – Licenciatura Plena com habilitação em Português/Inglês e respectivas Literaturas, na Faculdade da Zona Leste de São Paulo (FZL), no ano de 1989. Trabalhou como professora de escola pública no Estado de São Paulo até 1996. Neste mesmo ano, ela se mudou com a família para o Mato Grosso do Sul, trabalhando seis anos e meio na Fundação Bradesco, onde ministrou aulas de Português e Inglês.

Após esse período, no ano de 2002, mudou-se para Campo Grande-MS, onde trabalhou em escola pública estadual até 2004. Em 2005 passou no concurso público para professores de Língua Inglesa da REME e foi efetivada. Nos anos de 2006 a 2007 fez a Pós - Graduação em Língua Inglesa – Linguagens e Metodologias oferecida pela SEMED. Participou efetivamente do curso Professor sem Fronteiras e das Formações Continuadas da REME.

A referida professora ministra aulas de Inglês na mesma escola desde sua posse no concurso. Ela possui 25 (vinte e cinco) anos de trabalho em sala de aula e 50 (cinquenta) anos de idade. Sobre o fato da escolha da profissão a professora relatou que:

*P2: A minha mãe era professora, então eu acredito que tem alguma coisa aí na genética, uma herança genética, porque a minha mãe era professora e o amor que ela tinha (pela profissão). Ela era professora negra, era da roça, do interior e se formou por correspondência, prestou concurso, passou em primeiro lugar, pois estudava muito, foi trabalhar e eu a via chorar de alegria quando os alunos começavam a escrever os bilhetinhos pra ela, aquilo me fascinava, eu não entendia direito o que significava, mas eu via que fazia a minha mãe feliz, aí quando chegou a minha fase de decidir a minha profissão, eu pensei em tanta coisa, intérprete, hipismo, prestei até concurso para polícia, meu tio brincava comigo, ele falava que eu na polícia iria falar assim para um ladrão: “-você pode, por favor, levantar as mãos, eu não te*

*vejo na polícia.” Eu tentei muitas outras coisas na época, mas quando eu tive que efetivar, foi para Letras, e eu fiz, entrei em pânico, pensei que não iria dar conta, mas aí eu lembrei que as minhas atividades, as minhas brincadeiras preferidas eram as portas da minha casa e o giz da minha mãe, viviam riscadas as portas da minha mãe, então, eu acho que mesmo que eu tenha sido tentada ou assediada por outras coisas, outras opções, prevalecia à essência. Eu não sei se foi influência da minha mãe, ou sei lá, eu sempre quis ser professora, eu não me vejo hoje fazendo outra coisa. Agora então, meio século de vida que eu não me vejo mesmo, eu sou professora, eu vou continuar sendo professora, mesmo que eu faça outra coisa, mesmo quando eu me aposentar, eu vou ser professora, essas coisas vão além do título, é bem além da certificação. É ser professora, não tem como mudar.*

A escolha da profissão, para a professora, parece estar atrelada ao fato da mãe dela ser professora “herança genética” e por ela ter crescido nesse ambiente, razão pela qual, ela sempre teve admiração por essa profissão. A professora afirma que sempre quis ser professora, e, agora, com meio século de vida, não se vê fazendo outra coisa, mesmo quando a aposentadoria chegar. Esse depoimento é importante para discutirmos um pouco sobre a escolha da profissão, uma vez que, existem professores que não escolheram essa profissão porque realmente gostam dela, ou porque acreditam que tem o dom da docência. Há casos de pessoas que não conseguiram passar no vestibular para cursos considerados elitizados como medicina, odontologia, veterinária entre outros. Alguns, por motivo financeiro, fizeram a opção por cursos de licenciatura, que são os mais acessíveis. De qualquer forma, corroborando com Sousa (2011, p. 32) “a escolha da profissão não reflete necessariamente uma escolha e que vários fatores sociais, fundamentados na ideologia neoliberal, influenciam nessa decisão.” A autora discute ainda que o objetivo principal dos indivíduos em uma sociedade neoliberal é alcançar a satisfação e o status.

### **1.7 Aspectos educacionais, metodológicos e epistemológicos**

Ao longo do trabalho com formação de professores de Língua Estrangeira, sempre tive curiosidade de acompanhar as aulas dos colegas professores no chão da escola para verificar como se desenvolve o trabalho de docência desses profissionais. Para este estudo, busquei investigar se o curso de formação Professor sem Fronteiras teve implicações para a prática pedagógica da professora-colaboradora e, caso tenha



acontecido, de que maneira ela reinterpreto a proposta apresentada no curso para o contexto local.

Ademais, busquei problematizar os momentos de tensão que emergiram durante as aulas por meio de minhas observações, aos quais interpretei como acontecimentos realmente significativos de proporções desmesuradas em sala de aula, que provocam um estado de ansiedade, angústia e preocupação. Verifiquei que essas situações podem desencadear uma ruptura com o que foi planejado para aula e exige do professor a tomada de decisões não previstas diante de fatos inesperados. Por fim, busquei identificar como se desenvolveu o processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Língua Inglesa no contexto de uma escola pública.

Para tanto, neste estudo busquei responder a seguinte pergunta:

1. Como a professora reinterpreto a proposta apresentada no curso Professor sem Fronteiras para o seu contexto local?

Elenco, ainda, duas subperguntas para direcionar este estudo sobre o contexto investigado:

2. Por meio das experiências vivenciadas junto ao contexto investigado, como se desenvolveu o processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa em uma turma de 9º ano de uma escola pública de Campo Grande - MS?

3. Quais foram as implicações dos momentos de tensão em sala de aula para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa de uma escola pública?

A coleta de dados foi feita por meio de sete entrevistas (anexo 2) com a professora-colaboradora que ocorreram durante o segundo semestre de 2013, primeiro e segundo semestres de 2014. O registro das aulas foi realizado por meio de diário de bordo das aulas (anexo 3), ao longo do primeiro semestre de 2014 quando, concomitantemente, foram gravados os vídeos de todas as aulas durante a fase de investigação em sala. Apliquei um questionário (anexo 4) de pesquisa com os alunos ao final do primeiro semestre de 2014, por considerar este instrumento adequado para obter informações mais espontâneas. As atividades propostas pela professora-colaboradora para a turma de 9º ano foram: a elaboração de um documentário, *listening* com a música intitulada *We are family*, produção textual sobre os tipos de família, dinâmica do autódromo, tradução de frases em inglês, exercício de relacionar imagens e texto impresso, *slogan* para campanha publicitária também

foram importantes instrumentos de coleta de dados, principalmente por evidenciarem as produções dos alunos. Por fim, utilizei as narrativas de minha própria experiência como docente para ampliar a coleta de dados, uma vez que julguei pertinente ao tema tratado, apresentar relatos vivenciados por mim que ilustram também alguns fatos ocorridos no contexto investigado.

A presente pesquisa caracteriza-se pelo caráter qualitativo de cunho etnográfico interpretativo, com base na metodologia emergente pós-moderna e no conceito de rizoma e foi realizada com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande – MS.

Uma das características da pesquisa qualitativa, segundo Duff (2007) é sua possibilidade de explorar perspectivas e interpretações internas, ao invés de, apenas confiar no que pode ser observado ou mensurado do lado de fora, como em paradigmas de pesquisas mais tradicionais. Professores como participantes internos em relações educacionais têm o potencial de “ver do lado de dentro” esses relacionamentos. Seus olhares de dentro não podem ser duplicados por aqueles que estão em uma posição externa, como é geralmente o caso dos pesquisadores externos. Por outro lado, durante o processo, podem surgir questões que não eram aparentes, mas potencialmente identificáveis por aqueles que estão distanciados. Nesse sentido, Duff (op. cit.) aponta que a pesquisa qualitativa tem o potencial de unir as micro e macro análises, as perspectivas de dentro e de fora sobre as questões de determinados fenômenos que, de outra perspectiva, não seriam observáveis.

Sobre a etnografia crítica, Canagarajah (2009) aponta que a pesquisa etnográfica para o estudo do ensino de línguas e formação de professores pode desenvolver teorias que informem como a língua é praticada em contextos localizados, demonstrando, assim, o ponto de vista da própria comunidade num nível micro. Desenvolver pesquisa informada pela etnografia pode informar sobre o conhecimento local do professor, tais como as experiências, o cotidiano da sala de aula, a formação acadêmica, bem como verificar o que pode emergir quando uma proposta de formação continuada entra em contato com esse conhecimento local.

Essa investigação também apresenta características da metodologia emergente pós-moderna com base nos estudos de Somerville (2007). Para a autora a emergência é uma qualidade importante e pouco reconhecida nas pesquisas, pois, centra-se no potencial criativo das metodologias emergentes pós-modernas para gerar novos conhecimentos, ao explorar uma epistemologia de práticas alternativas

de representação que amplia o conceito de escrita como um método de investigação e da ação de reunir uma série de ideias e experiências em pesquisa qualitativa.

Nesse processo de emergência, o pesquisador conta com sua própria sensibilidade teórica para gerar categorias relevantes a partir dos dados, bem como para determinar posteriormente, quais dados ainda devem ser coletados, criando um espaço de entendimento da realidade e do ato de construção de significados. Uma epistemologia de emergência pós-moderna exige uma nova teoria que abarca múltiplas formas de expressão, tais como histórias, músicas, danças, pinturas, entrevistas, prosa acadêmica entre outros.

Assim sendo, o foco é a criação de trabalhar o espaço entre elas, ou seja, na pausa do processo interativo de representação, portanto, não se trata de produzir uma versão mais autêntica da realidade. Uma entrevista gravada, por exemplo, pode ser considerada como tal pausa, como um artefato relacional da interação entre pesquisador e pesquisado. Esse desempenho oral gravado, mantém a sua própria integridade na pausa, mas isso pode ser transcrito e reinterpretado a qualquer momento pela sua inclusão em um conjunto de outras representações. Por fim, a autora reitera que ao abordar essa questão, coloca de lado qualquer ideia preconcebida de ordem lógica, pois esta é uma estratégia que nega a linearidade e a causalidade. Corroborando com esse conceito de pesquisa criativa, Carter (2004, p.13) apud Somerville (2007, p. 240) enfatiza que “ela explora a heterogeneidade irreduzível da identidade cultural, o processo sempre inacabado de fazer e refazer a nós mesmos por meio de nossas formas simbólicas<sup>3</sup>.”

Nesse sentido, o desenvolvimento desta pesquisa não seguiu passos estabelecidos ou determinados de ordem lógica, mas buscou evidenciar os aspectos relevantes que emergiram da minha vivência com o contexto investigado, o que redefiniu, sobretudo, os objetivos deste estudo, bem como o corpus de análise, pois, no início, meu objetivo era fazer uma pesquisa de maneira estruturada, porém com o contato com o contexto local, percebi que a emergência dos fatos poderia dar mais subsídio para a discussão deste trabalho em razão da riqueza dos acontecimentos que foram surgindo e que eu não pude prever, até mesmo pelo fato de que o local

---

<sup>3</sup>“It explores the irreducible heterogeneity of cultural identity, the always unfinished processo of making and reaking ourselves through our symbolic forms.” (CARTER, 2004, p. 13) apud Somerville (2007, p.240).

informou questões que as lentes culturais desta pesquisadora não conseguiria antever ou pensar de antemão.

Ressalto ainda, dois aspectos epistemológicos importantes a serem conceituados: o conhecimento local e a ética na pesquisa. O primeiro, conforme Maciel (2013) orienta o foco da pesquisa para questões situadas em relação a fatores sociais, econômicos e políticos que moldam a prática social. O autor reitera que desenvolver pesquisa informada pela etnografia abre espaço para legitimar o conhecimento local do professor no sentido de considerar suas experiências e de analisar o cotidiano da sala de aula. Para fundamentar sua argumentação, o autor reporta a Norton (2010, p. 8) apud Maciel (2013, p. 242), para afirmar que o conhecimento local refere-se às “maneiras de saber pelas quais as pessoas negociam seus próprios termos que estão tipicamente fora das fronteiras dos paradigmas aceitáveis ou dominantes”, com base na familiaridade pessoal e decorrente da experiência vivida. Em se tratando deste estudo, considero ser possível afirmar que o contato com o conhecimento local ampliou minhas possibilidades de leitura de análise dos dados coletados, no sentido de entender que a incompletude dos resultados faz parte também do desenvolvimento da pesquisa, bem como de não apontar o que é certo ou errado em sala de aula. Com efeito, esse olhar, desencadeou em mim, um processo de reflexão e autocrítica de saber me colocar no lugar do outro, tanto no lugar da professora, quanto dos alunos do contexto investigado.

O segundo aspecto que discuto sobre ética em pesquisa, se baseia nos estudos de Takaki (2012). Conforme a autora, a ética é um aspecto que tem influenciado acentuadamente as metodologias de investigação, uma vez que enfatiza a importância da qualidade do diálogo entre o Eu e o Outro e de se colocar na posição do Outro, no reconhecimento de que as verdades, os valores e as éticas de ambos são válidas, o que pode conduzir a diferentes avaliações, interpretações e resultados da pesquisa. Adicionalmente, os diálogos podem mostrar a compreensão do Eu do pesquisador, por meio da relação com o Outro do pesquisado, ao elucidar que: “No interstício dos diálogos é que a linguagem poderá gerar mudanças que enfraqueçam a hierarquia pesquisador e pesquisado, abrindo espaço para práticas colaborativas, éticas e políticas que melhorem as vidas de ambos e da coletividade”. (TAKAKI, 2012, p. 88). Nesse sentido, entendo que, mais criatividade e humildade são necessárias para ampliar as possibilidades de se fazer pesquisas, sobretudo, na relação entre pesquisador e o contexto pesquisado, tendo como princípios: a flexibilidade, a

ambiguidade, a incerteza, a percepção de que as visões e atitudes do Outro influenciam o tratamento da metodologia, porque pressupõem posicionamentos e vozes, o que (TAKAKI, 2013, p. 62) define como “proceder sem violência, sem falar pelo Outro”. Nesse raciocínio, busquei analisar os dados da pesquisa sem falar pelos outros (professora e alunos). Utilizei também, narrativas de minhas próprias experiências para falar em primeira pessoa.

Esta pesquisa também desenvolve em sua metodologia, o conceito de rizoma proposto por Deleuze e Guattari (2011). Para os autores, o rizoma contrapõe-se a imagem da árvore, com sua estrutura de ramificação hierarquizada que vai das raízes até as folhas e afirmam: “Estamos cansados das árvores. Não devemos mais acreditar em árvores, em raízes ou radículas, já sofremos demais.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.25). Os autores defendem que o pensamento não é arborescente, pois o cérebro não é enraizado, sendo que os neurônios não formam um tecido homogêneo e contínuo. O cérebro e a própria estruturação do pensamento são multiplicidades. “Muitas pessoas têm uma árvore plantada na cabeça, mas o próprio cérebro é muito mais uma erva do que uma árvore.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.25). Para Cormier (2008) uma metáfora botânica, primeiro proposta por Deleuze e Guattari, pode oferecer uma concepção mais flexível do conhecimento na era da informação, pois a planta rizomática não tem centro e nenhum limite definido, em vez disso, é constituída de nós semi-independentes, sendo que cada um deles, é capaz de crescer e se espalhar por si próprio, limitado apenas pelos limites do seu próprio habitat. O autor enfatiza que na visão rizomática, o conhecimento só pode ser negociado, pois as novas tecnologias de comunicação e a velocidade em que elas permitem a divulgação de informações e a conversão das informações em conhecimentos, nos obrigam a reexaminar o que constitui o conhecimento. Além disso, nos incentiva a ter um olhar crítico para onde o conhecimento pode ser encontrado e como ele pode ser validado. Particularmente, o teórico adiciona que as práticas sociais de aprendizagem estão permitindo uma abordagem mais rizomática discursiva para a descoberta do conhecimento, bem como pode construir um modelo de educação flexível o suficiente para a maneira como o conhecimento se desenvolve e muda hoje, produzindo um mapa de conhecimento contextual, pois esse mapa é sempre modificável, conectável, reversível e possui várias entradas e saídas, “onde novas informações estão sendo assimiladas e testadas e os educadores podem começar a apreender o alvo em movimento que é o conhecimento no ambiente de aprendizagem moderna”

(CORMIER, 2008, p.9).

Outro autor com experiência em metodologia rizomática, Vicars (2012) reitera que essa metodologia desloca a produção de conhecimento para longe de procedimentos que garantam a uniformidade, a padronização e a normalização, pois tem como objetivo produzir um conhecimento diferente e produzir conhecimento de forma diferente. O teórico enfatiza que essa metodologia rompe com a perspectiva do pesquisador em ter autoridade e domínio sobre o processo de pesquisa. Considerando essa perspectiva, qual o caminho escolhe uma pesquisa quando seu olhar está comprometido com as multiplicidades que emergiram a partir das experiências vivenciadas?

Para ampliar essa discussão, enumero seis características de um rizoma proposto por Deleuze; Guattari (2011). Segundo os autores, os dois primeiros princípios são da conexão e heterogeneidade, um ponto de um rizoma conecta-se a qualquer outro ponto, não se estabelece nenhuma hierarquia, não é homogêneo, uma vez que se constitui a partir da heterogeneidade de suas matérias e movimentos. Esses princípios estão relacionados com a amplitude e complexidade do conhecimento, pois pensar em alguma coisa é estabelecer relações com múltiplos elementos e em diversos aspectos, instituindo olhares e visões diferentes dos outros.

O terceiro princípio é o da multiplicidade, contrariando a unidade do sistema arborescente, na qual parte-se de uma unidade que reproduz o próprio sistema da árvore. Para os autores, as multiplicidades são definidas pelo movimento de desterritorialização, a partir do qual crescem e mudam de natureza ao conectarem-se com outras. Dessa forma, o rizoma defende a inclusão, pois abarca diferentes pontos de partida, bem como considera, assimila e legitima diferentes pontos de vista em oposição à verdade única.

O quarto princípio é o da ruptura a-significante, um rizoma pode ser rompido em um lugar qualquer, “há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de remeter as outras.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.18). As multiplicidades crescem pelo movimento de e... e... e..., contrariando a binaridade que impõe o ou: ou isso ou aquilo. No rizoma é isso e aquilo, e mais aquilo e, assim, segue.

Cartografar e decalcar constituem o quinto e sexto princípios. Para os teóricos, o rizoma não é decalque, mas mapa. O mapa é o próprio movimento do rizoma, por isso não pode ser modelado, pois se constitui como uma experimentação, abrindo e

expandindo, com múltiplas entradas e não determina um caminho correto. Entra-se em um rizoma a partir de qualquer um de seus pontos. O mapa não assegura localização, pois há sempre modos diferentes de se ler um, portanto, está para busca da improvisação, “lançamo-nos, arriscamos uma improvisação. Mas improvisar é ir ao encontro do Mundo ou confundir-se com ele.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.28). Ou seja, o mapa é um esboço incompleto que requer incessantemente novos traços, pois expressam algo por vir, podendo ser revistos, rediscutidos, ressignificados e remapeados. O decalque é a cópia, a imitação do movimento, é a transferência de uma imagem, de uma forma, de um modelo para a superfície, ou seja, decalcar é interiorizar e não abrir. É reproduzir algo que já foi e que se mantém pelo próprio ato do decalque. (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Assim sendo, diante da complexidade da realidade social e da pluralidade das experiências vivenciadas, o conteúdo investigado representou uma multiplicidade de saberes. Para tanto, busquei estar atenta a essa multiplicidade ao coletar e analisar os dados, evidenciando suas conexões e heterogeneidade, buscando também ligações inusitadas existentes no cotidiano escolar, procurando expandir o território da própria pesquisa, propondo uma investigação que possa ser pensada no campo da experimentação e menos como instrumentalização. Penso que as breves considerações sobre a concepção de rizoma, possam direcionar o olhar do leitor para pensar este estudo como multiplicidade de conexões e possibilidade de romper com a hierarquização e compartimentalização de ideias. Em seguida, apresento o rizoma desta pesquisa, inspirado nas características e princípios propostos por Deleuze e Guattari (2011).

**INTRODUÇÃO (A)**

- A1 - A Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS (REME)
- A2 - O Programa de Formação Continuada para professores de Língua Estrangeira da REME
- A3 - O meu percurso como professora-formadora do currículo de Língua Estrangeira da REME
- A4 - A proposta e o desenvolvimento do curso Professor sem Fronteiras
- A5 - O processo de elaboração da Ementa Curricular de Línguas Estrangeiras – Inglês e Espanhol da REME para o 9º ano do Ensino Fundamental e para a Educação de Jovens e Adultos – EJA
- A6 - Identificação do contexto investigado
- A7 - Os aspectos metodológicos
- A8 - Organização do trabalho

**CAPÍTULO I (B)**

- B1 - Da formação de professores às contingências da sala de aula: um olhar sobre as questões emergentes
- B2 - A lógica da emancipação revisitada e a visão embaçada da pesquisadora em relação ao trabalho da professora
- B3 - A educação imperfeita: uma conversa sobre os alunos
- B4 - A escola como aparelho disciplinador
- B5 - O mundo líquido da pós-mtc

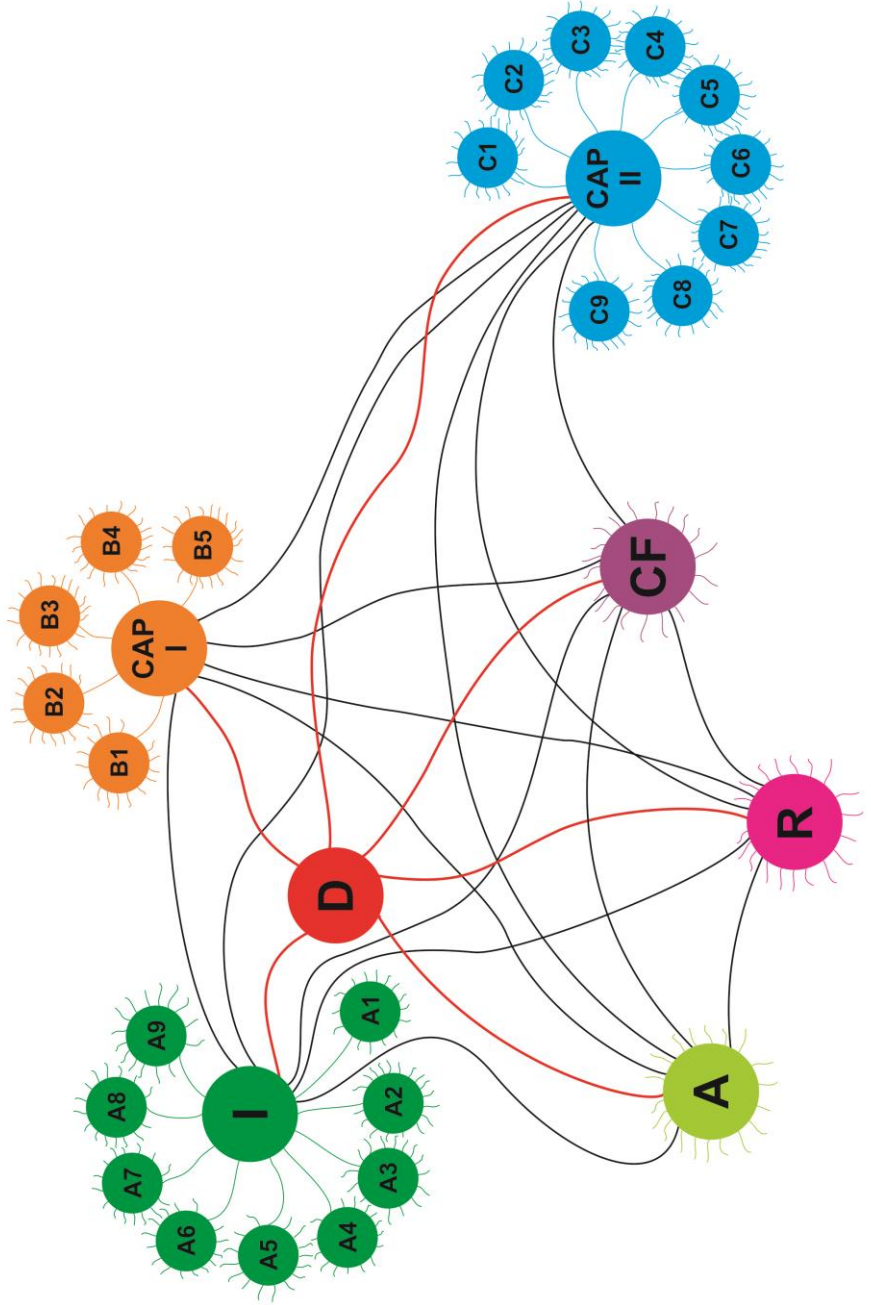
**CAPÍTULO II (C)**

- C1 - Do planejamento idealizado às produções dos alunos: algumas reflexões em torno do processo de ensino e aprendizagem
- C2 - Episódio 1 - Indisciplina na sala de aula
- C3 - Episódio 2 - As condições de trabalho da professora
- C4 - Episódio 3 - Alguns percursos do desenvolvimento da carreira da professora
- C5 - Episódio 4 - A prática avaliativa da professora
- C6 - Episódio 5 - A ampliação da noção de letramento para o campo da imagem
- C7 - Episódio 6 - A análise e a sistematização do processo de elaboração de uma atividade de documentário
- C8 - Episódio 7 - Prioridades para melhorar as aulas
- C9 - Episódio 8 - A percepção dos alunos em relação a escola do contexto investigado

**CONSIDERAÇÕES FINAIS (CF)**

**REFERÊNCIAS (R)**

**ANEXOS (A)**





## 1.8 Organização do trabalho

Optei por produzir um texto no qual discorro sobre os temas que emergiram no desenvolvimento da pesquisa embasada nos pressupostos educacionais, metodológicos e epistemológicos dos teóricos: Duff (2007), Canagarajah (2009), Somerville (2007), Maciel (2013), Takaki (2012), Deleuze; Guattari (2011); Cormier (2008) e Vicars (2012), assim como a geração dos dados e seus resultados, o aporte teórico, minhas experiências e reflexões se encontram entrelaçados ao longo da escrita.

No capítulo I descrevo, analiso e problematizo sobre o processo de formação colaborativa com base nos estudos de Deleuze (2007); Foucault (2007); Santos (2008); a lógica da emancipação revisitada segundo Rancière (2013) e Maciel (2014); o conceito de educação imperfeita produzido por Todd (2008); a escola como aparelho disciplinador apoiada nas ideias de Comenius (1957); Foucault (1996); Veiga Neto (1996); a educação didática descrita por Cope e Kalantzis (2012) e a concepção de mundo líquido no campo educacional instaurado por Bauman (2010).

No capítulo II, por meio de episódios, descrevo, analiso, discuto, sistematizo e apresento os resultados do processo de elaboração de uma atividade de documentário negociada com a professora-colaboradora e ressignificada por ela para uma turma de 9º ano de uma escola pública, com base nas premissas do curso Professor sem Fronteiras. Nesse percurso, descrevo também outras atividades que serviram de suporte para o desenvolvimento do documentário, assim como discuto sobre os momentos de tensão que emergiram em sala de aula gerados pela constante indisciplina dos alunos; problematizo as condições de trabalho da professora colaboradora e alguns percalços do desenvolvimento dessa carreira; descrevo e analiso uma prática avaliativa da professora; elenco algumas prioridades para melhorar as aulas com base nos relatos da professora e dos alunos, e, finalizo com uma reflexão sobre a importância do espaço escolar e a necessidade de reformulá-lo.

## CAPÍTULO I

### Da formação de professores às contingências da sala de aula: um olhar sobre as questões emergentes

*P2: Com certeza eu acredito que toda a oportunidade que temos de troca e de convivência sempre é positiva, ou pra gente ver o que funciona, o que não funciona, ter parâmetros porque você tem uma prática, você se questiona, você replaneja, repensa, tenta ressignificar o seu trabalho dentro daquele seu contexto, mas quando você abre outras janelas, você visualiza outras situações, outras formas e outras visões.*

Início este capítulo com um recorte da entrevista concedida pela professora-colaboradora desta pesquisa que relata com apreço suas impressões a respeito do curso Professor sem Fronteiras. Por meio deste recorte, provoço, em princípio, o leitor desta dissertação, a refletir sobre a responsabilidade que temos acerca de nossa própria formação, pois, como educadores imersos em uma sociedade digital globalizada e em meio a tantas transformações decorrentes das mudanças na comunicação e nas formas de interações entre as pessoas, com efeito, há a necessidade de estarmos permanentemente cuidando da nossa formação, especialmente porque, de fato, presenciamos um distanciamento entre a proposta de aprendizagem da escola e os interesses de aprendizagem dos alunos.

Para ilustrar tal distanciamento vivido por eles fora dos muros da escola, perguntei a um aluno do contexto investigado se ele se sentia motivado para estudar. Ele respondeu: - *Não, pois as propostas de empregos ilegais são muito melhores.* Tal afirmação reitera a constante preocupação que tenho em questionar qual o papel da escola na atualidade e das teorias educacionais, bem como sobre o quanto, nós professores, estamos insensíveis ao mundo dos alunos fora dela. Mundo esse repleto de problemas, de incertezas e de perplexidades como é possível interpretar na resposta do aluno.

Assim sendo, neste capítulo, busco responder, parcialmente, por meio da análise dos dados coletados durante a fase de investigação, como os momentos de tensão, gerados pela constante indisciplina dos alunos, alteraram o desenvolvimento das aulas. Antes disso, para situar o leitor, teço algumas considerações sobre o processo de formação colaborativo e sua importância para o desenvolvimento da atividade docente.

Como professora-formadora, nos encontros de formação com os colegas professores da REME, com frequência, discutimos como as questões sócio-econômicas afetam a vida escolar dos alunos. Nesses momentos, percebo a ansiedade dos professores em buscar, em tempos atuais, teorias que problematizem tais questões e não somente aquelas que prescrevem como proceder em sala de aula, sem levar em consideração outros fatores que interferem no processo de ensino e de aprendizagem. Em algumas oportunidades e por meio dos registros de avaliações dos professores, notei que quando a SEMED convida pesquisadores das universidades para falar sobre determinados assuntos relacionados às práticas pedagógicas, por exemplo, muitos deles se mostram insatisfeitos com as propostas apresentadas. Em uma dessas ocasiões, no final do evento, uma professora me procurou e reclamou dizendo: - *Em que mundo vive essa pessoa?* Percebo nessas ocasiões, a acentuada crítica por parte deles em relação às pessoas que só teorizam e sugerem como proceder nas aulas, mas desconhecem com profundidade os problemas e as dificuldades enfrentadas por eles no chão da escola. Nesse sentido, Deleuze (2007, p.71), em conversa com Foucault, discute que “uma teoria é como uma caixa de ferramentas. É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma”. Outrossim, os autores reforçam que se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é porque ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Santos (2008, p. 19), por meio de suas investigações, reitera que sua hipótese é que “as teorias e disciplinas reagirão de modo não-teórico e não-disciplinar quando forem objeto de questões não previstas por elas”. Para ele, no plano epistemológico, “as teorias e disciplinas perdem a compostura e a serenidade quando são interpeladas por questões que não tenham formulado a si próprias”. Por último, Santos (2008, p. 41) enfatiza que “nas salas de aula, nos corredores, nos bares, na extensão universitária, há muitos saberes e práticas, incertezas e preocupações, culturas não oficiais, lutas por sobrevivência e libertação” que não são reconhecidas no currículo formal.

Em se tratando do curso Professor sem Fronteiras, julgo que seu diferencial foi buscar ouvir primeiramente os anseios e as necessidades dos professores, tentando elaborar as aulas considerando as dificuldades vivenciadas por eles, bem como, houve por parte dos formadores uma postura de humildade em reconhecer que os professores detêm a prática naquele contexto, contexto que os formadores não possuem vivência. Ao final do curso, em conversa com um dos professores

formadores, ela foi bastante enfática em afirmar que muito aprendeu sobre ministrar aulas em contexto de escola pública e que, a partir desta experiência, passou a admirar aquele grupo.

Outro aspecto pertinente que devo acrescentar, é que houve uma constante preocupação da minha parte e dos outros dois técnicos de LE em acompanhar o desenvolvimento do curso, para buscarmos elaborar os materiais dos encontros de formação da REME em conformidade com a proposta apresentada, para que não houvesse divergências de ideias e objetivos. Nesse processo, considero que, algumas vezes, reinterpretamos, adequamos, ressignificamos, mesclamos as teorias, pois não há garantias de aprendizagem, por isso revisitamos constantemente o planejamento das aulas.

Devo confessar que, quando iniciei o mestrado, uma das minhas preocupações como professora-formadora foi buscar me manter próxima dos professores e da realidade em que trabalho, sem me deslumbrar muito com as teorias. Talvez tenha sido uma forma de resistência da minha parte em buscar estar atenta e desconfiada com as questões não previstas por elas. Contudo, aprendi ao longo deste estudo, o quanto é importante conhecermos e discutirmos outras visões de educação, com outros pesquisadores, em outros contextos.

Como aluna de mestrado, considero ser oportuno encontrar o elo entre as práticas pedagógicas exercidas pelos professores nas escolas e o discurso das teorias educacionais promovido nos cursos de Graduação e Pós-Graduação e nas diversas literaturas existentes, para que possamos enfrentar esse desafio com os “pés no chão”. Junto a isso, sempre que possível, em sala de aula, é desejável relacionar o mundo real com o mundo científico, oportunizando aos alunos um conhecimento aplicável em sua vida dentro e fora da escola. Todavia, nos acompanhamentos pedagógicos realizados por esta pesquisadora junto aos professores de LI, constatei a dificuldade que muitos deles têm em fazer essa relação. Desse modo, o conhecimento acaba por ser transmitido de maneira desvirtuada, inquestionável, pronto e acabado; contribuindo para o crescente e notável desinteresse dos alunos para com as atividades escolares. Para confirmar tal prerrogativa, interroguei a um aluno do contexto investigado, se ele conseguia ver relação entre os conteúdos aprendidos na escola com a sua vida fora dela. Ele respondeu: - *Alguns, pois outros eu nunca mais vou ver na minha vida.*

No entanto, algumas políticas de educação voltadas para formação de professores têm levado em consideração a realidade da escola ao promover cursos para professores, como o próprio Programa de Formação da REME, amplamente apresentado na introdução, bem como as premissas do curso Professor sem Fronteiras; ambas partem das dificuldades elencadas pelos professores em sala de aula.

Ademais, considero pertinente destacar que, muitos acadêmicos dos Cursos de Pós-Graduação vêm até esta Secretaria de Educação solicitar autorização para desenvolver diversas pesquisas no campo educacional nas escolas da REME, com gestores, professores e alunos, porém, ao final delas, não retornam para socializar seus estudos, nem se quer trazem uma cópia de suas dissertações ou teses para que os participantes delas possam ler. Para certificar o que estou sinalizando, fui recentemente até a biblioteca localizada na própria SEMED e fiz uma busca para verificar tal ocorrência e, infelizmente, não encontrei nenhum trabalho. Perguntei à bibliotecária responsável se ela tinha o registro de algum trabalho acadêmico realizado sobre a Rede Municipal de Ensino e, ela confirmou que não. Fica o alerta para as universidades e os acadêmicos que se sensibilizem em relação a esse fato, mudem de postura e se comprometam em dar um *feedback* as instituições investigadas, pois essa contribuição poderá servir para auxiliar o trabalho dos profissionais envolvidos com a educação do município de Campo Grande-MS.

### **1.1 A lógica da emancipação revisitada e a visão embaçada da pesquisadora em relação ao trabalho da professora**

Ao retomar as premissas desta pesquisa citadas na introdução, acompanhei a professora-colaboradora durante sua participação no curso Professor sem Fronteiras ao longo de dois semestres. Durante esse período, realizei entrevistas sobre o conteúdo de cada uma das aulas, bem como sobre os professores-formadores, a metodologia, os materiais utilizados, as atividades propostas e a aplicabilidade delas no contexto da escola pública.

Por meio das entrevistas e conversas com a professora nos momentos de planejamento na escola, percebi seu encantamento e entusiasmo ao se referir à metodologia utilizada no curso e especialmente sobre a acolhida dos professores

formadores em relação aos professores-cursistas. Contudo, a professora deixou transparecer em seu discurso, de maneira frequente, que esperava que os professores-formadores apresentassem soluções para as dificuldades enfrentadas por ela no cotidiano escolar. Para melhor discutir sobre a expectativa da professora, teço algumas considerações sobre a lógica da emancipação revisitada proposta por Rancièrè (2013), na qual o autor destaca as principais contradições dessa lógica.

A primeira contradição refere-se à relação de dependência, na qual o emancipado depende da intervenção do emancipador, baseado no conhecimento teórico que lhe parece inacessível. Nesse raciocínio, Maciel (2014, p. 253) reforça que “parece-me incoerente que uma pessoa externa tenha que desempenhar o papel de desvelar uma verdade ou de apontar os caminhos a serem seguidos para um contexto que não lhe é familiar”. Corroboro com essa ideia, porque mesmo estando presente durante quinze horas/aula junto da professora e dos alunos do contexto investigado, não consegui responder a contento, quando indagada pela professora, qual o melhor procedimento a ser feito diante das diversas situações apresentadas na complexidade da sala de aula.

A segunda diz respeito à relação de desigualdade, na qual o emancipador é aquele que ocupa uma posição superior e o emancipado uma posição inferior, pois supostamente o emancipador é o que sabe mais. Ledo engano, pois na convivência com o contexto investigado não foi possível verificar a relação de desigualdade entre a pesquisadora e a professora-colaboradora, pois ambas se mostraram vulneráveis diante do cenário apresentado.

A terceira e última contradição reporta-se a desconfiança e a suspeita, a qual sugere que precisamos de outra pessoa para nos dizer o que estamos presenciando e quais as melhores alternativas a seguir. Acredito ser improvável no que se refere a esta pesquisa e ao contexto investigado, a professora-colaboradora precisar que outra pessoa lhe diga o que de fato ela presencia no cotidiano escolar, por exemplo. Sobre isso, devo acrescentar que eu precisava viver esta experiência para poder assimilar melhor o que de fato acontece na sala de aula, sem ilusões, desemaranhando as linhas que me prendiam a uma visão embaçada do trabalho do professor.

No intuito de ampliar esse debate, nos cursos de formação da REME, os quais ministro, ao preparar os textos e atividades a serem discutidas e socializadas com os professores, buscamos estabelecer juntos a ponte entre prática e teoria. Reflito comigo que tal ação deve funcionar como um combustível para que o professor possa

de alguma maneira, utilizá-lo com a finalidade de melhorar o insumo oferecido nas aulas. Com efeito, considero que tudo isso funciona como um ponto de partida e não como algo que se espera que aconteça. Abro esse parêntese principalmente para aclarar que, participar de cursos de formação não assegura que os professores coloquem em prática as sugestões apresentadas, muitos deles ouvem as propostas, até acham interessantes, mas não as efetivam com os alunos. Tenho constatado esse fato, principalmente nos acompanhamentos pedagógicos que realizo nas escolas, pois quando pergunto aos colegas se eles têm utilizados as propostas apresentadas nas formações, parte deles responde que ainda não deu tempo ou dá muito trabalho. Outros simplesmente respondem que não é ponto final, poucos são aqueles que efetivamente põem em prática. Ao retratar essa situação, percebo o quanto é complexo o trabalho do formador, pois, por mais que a gente se esforce em estar se atualizando constantemente em relação às propostas pedagógicas e imersos em cursos de Mestrado e Doutorado, ou participando de congressos e palestras da área, ainda assim, muitas vezes, não conseguimos sensibilizar os professores-cursistas.

Acrescento também que, quando há eventos sobre formação de professores de línguas, por exemplo, os oferecidos pela Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de Mato Grosso do Sul – APLIEMS e também pelas universidades locais, raros são os professores que participam. Preocupada com essa situação, perguntei para alguns colegas o porquê de eles não comparecerem a esses cursos, uns disseram que não têm tempo, pois trabalham os três períodos nas escolas, outros têm como prioridade os afazeres domésticos e outros preferem participar dos momentos de lazer com a família. Como tal, pergunto quais ambições temos como professores? O termo ambicionar consta no Dicionário Online de Português com as definições de: 1. Buscar com empenho; 2. Desejar intensamente; 3. Cobiçar. Carlos Drummond de Andrade cunhou o termo ambicionar de maneira veemente ao dizer: “- Necessitamos sempre ambicionar alguma coisa que, alcançada, não nos torna sem ambições”. Este termo é bastante pertinente para refletirmos sobre a responsabilidade que temos acerca de nossa própria formação, uma vez que o educador pouco ambicioso, é também aquele que pouco poderá se emancipar.

Nesse mesmo raciocínio, segundo Rancière (2013), é saudável o educador ambicionar emancipar-se a si mesmo, para que sua prática pedagógica possa ser um ato de emancipação e não de embrutecimento. Apenas se emancipando e por meio

desse exercício em si mesmo, o professor poderá estar preparado para um processo de subjetivação que insista em que cada aluno emancipe a si próprio.

Para ampliar esse debate, considero o pensamento de Foucault (2007) produtivo para provocar em nós, certa inquietude acerca de nossa própria formação. Assim sendo, o autor nos desafia a pensar uma construção autônoma de si, como resultante dos jogos do poder, saber e de verdades, na qual vamos nos constituindo socialmente e coletivamente, descolonizando o pensamento em lugar de novamente loteá-lo. Para a discussão neste trabalho, descolonizar o pensamento trata-se de estarmos atentos e desconfiados diante das verdades que nós mesmos, professores e alunos, ajudamos a construir e disseminar. Para tanto, no trabalho do professor com os alunos, é providencial que durante as aulas se promovam momentos para a experiência, para a reflexão, para a problematização do que propriamente para instaurar ou reforçar verdades, de modo a estarmos preparados a revisitá-las, revisá-las, e se for preciso, modificá-las.

## **1.2 A educação imperfeita: uma conversa sobre os alunos**

Ao recobrar as premissas desta pesquisa, já no segundo semestre do curso, iniciei os trabalhos de colaboração com a referida professora. A princípio, fui até a escola assistir suas aulas e conhecer o grupo de alunos. Após esse diagnóstico inicial, discutimos com base nas atividades propostas no curso, como poderíamos fazer as adaptações necessárias e a elaboração de outras atividades para então, aplicá-las com os alunos, considerando as particularidades da turma já citadas na introdução, bem como os recursos disponíveis na escola.

Os períodos de colaboração, aplicação, desenvolvimento, finalização e apresentação das atividades ocorreram do dia 24 de março a 30 de junho de 2014, para tanto, em todas as aulas estive presente e acompanhei a turma desde a formação da fila na quadra da escola até o bater do sino para a aula seguinte, fiz o registro por meio de vídeos e diários de bordo, bem como apliquei um questionário de pesquisa com os alunos e entrevistei novamente a professora.

Confesso, que de início, eu e a professora ficamos bastante apreensivas em relação à motivação e a reação dos alunos diante das atividades propostas, devido à apatia e a indisciplina constante deles, bastante perceptível nas observações



registradas. Com a finalidade de ilustrar esses fatos, cito alguns registros feitos pelos professores na ficha de acompanhamento de sala de aula dos alunos do 9º A, na qual consta:

*P: Aluno conversa excessivamente; não faz tarefas; falta de interesse; uso do celular escondido durante a aula; caderno incompleto; sem livro, sem caderno, sem material; aluno indisciplinado, aluno atrapalha a aula, só incomoda e dá risada; aluno trocou a prova com outro colega; chamou a professora de velha; aluno falta excessivamente às aulas; não realiza atividades; aluno fraco; desobediência ao professor; aluno não produz nada, só quer sair para tomar água e ir ao banheiro; não comparece no dia de provas; desacato ao professor; aluno só promove bagunça e joga papéis nos outros colegas; alunos mascando chicletes; aluno indisciplinado e que não admite ser chamado à atenção; não se envolve nas atividades e só faz brincadeiras com os colegas; aluno debochado; o aluno M. estava saindo para beber água e quando voltou, deu um tapa no rosto do colega T. (o aluno M. foi suspenso por 3 dias); o aluno T. agrediu o aluno Th., acusou ele de pegar sua borracha e o mesmo se defendeu da agressão.*

Para problematizar essa discussão, exponho algumas ponderações expressas por Todd (2009) sobre a educação imperfeita com suas contradições, ódio, violência e antagonismo frente ao contexto investigado. A autora faz uma consistente descrição acerca da ideia de imperfeição nas relações entre humanidade e educação e descreve o modelo educacional moderno orientado para o desenvolvimento da dignidade, da tolerância, do respeito e da liberdade, o que chama de “pacote de valores universais”. Problematiza, ainda, tais questões ao reiterar que a pós-modernidade já não mais consegue se sustentar em ideias puras, homogêneas e romantizadas como a noção de bondade. Assim sendo, propõe a compreensão da escola atual como um espaço de pluralidade e diferença, o que implica entendê-la como escola imperfeita na medida que a pós-modernidade prevê também, a imperfeição como característica inerente as práticas sociais. Dessa maneira, a escola teria como nova função problematizar os valores puros e românticos, para depois conceber um humanismo imperfeito, não mais limitado a ideia de bondade, mas também repleto de contradições, ódio, violência e antagonismo.

Na sequência, por meio de um olhar para o corpo, discuto sobre três questões importantes sinalizadas por Foucault (2007) no campo educacional: a escola como aparelho disciplinador, o poder disciplinar e o controle dos corpos e sua relação com um tipo de discurso recorrente na instituição escolar por parte da equipe técnica (gestores, coordenadores e supervisores) da Rede Municipal de Ensino de Campo

Grande-MS (REME). Para tanto, faço uso de um recorte da acolhida realizada pela diretora do contexto investigado.

### 1.3 A escola como aparelho disciplinador

Não obstante, a remanescência do conservadorismo na sociedade pós-moderna no que diz respeito a disciplina escolar ainda resiste fortemente no discurso da equipe técnica escolar. Para retratar tal evento, apresento um recorte da acolhida feita pela diretora escolar antes do início de uma das aulas com os alunos na quadra da escola. A diretora subiu no púlpito de três andares e disse:

*D: - Cadê a ordem de tamanho nas filas? - O que é isso aqui? - Professores por gentileza, controlem seus alunos! - É pra jogar os chicletes! - Estou aguardando o silêncio para começar a oração. - Olha os modos! - Não se tem respeito nem no momento de falar com Deus. - Vamos fazer a oração agradecendo pela nossa saúde e pela nossa vida. - Pai nosso... - Ave Maria... - Não quero ver ninguém passeando pelos corredores. - Lugar de aluno é dentro da sala de aula. - Vocês que chegaram atrasados, formem uma fila aqui do lado.*

Esse discurso se assemelha a muitos outros evidenciados nas 94 (noventa e quatro) unidades escolares que eu pude observar durante os momentos de acolhida em que estive presente nas escolas. Parece que há, de modo geral, um consenso de que a acolhida seja propícia para fazer ajustes em relação ao comportamento dos alunos, bem como de agradecer a Deus pela vida.

Dessa perspectiva, na sequência, apresento algumas reflexões sobre a análise do discurso proposta por Foucault (1996) para melhor contextualizar o assunto. Em seguida, para discutir um pouco mais as questões que envolvem a disciplina escolar entendida como uma das problemáticas centrais da pedagogia, exponho alguns excertos escritos por Comenius (1957) e Foucault (2007), os quais discorreram ricamente sobre o tema. E ainda, por meio da exploração das muitas possibilidades que o pensamento de Foucault descerra para o exame da educação e apoiada na originalidade de suas ideias, discuto o conceito de sujeitificação amplamente debatido pelo autor.

O discurso é a prática social de produção de textos. Isto significa que, todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado

considerando seu contexto histórico-social, suas condições de produção; significa ainda que, o discurso reflete uma visão de mundo determinada e necessariamente vinculada à do(s) seu(s) autor(es), e à sociedade em que vive(m).

Dessa maneira, segundo Foucault (1996) o texto é o produto da atividade discursiva e o contexto é a situação histórico-social de um texto, envolvendo não somente as instituições humanas, como ainda, outros textos que sejam produzidos e com ele se relacionem. Portanto, para a interpretação de um texto deve-se, de imediato, saber que há um autor, um sujeito com determinada identidade social e histórica e, a partir disto, situar o discurso como compartilhando desta identidade.

Por sua vez, sua importância para a análise do discurso está em contextualizar os discursos como elementos relacionados em redes sociais e determinados socialmente por regras e rituais, bem como modificáveis na medida em que lidam, permanentemente, com outros textos que chegam ao emissor e o influenciam na produção de seus próprios discursos.

Analisar o discurso para Foucault (1996) seria dar conta exatamente disso: de relações históricas e de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos. Em sua obra “A Ordem do discurso”, o autor sublinha a ideia do discurso como:

*[...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os tornam irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1996, p.56).*

Exercer uma prática discursiva significa falar segundo determinadas regras, e expor as relações que se dão dentro de um discurso, segundo o qual, se sabe o que pode e o que deve ser dito, considerando o campo e de acordo com certa posição que se ocupa nesse campo, pois, supõe-se que em toda sociedade, a produção do discurso é, de certa forma, controlada, selecionada e organizada

A partir da teorização foucaultiana, busco problematizar acerca do porquê a disciplina escolar ainda é vista como mecanismo fundamental para o gerenciamento dessa instituição. Para Foucault (1996), todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou selecionar a apropriação dos discursos, considerando as relações de saberes e poderes. O autor afirma que o sistema de ensino é, senão, uma ritualização da palavra, uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam e, ainda, define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso, constituindo um grupo doutrinário.

Outro ponto que merece destaque, por exemplo, é perceber que o discurso evidenciado na acolhida da diretora, vai se cristalizando com o tempo e sendo reforçado por toda a equipe técnica da escola, pelo qual podemos entender que disciplinar é tanto organizar e classificar os indivíduos como domesticar os corpos e suas vontades.

Diante desse contexto, como profissional da educação, em diversas situações voltadas à complexidade dos discursos em que estamos todos imersos de certa forma, considero ser preciso inquietar-se e questionar o porquê isso é dito, dessa maneira, nessa situação, nesse tempo e nesse lugar? É ter coragem de efetivamente ser sujeito do enunciado, em um inevitável embate com a própria consciência e o medo, ambicionando jamais cindir-se, posicionando-se distintamente e afirmando a própria integridade. E, finalmente, viver o discurso como um processo, como possibilidade de transformação, como desejo de distanciar-se de si próprio e empreender um esforço de pensar diferente do que se pensa.

Para tanto, o que se propõe em seguida é analisar como a escola enquanto instituição disciplinar fabrica sujeitos, isto é, fabrica corpos “assujeitados” por meio do poder disciplinar.

A escola, poderosa máquina de vigilância da modernidade, resulta de um longo processo histórico que a impõe como lugar privilegiado, exclusivo e legitimado de saber. Dessa maneira, nesta dissertação, não se objetiva concordar ou divergir da escola ou da forma que ela está posta, mas fazer uma sucinta análise da escola como instituição disciplinar.

Outro teórico que discorre sobre o tema, Comenius elucidava que “a todos aqueles que nascem homens é necessária a educação, porque é necessário que sejam homens, não animais ferozes, nem troncos inertes” (COMENIUS, 1957, p.125). A perspectiva comeniana de educação não aceita que o indivíduo não passe pelo

processo de escolarização, uma vez que entende o ser humano como educável por natureza. Dessa maneira, a visão de educação trazida pela escola moderna, entende que todo ser humano é capaz de ser educado, por isso considera a educação obrigatória.

Todavia, pensando na educabilidade humana, uma das preocupações dessa escola foi instituir pedagogias corretivas, no sentido de “dar conta” daqueles alunos que não se enquadram no padrão de normalização imposta. Um exemplo da pedagogia corretiva do século XIII que podemos citar são as ordenações por fileiras que começam a dividir o corpo discente de forma a organizar a escola em arranjos, surgindo as filas para entrar e sair da sala, filas no corredor, no pátio, por séries, por idade, por altura. Esse mecanismo serve também para controlar os corpos, bem como para localizar os alunos que não se ajustam nessa estrutura, o que pôde ser evidenciado no momento da acolhida feito pela diretora escolar mencionado anteriormente.

Por meio desse mecanismo de controle dos corpos, o filósofo deixa claro que o objetivo da escola moderna foi disciplinar. E ainda, ao associar escola à disciplina, ele marca de maneira importante o papel que o tempo e o espaço ocupam nesse processo. Assim sendo, a instituição escolar, em sua constante busca pelo enquadramento dos sujeitos, normatiza o tempo, produzindo sujeitos autocontrolados. Ademais, ao normatizar o tempo, a escola passa a exigir que todos internalizem e aprendam em tempo delimitado que serve como medida comum a todos.

Com efeito, essa instituição acaba por excluir àqueles que não conseguem aprender nesse tempo, o que caracteriza uma perversa estratégia da escola moderna para determinar os que podem ou não ocupar o espaço escolar. Em verdade, a escola enquanto aparelho disciplinador precisa constituir-se em um espaço útil para o capitalismo, pois este só pode ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no mecanismo de produção, por meio de um ajustamento da população aos processos econômicos.

Adicionalmente, a escola enquanto máquina de governabilidade constitui-se em um espaço de governo da alma dos sujeitos, operando a partir de sua subjetividade e fazendo uso do poder que a sustenta. E ainda, o que caracteriza a sociedade moderna segundo Foucault (2007) é a individualização, a regularização, a autonomização e definitivamente a governabilidade dispersa, normalizando o ímpeto e tudo mais dos sujeitos.

Dessa maneira, a escola foi inventada para disciplinar e governar os sujeitos modernos, dispensando o uso da violência, e valendo-se de métodos sutis de persuasão que agem de maneira indireta sobre as escolhas dos indivíduos, bem como de seus desejos e conduta, deixando o sujeito “livre para escolher”, mesmo que constantemente ele esteja envolvido por normas que aprisionam à sua própria consciência, assim sendo, o poder disciplinar produz sujeição e a sujeitificação do indivíduo, na qual uma imensa força de conformismo é exercida sobre ele.

Ao longo do tempo que estive em sala de aula, fazendo a coleta de dados e as observações, percebi que a professora ficava bastante preocupada em saber o que eu estava achando das aulas e da sua metodologia. Em entrevista, ela relatou que gasta em média 30% do tempo de aula com a indisciplina dos alunos e que não tem o hábito de gritar ou de se exaltar em sala. Recentemente, o site UOL, em São Paulo publicou uma matéria sobre o tema, na qual consta que os professores brasileiros gastam, em média, 20% do tempo de aula mantendo a disciplina na classe, segundo levantamento da Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem coordenada mundialmente pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico-OCDE. Conforme a matéria, o docente gasta em média, um em cada cinco minutos pedindo silêncio ou chamando a atenção por bagunça. No caso da professora-colaboradora, esse tempo se excede ainda mais, um minuto e meio em cada cinco minutos. Devido a sua preocupação constante ao me perguntar o que eu achava dessa situação, conversei com a professora que definitivamente não estava ali para julgar se o que acontece em sala de aula é certo ou errado.

Acrescento a isso, o fato de estar na sala de aula uma pessoa externa, pode interferir na rotina da professora, todavia, notei que para os alunos não houve nenhuma mudança na rotina. No decurso da coleta de dados, eles não se intimidaram ou se preocuparam em fazer silêncio, muito menos em manter as “aparências”, ou tampouco em colaborar com a professora, ou fazer as atividades quando solicitados. Entendo a preocupação da professora-colaboradora e me solidarizo diante de sua preocupação, porque é difícil estarmos expostos diante de inúmeras situações inusitadas que podem ocorrer durante a aula, especialmente porque como professores, nós acreditamos que devemos estar sempre no controle dos alunos e da aula, ou seja, “ter domínio de sala.”

Em face à proposição mencionada acima, proponho uma sucinta análise do termo controle que aparece de maneira bastante evidente nas obras de Michael

Foucault, a partir de 1971-1972, e designa, em um primeiro momento, uma série de mecanismos de vigilância que aparecem na fabricação do homem da modernidade, assim como, apresento algumas ressonâncias existentes entre a questão do controle dos corpos e de uma das três experiências educacionais: a Didática, proposta por Cope e Kalantzis (2012), a qual me restrinjo em razão deste tema.

A fabricação do homem moderno, bem como as suas estruturas de controle, perpassa por uma série de poderes laterais como a questão da justiça, das instituições psicológicas, psiquiátricas, criminosas, médicas, escolares, isto é, o corpo é definido como normalizado, vigiado e punido quando se foge às regras disciplinares. Outra reflexão pertinente ao tema é o fato de que o controle da sociedade sobre as pessoas não se opera somente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no e com o corpo, pois foi no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade como força de trabalho e de produção, pois nesta sociedade a vigilância e a punição permanente produzem corpos dóceis e capazes, os quais se tornam peças de um maquinário, sujeitados e controlados.

Dessa maneira, a disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e um registro contínuo de informações sobre os indivíduos que permite distribuí-los, julgá-los, medi-los, localizá-los e utilizá-los ao máximo. E ainda, em relação à instituição escolar, vários profissionais como professores, gestores, coordenadores e inspetores são convidados a exercer funções policiais cada vez mais precisas.

Um estudioso de Foucault, Veiga Neto (1996), diante desse processo de análise, entende que as sociedades ocidentais têm dado conta de “engessar” todas as formas de apropriação do conhecimento e as vontades de saber e poder que possuem e organizam estes ideais de homem, sociedade e conhecimento. Em se tratando do espaço físico da sala de aula, sua localização espacial em carteiras, seu espaço recortado, retangular ou quadriculado, permite individualizar, classificar, disciplinar e gerir os alunos, tornando-os governáveis. Essa descrição vêm ao encontro das observações feitas por Cope e Kalantzis (2012) em relação a dimensão arquitetônica da Educação Didática, na qual há a ordenação por fileiras, por tamanho e por inteligência dos alunos. No decurso dos anos de minha escolarização e no contexto investigado, verifiquei que o espaço físico das salas de aula e da escola continuam da mesma forma, ousou acrescentar ainda, as pequenas janelas impedindo uma boa ventilação e iluminação. Além disso, na relação de forças que se estabelece entre

alunos e professor, este é legitimado no papel de quem tem autoridade e, por isso, é quem controla, vigia, pune, conduz a aula, abre e fecha turnos, avalia (FOUCAULT, 2007).

Essas considerações encontram eco nas dimensões descritas por Cope e Kalantzis (2012) no que se refere a Educação Didática: discursiva – na qual só o professor quem fala na maioria do tempo, em troca desigual com os alunos que pouco falam; intersubjetiva – na qual prevalece o sistema autoritário, onde o professor manda e os alunos obedecem; sociocultural – na qual todos os alunos são tratados como iguais e sempre são ensinados da mesma maneira; proprietária – na qual o professor é dono da sala; epistemológica – transmissão dos conteúdos de maneira unilateral, do professor para os alunos; pedagógica – na qual os alunos são passivos e receptores dos conteúdos dos livros, das verdades, dos valores morais; moral – na qual a disciplina e a obediência conduzem ao sucesso.

Com efeito, em razão dessa necessidade de controle das situações em sala de aula, qualquer sinal de resistência ao poder deve ser abafado por meio do mecanismo do silenciamento do professor ou do aluno. Para tanto, pode-se utilizar recursos linguísticos (por favor, obrigado), que amenizam o controle ou domínio na relação de forças. Como tal, em tempos recentes e no contexto investigado, a professora se serviu de inúmeros recursos linguísticos para promover o silenciamento dos alunos no decurso das aulas, devo ressaltar que os alunos em grande parte não se sensibilizam mais com a utilização desses recursos, deixando claro que eles não se importam com as “prováveis punições”. Nesses momentos, o que se revela é a certeza da impunidade, pois a escola de hoje se mostra sem condições de fazer cessar a indisciplina constante em seu ambiente. E ainda, parece que há uma distorção por parte da maioria dos alunos sobre o verdadeiro papel da escola, o que discuto na sequência, com base nas respostas dos alunos e apoiada nas ideias de Bauman (2010).



#### 1.4 O mundo líquido da pós-modernidade no campo educacional

Para problematizar sobre o tema supracitado, apresento as repostas<sup>4</sup> dos alunos do contexto investigado ao indagar sobre: O que você mais gosta de fazer na escola? Os relatos foram:

- A 1: - *É conversar e jogar no celular.*
- A 2: - *Conversar o tempo todo com meus amigos.*
- A 3: - *É treino de handball depois da aula.*
- A 4: - *Ficar conversando com os amigos.*
- A 5: - *Na escola nada.*
- A 6: - *Ver os amigos.*
- A 7: - *Treinar tênis de mesa depois da aula.*

Para tentar entender esse fenômeno bastante recorrente nas escolas da REME e conforme reclamação feita por grande parte dos professores nos acompanhamentos pedagógicos, os quais afirmam que muitos alunos, de fato, frequentam as escolas com outros objetivos, menos o de estudar, recorro ao conceito de vida líquida instaurado por Bauman (2010). Segundo o autor, vida esta, carregada de constantes incertezas, caracterizada pelo consumo excessivo e descarte incessante, fruto do capitalismo, no qual tudo é efêmero. Outrora, em razão deste estudo, limito-me na proposição de expor algumas ideias do filósofo sobre o relacionamento entre professores e alunos e os efeitos causados por este mundo líquido no campo educacional.

O autor por meio de um exame minucioso sobre a volatilidade do presente discute que os alunos munidos de aparelhos de comunicação instantânea (celulares, *tablets*, *notebooks* etc) cada vez mais modernos, criam um mundo virtual e grandioso, no qual o contato visual, por exemplo, é realizado preferencialmente por meio das conexões com a internet, inibindo as relações sociais e o contato físico com as pessoas. Esses aspectos emergiram no relato da professora que, em entrevista, fez o seguinte comentário:

*P2: Precisamos inserir no nosso dia a dia em sala de aula, a valorização do outro, porque talvez até pela velocidade que nós vivemos, os jovens hoje nas mídias, nas máquinas, no virtual, nós estamos nos distanciando das pessoas, isso eu sinto em sala de aula,*

---

<sup>4</sup> Respostas retiradas de um questionário aplicado com os alunos do contexto investigado ao final do primeiro semestre de 2014.

*essa distância de um olhar carinhoso, um afeto. Então como resgatar? Eu tenho feito o meu trabalho o tempo todo, buscar de uma forma direta ou indireta as relações interpessoais, porque o ambiente ali, ele muda, as pessoas aprendem a se respeitar, as pessoas aprendem a valorizar e infelizmente a escola ficou com uma parcela grande de responsabilidade, a família infelizmente não corresponde, então minha sugestão é trabalhar as relações interpessoais mesmo.*

Nesse mundo *on-line*, as relações entre professor e aluno tornam-se frágeis, pouco sólidas, porque pode haver uma considerável redução da interação e da sintonia entre eles, pois o aluno pode descobrir e se informar sobre diversos assuntos por meio da internet, sem a constante presença do tradicional professor. O autor sinaliza que ainda não aprendemos a preparar os homens para esse tipo de vida, pois “a arte de viver num mundo hipersaturado de informação ainda não foi aprendida por nós” (BAUMAN, 2010, p.60). Adicionalmente, a questão se torna mais problemática uma vez que, em sala de aula, diferente das relações virtuais, providas com a tecla “*delete*”, não podemos simplesmente, com um tatear, “deletar” os incômodos. Como já ouvi de alguns professores, que me disseram que sentem vontade de “deletar” esse ou aquele aluno.

Outro ponto que merece destaque, diz respeito à evidente incompreensão recíproca entre gerações, marcada por mudanças permanentes, rápidas e de condições de vida, ou seja, aquilo que parece normal para uma geração pode ser para outra uma anormalidade, algo inconcebível, que causa estranheza e indignação, um total afastamento das regras e da aceitabilidade. Um exemplo bastante comum que retrata tal ensejo é a gravidez na adolescência. Embora a família e a escola expliquem, conscientizem, alertem sobre o fato de que não é desejável ter filhos ainda na juventude, o que vemos hoje nas famílias e nas escolas, são filhas e alunas de Ensino Fundamental e Médio, grávidas ou mães. Portanto, não se trata mais de um problema temporário que vai se resolver quando os mais novos tiverem que encarar as dificuldades da vida.

Notoriamente, o enfraquecimento dos laços familiares, ocasionado pela ausência do pai, da mãe ou do tutor ao longo do dia que, muitas vezes precisam trabalhar para prover o sustento da família, os quais vivem atormentados pelos problemas da vida, não conseguem mais educar seus filhos, eles permanecem à mercê do que as mídias oferecem como padrão de comportamento, de caráter, de personalidade e de valores. Sobre isso, quando estava em sala de aula, muitas foram

às vezes que presenciei cenas de pais que chegavam até a escola, pediam pra falar com o diretor, coordenador, professor e diziam não saber mais o que fazer com o próprio filho, deixando a cargo da escola tal responsabilidade. Assim sendo, a escola de nosso tempo, agrega também outras funções, diferentemente do que acontecia no passado, quando tínhamos uma rotina definida fora da escola, que incluía além dos afazeres escolares, os afazeres domésticos. Por tudo isso, espero que tais reflexões contribuam para a manutenção de nossa crítica permanente como profissionais da educação e funcione também como um motivador de nossa vontade de liberdade no campo das ideias.

Feitas tais considerações, no capítulo II por meio de episódios descrevo, analiso, discuto, sistematizo e apresento os resultados do processo de produção de uma atividade de documentário negociada com a professora-colaboradora e ressignificada por ela para uma turma de 9º ano de uma escola pública. Assim sendo, busco responder como a professora reinterpreto para o seu contexto local a proposta metodológica apresentada no curso Professor sem Fronteiras. Nesse percurso, apresento as produções dos alunos e descrevo também outras atividades que serviram de suporte para a produção do documentário, assim como tento responder como os momentos de tensão que emergiram em sala, alteram o desenvolvimento das aulas. Ademais, por meio das experiências vivenciadas no contexto investigado, busco responder como se desenvolve o processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa. Além disso, problematizo as condições de trabalho da professora-colaboradora e alguns percalços do desenvolvimento dessa carreira; descrevo e analiso uma prática avaliativa da professora; elenco algumas prioridades para melhorar as aulas com base nos relatos da professora e dos alunos; discuto porque alguns alunos gostam da escola, mas não gostam de estudar e, finalizo com uma reflexão sobre a importância do espaço escolar e a necessidade de reformulá-lo.

## CAPÍTULO II

### **Do planejamento idealizado às produções dos alunos: algumas reflexões em torno do processo de ensino e aprendizagem**

*A: O documentário foi uma aula diferente que eu presenciei, eu gostei muito e podia ter novamente porque é uma aula que todos gostam e sai do tradicional da aula para uma aula diferenciada.*

Início este capítulo por meio de um questionamento respondido por uma aluna do contexto investigado sobre uma atividade de elaboração de documentário, ao solicitar que ela descrevesse o que achou desta tarefa, bem como se gostou ou não e por quê? Optei em apresentar a resposta desta aluna que fez uma avaliação positiva em relação à atividade proposta. Entretanto, considero primordial discorrer sobre os caminhos pedagógicos percorridos no decurso das aulas, bem como sobre os momentos de tensão que foram emergindo em sala de aula e ainda, do planejado ao executado pela professora, ao investigar os processos de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa no contexto de uma escola pública, consciente de que a minha impressão como pesquisadora, todavia não é definitiva e nem se limita a este estudo.

Neste capítulo, busco responder com base nos dados gerados durante a fase de investigação em sala de aula, como se desenvolveu o processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Campo Grande – MS, bem como reitero sobre como os momentos de tensão alteram o desenvolvimento das aulas. Ademais, por meio dos dados coletados e analisados, procuro identificar como a professora reinterpreto a proposta apresentada no curso Professor sem Fronteiras para o contexto local. Dessa maneira, optei em descrever as atividades propostas pela professora, assim como em apresentar a produção dos alunos, ao invés de fazer a análise dos planos de aula, uma vez que considere mais significativo para esta pesquisa, me pautar no processo de desenvolvimento das aulas. Evidencio que, ao longo do trabalho com formação de professores de Língua Estrangeira, pude constatar que, muitas vezes, nos acompanhamentos pedagógicos quando eu solicito ao professor ou ao coordenador para verificar o caderno de planejamento, encontro três situações distintas: a primeira se refere aos professores que realmente conseguem elaborar e colocar em prática um bom plano de aula. A segunda se refere aos professores que copiam um bom plano de aula da internet ou de outros colegas da mesma área e não conseguem

desenvolvê-lo. A terceira se refere aos professores que não elaboram um plano de aula bem estruturado e consistente, porém, no desenvolvimento das atividades, executam boas aulas. Saliento que nos encontros com os coordenadores pedagógicos que acompanham as aulas dos professores, é possível visualizar as três situações expostas. Assim sendo, justifico minha opção por acompanhar o desenvolvimento de todas as aulas, ao contrário de analisar o que está coerente ou não no plano de aula da professora. Contudo, os planejamentos da professora se encontram nos anexos, junto com as atividades propostas.

Ressalto que para contextualizar sobre o desenvolvimento das aulas, retomo primeiramente algumas considerações feitas sobre a Ementa Curricular para o 9º ano do Ensino Fundamental, apresentada na introdução deste estudo.

A produção de uma nova ementa representa um grande desafio para quem a escreve, entretanto, julgo que o desafio maior está em sua implementação, e, sobretudo, na reinterpretação e execução desta pelo profissional da educação, que deve orientar o seu trabalho com base neste documento.

Ao elaborarmos uma ementa curricular mais participativa com vistas à formação cidadã (ROCHA E MACIEL, 2013), na qual o professor detém mais autonomia na tomada de decisão sobre quais conteúdos deve ensinar, propomos também, de certa forma, uma ruptura em relação ao uso exclusivo do livro didático de Língua Inglesa contemporâneo nas aulas, o qual é repleto de informações fragmentadas e listas de conteúdos rarefeitos e de distribuição um tanto quanto inadequada para o ano escolar a que se destina, para então, fundarmos a ideia de que o professor pode produzir e organizar o seu próprio material didático, considerando o seu contexto local.

Para ampliar esse debate com a finalidade de refletir o que acontece na prática com o uso do livro didático nas escolas da REME, pude verificar, nos cursos de formação com os professores, que a maioria deles, não utiliza os livros didáticos de Língua Inglesa do 8º e 9º ano por exemplo, pois consideram o conteúdo linguístico além das possibilidades de aprendizagem linguística dos alunos.

Esse fato se confirmou no decurso das aulas da professora-colaboradora desta pesquisa, que ao longo de todo semestre, optou por não utilizar o insumo do livro didático. Sobre isso, certa vez, em diálogo com uma das editoras que participa do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) e após a análise de algumas coleções de livros de Língua Inglesa para os anos finais do Ensino Fundamental, pude aferir que a maioria deles, parte do princípio de que o aluno já iniciou os estudos deste idioma

nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o que de fato não acontece, pois o primeiro contato formal com a Língua Inglesa dos alunos da REME, exceto nas duas Escolas de Tempo Integral e em uma Escola do Campo, se dá nos anos finais do Ensino Fundamental, pois a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996 não obriga que esta área do conhecimento seja contemplada nos anos iniciais, conforme pode ser lido no Art.26 § 5º

*Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.*

Portanto, é facultativo ao município oferecê-la ou não. Assim sendo, elide-se o fato de que o professor, sendo capaz de reivindicar o acesso ao conhecimento universal, de cuja ausência padece o livro didático, possa produzir e organizar seu próprio material, incluindo também as obras literárias, na tentativa de inibir a sonegação de cultura produzida ao logo da história, promovendo em suas aulas, momentos de ruptura, de forma que o aluno possa questionar a maneira como a sociedade está organizada, mostrando a ele como as ideologias e as identidades são construídas no sistema capitalista, “um sistema poderoso de exclusão social porque não deixa o indivíduo aprender além do que lhe for permitido, em razão dos interesses do próprio sistema” (FOUCAULT, 2007, p.87). Ademais, destaco que, a rotina estressante do professor, com grande quantidade de aulas diárias, muitas vezes desenvolvidas em escolas diferentes, não o impeça de promover interrupções aos modelos institucionalizados de ensino, tornando suas aulas mais significativas e conforme defendido por Freire (2011), que ajude o aluno a construir conhecimento ao mesmo tempo em que aprende a ler o mundo e as relações sociais de maneira crítica.

De modo geral, pude constatar, por meio dos acompanhamentos pedagógicos realizados nas escolas, que a maioria dos professores de Língua Estrangeira conseguiu interpretar o novo documento, embora muitos deles se queixaram do pouco tempo de aula (uma por semana) para desenvolver todas as atividades (conteúdos, projetos, avaliações, recuperação paralela, entre outras ocupações) a contento. A professora-colaboradora, particularmente, em entrevista, relatou que, para o professor, é inviável ter uma aula por semana da disciplina, pois considera muito pouco tempo para desenvolver tudo o que é planejado e solicitado pela escola. Além

disso, ela argumentou que: - *É uma angústia ter que trabalhar os conteúdos em tão escasso tempo*, assim como considera também a frequência das aulas prejudicial à aprendizagem dos alunos, sobretudo quando coincidem com os feriados, conselhos de classe, reuniões pedagógicas, entre outros afazeres escolares. Ao verificar o calendário escolar desta unidade escolar, considerando todos os eventos acima citados, pude constatar que, o número de aulas desta área do conhecimento compreende aproximadamente vinte horas/aula de sessenta minutos por semestre. De fato, foi possível perceber durante o período de observação que, a redução do tempo de aula para o professor, pode ocasionar mudanças acentuadas na sua prática pedagógica, exigindo adaptações e ajustes no dia a dia do seu trabalho, pois ele tem agora o desafio de otimizar e dinamizar ainda mais as aulas para cumprir com os compromissos impostos pela escola.

A partir da nova ementa curricular, a professora-colaboradora planejou uma série de atividades a serem desenvolvidas durante o semestre, sendo que todas elas serviram de suporte para a atividade principal: “O documentário sobre os tipos de famílias”. Esta por sua vez, foi negociada e discutida entre a professora e a pesquisadora em horário de planejamento das aulas, cujo exercício de revisão foi algo recorrente, na tentativa de juntas fazermos os acertos necessários, considerando a realidade do contexto apresentado e os recursos disponíveis na escola.

Assim sendo, após o início das aulas em fevereiro de 2014, a professora teve em média, um mês e meio para fazer o diagnóstico da turma, bem como para realizar uma breve revisão dos conteúdos do ano escolar anterior, para finalmente, dar início aos conteúdos pertinentes ao 9º ano da nova ementa curricular. Dessa maneira, a primeira aula desse ciclo ocorreu em 24 de março do corrente ano. A partir desta data, iniciei minha jornada de investigação em sala de aula, o que descrevo adiante por meio de episódios. Destaquei, nesses oito episódios, alguns momentos de preocupação em apresentar a organização da aula como evento discursivo, envolvida por sujeitos (alunos e professora), apoiada na teoria dialógica da linguagem proposta por Bakhtin (2003). Entretanto, as ideias do autor não foram utilizadas como fundamentos principais deste estudo. Apenas suscitei algumas situações observadas de interação discursiva no contexto investigado, dada a importância da aula ser sempre um acontecimento particular, singular e irrepetível, o que pôde ser verificado em cada episódio narrado.

## 2.1 Episódio 1 – Indisciplina na sala de aula

A professora iniciou a aula falando o tempo todo em Inglês, convidando os alunos a fazerem uma oração neste idioma, os quais já tinham o hábito de fazer em todo início de aula. Em seguida, a professora, exaustivamente solicitou por silêncio, sendo que, tal fato ocorreu sucessivamente em vários momentos da aula ao longo de todo o período que estive com eles durante o processo de investigação. Confesso que tal situação me causou muito desconforto e indignação, ao perceber que os alunos não se importam em colaborar com a professora, nem mesmo no momento da explicação do conteúdo. Dessa maneira, foi perceptível a falta de noção de alteridade por parte dos alunos, a capacidade de respeitar o direito do outro e, sobretudo, a sua diferença, por isso que, quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos podem ocorrer. Nessa perspectiva, Menezes de Souza (2011) ressalta que é tarefa do letramento crítico desenvolver a percepção das relações entre “eu” e o “não-eu” que nos constituem. Para tanto, é necessário desenvolver a habilidade de ouvir o outro, para então, cultivar uma conscientização crítica a respeito do mundo, seus valores e seus significados.

Em entrevista, a professora-colaboradora disse que tem, por exemplo, dificuldade em fazer registros como anotações no caderno, solicitações dos alunos, “chamada” durante a aula, em razão de sua própria ansiedade em manter os alunos envolvidos com as atividades e por considerar que a disciplina exige interação constante com os alunos. Dessa maneira, ela prefere fazer os registros depois das aulas.

Outro fato que me chamou atenção em relação à prática da professora foi que ela, quando necessário, chega 10 minutos antes do horário para escrever as atividades no quadro, com o intuito de aproveitar o tempo de aula com os alunos. Devo acrescentar que, durante o processo de observação das aulas, fiquei impressionada com a paciência e a serenidade da professora em relação às questões de indisciplina da turma, talvez isso ocorra em razão de sua própria experiência docente em lidar com alunos que criam problemas o tempo todo. Observei que nesses momentos há, por parte da professora, um sentimento de confiança, um esforço em se concentrar mais nos conteúdos e objetivos da aula do que propriamente nas questões de indisciplina, apostando e insistindo na aprendizagem dos alunos a médio prazo e não de imediato, em um processo de relativização dos insucessos, pelos quais a



professora parece pessoalmente, não se sentir responsável por tudo o que não está adequado em relação ao comportamento dos alunos.

Assim sendo, destaco quatro opiniões dos alunos, quando questionados se eles acham que existe indisciplina na sala de aula?

*A1: - Sim porque muitos alunos não estão de acordo com as regras e disciplina da escola, assim eles se rebelam por assim dizer, contra a escola.*

*A2: - Sim, a indisciplina acontece sempre por falta de respeito da parte do aluno com os professores ou até mesmo com os próprios colegas.*

*A3: - Sim, pois o professor não tem mais muita autoridade e os alunos não tem mais respeito. A palmatória deveria voltar.*

*A4: - Eu acho as aulas muito atormentadas, muito barulho por conta das salas serem lotadas, acho que isso atrapalha e causa indisciplina.*

Ao analisar os relatos dos alunos expressos por meio de um questionário sobre a existência ou não de indisciplina em sala de aula, considero primeiramente essas observações como verdades situadas. Semelhante aos estudos de Sousa (2011) sobre professores de Inglês da escola pública, que mostram que a busca pela disciplina é considerada tanto por professores como por alunos, uma característica importante para se ter um aprendizado efetivo. Ademais, também foi possível inferir que a agressão verbal está presente no âmbito escolar, tanto por parte dos professores quanto dos alunos. A autora afirma que “estes parecem utilizar a agressividade para demonstrar a não aceitação das regras impostas pelo professor e pela escola” (SOUSA, 2011, p. 39), o que de fato corrobora com a opinião do aluno A1.

Outro ponto está ligado à questão do respeito, acentuadamente reiterado por Sousa (2011, p. 39-40) ao verificar que, em sua pesquisa, tanto professores como alunos e até mesmo a entrevistadora inconscientemente revelaram em suas falas a ideia de que “se os alunos estiverem conversando enquanto o professor fala, estarão desrespeitando este professor; e que a única forma de reconquistar a disciplina é justamente por meio da agressão verbal”; o que coaduna com os excertos do aluno A2. Todavia, o que presenciei no período de observação das aulas foi o desrespeito entre os alunos do contexto investigado, que frequentemente insultavam uns aos outros fazendo uso de diversos “palavrões”. Ademais, verifiquei o desrespeito dos alunos com a professora, o que pode ser aferido na extensão deste texto. Porém, o curioso e o que contraria a observação feita pela supracitada autora, é que não houve

por parte da professora nenhuma agressão verbal para tentar reconquistar a disciplina dos alunos. Nesses momentos, a professora preferia se silenciar, ora utilizava recursos linguísticos (por favor, silêncio), outrora parava a aula para conscientizar os alunos sobre a importância de se estudar, de não perder tempo com conversas paralelas, bem como de lembrá-los que as avaliações não tiveram bons resultados.

Outro motivo está relacionado com a nota de comportamento que segundo relato da professora participante da pesquisa da autora “não poderia ter sido retirada do quadro de notas” (SOUSA, 2011, p. 67), se referindo a ela como uma maneira importante de controle dos alunos.

Em consonância com a declaração feita pelo aluno A3 sobre o professor não ter mais muita autoridade, Sousa (2011, p. 66) revelou em sua investigação que os motivos da perda de autoridade do professor, elencados pelos próprios professores participantes de sua pesquisa são: o primeiro “tem haver com o novo sistema de ensino, segundo o qual o aluno não deve ser reprovado e sim acompanhado e auxiliado conforme suas necessidades”, dessa maneira, o sistema extrai dos alunos a responsabilidade e o interesse por estudar de verdade, uma vez que, sabem que vão passar de ano automaticamente, portanto preferem não estudar e não fazer as atividades.

Esse mesmo aluno me chamou a atenção ao afirmar que a palmatória deveria voltar. Historicamente, segundo Chermount (2006), a palmatória foi o instrumento de punição física de estudantes mais utilizado no mundo. O autor discute que, no Brasil, seu emprego foi introduzido pelos jesuítas, como forma de disciplinar os indígenas resistentes à aculturação, cuja prática foi perpetuada com a escravidão africana. Ao final do século XIX, quando a educação dava seus primeiros passos em nosso país, a palmatória migrou para a escola. Na década de 1970 houve campanhas pelo fim da violência infantil que, transformada em crime na década de 1980 foi abolida com a elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990. Diante desse contexto e em sùmula, destaco o pensamento foucaultiano sobre o desenvolvimento das práticas punitivas:

*De modo geral, as práticas punitivas se tornaram públicas. Não tocar mais no corpo ou o mínimo possível, e para atingir nele algo que não é o corpo propriamente. O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos. Um exército inteiro de técnicos veio substituir o carrasco, anatomista imediato do sofrimento: os guardas, os médicos, os capelães, os psiquiatras, os psicólogos, os educadores. (FOUCAULT, 1987, p. 16)*

Em se tratando da escola, segundo o autor, pelo simples fato de dispor de um currículo, prega também verdades. Sua crença é a de que, por meio de restrições e encaminhamentos, o indivíduo será devidamente moldado.

Por fim, reforçando o que já foi discutido anteriormente sobre salas lotadas, o aluno A4 pronunciou-se de modo claro, enfatizando que o número excessivo de alunos por sala, acaba causando também a indisciplina.

Em relação às questões de indisciplina, a professora-colaboradora em entrevista, mencionou que para ela tais momentos acontecem em razão de:

*P2: Então, na minha opinião, acontece por vários motivos, primeiramente pela ausência constante da família no acompanhamento da vida escolar dos filhos tanto em casa quanto na escola. Então, tem também a falta de punição para os alunos que são indisciplinados, como eles sabem que não vai acontecer nada com eles, eles extrapolam os limites. Outra questão também é a extinção da nota de comportamento do boletim escolar, que foi tirada porque se fosse somada as outras, a maioria dos alunos seriam reprovados. Acho que o controle do índice de reprovação escolar é terrível, me causa muita indignação, pois o professor é obrigado a refazer os canhotos conforme a gestão solicita no conselho de classe, já fiz isso muitas vezes. Então, algumas atividades são feitas propositalmente para mascarar as notas baixas e os alunos sabem disso e, portanto eles não se esforçam ao longo do período, deixando para tentar recuperá-las na última chance que a gente dá. Então, deixa eu pensar, tem os alunos que não têm limites em casa e nem na sociedade, por exemplo, eles ficam diariamente até a hora que querem na internet e no facebook e também querem ficar assim na escola. Tem também os problemas sociais, econômicos e afetivos da família que acabam por estourar na sala de aula também, como já vivenciei essa situação, dá pra perceber porque os alunos mudam de comportamento, um dia busquei saber, descobri que os pais de um determinado aluno haviam se separado recentemente, com isso, ele não aceitou a situação e mudou completamente de comportamento, tornando-se rebelde e apático as aulas. Então, tem também os alunos que ingressam no 6º ano, já com sérios problemas de indisciplina, os quais deveriam ser trabalhados principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, eu acho que é isso que posso falar agora.*

Assim sendo, conforme relato da professora, são diferentes motivos que colaboram para a indisciplina dos alunos. Em consonância com o depoimento da professora, discuto primeiramente uma das questões que considero séria sobre o controle do índice de reprovação, pois vivenciei esse momento quando estive em sala de aula.

No ano de 2002, por meio de concurso público, assumi as aulas na escola. Naquela época, a Língua Inglesa era vista como uma disciplina menos importante que

as demais do currículo. Lembro que no conselho de classe, os professores de Inglês, Arte e Educação Física sempre eram os últimos a dizer as notas dos alunos. Quando algum aluno tinha média baixa, a primeira atitude da equipe técnica era observar as notas de Língua Portuguesa e Matemática, para depois questionar: - *Como assim esse aluno está com nota vermelha de Inglês, se em Matemática ele está com nota azul? Você vai ter que rever essa nota professora?* Ainda, rememoro o dia em que um aluno reprovou em quatro disciplinas, sendo uma delas, a de Língua Inglesa. Eu já estava de férias e a diretora me ligou e pediu para eu ir até a escola, porque ela precisava falar urgente comigo. Chegando lá, ela pediu para eu refazer um dos canotos e aprovar esse aluno. Fiquei indignada com a situação, pois o aluno não fez nada durante o ano, mesmo oferecendo a ele muitas oportunidades de recuperar as notas ao longo de todo o período letivo. Naquele momento, pensei nos alunos que se esforçaram para estudar e que seria, de fato, uma falta de respeito e de justiça em relação a eles. Bastante consternada, criei coragem e disse para a diretora que não iria refazer o canhoto, expus meus motivos e fui firme. Ela não gostou e ainda me ameaçou, dizendo que eu estava em estágio probatório e que isso poderia me prejudicar mais para frente. Não cedi às ameaças dela e reafirmei que se ela não estivesse de acordo com a reprovação do aluno, que ela então, refizesse o canhoto e assinasse.

Situações como essa são realmente constrangedoras, porém, infelizmente não é um caso isolado. Ao longo desses anos, nos cursos de formação e nos acompanhamentos pedagógicos, vários colegas já reclamaram sobre fato semelhante.

Sobre a falta de punição relatada pela professora-colaboradora para os alunos indisciplinados, destaco o pensamento de Foucault (1987), o qual reitera que a punição deverá ter a medida dos seus efeitos, conforme a gravidade da sua falta, e ainda, a punição deve olhar seus efeitos futuros, tendo em mente a prevenção e a ação de impedir outros eventos semelhantes em longo prazo. Por outro lado, não pode haver para o indivíduo a ser punido, o descrédito da impunidade. Assim sendo, para o filósofo a punição deve ser suficiente para provocar o temor, no sentido de fazer o indivíduo refletir, pensando e aprimorando a sua consciência por meio de um processo mental de desencorajamento do delito, uma espécie de análise das perdas e danos quando se comete um erro.

O que pude observar sobre punição de alunos, ao longo dos anos como professora de escola pública, difere do pensamento do autor sobre como proceder diante de um episódio de indisciplina ou de desacato ao professor, pois sempre que um aluno era levado a coordenação ou direção escolar por cometer algum tipo de infração, após o interrogatório e o sermão de “praxe”, ele era levado para a sala do coordenador pedagógico e forçado a fazer atividades de copiar textos dos livros didáticos e/ou escrever inúmeras vezes uma frase do tipo: Não devo desacatar o professor e nem ser indisciplinado, bem como escrever a tabuada repetidas vezes, sendo vigiado constantemente pela equipe pedagógica escolar.

Ao analisar esses acontecimentos, percebo o despreparo de alguns educadores em lidar com situações como essas, uma vez que, o aluno pode associar a punição com algumas atividades da própria aula, o que pode gerar uma desmotivação para os estudos e uma interpretação equivocada do que acontece quando se comete um erro, comprometendo inclusive o processo de reflexão e desencorajamento citados pelo autor. Talvez, nessas situações seja preferível deixar o aluno sem fazer nada, apenas quieto e isolado, num processo de autoreflexão que o leve a pensar que uma vez retirado do convívio e da interação com o professor e os colegas, há consequências no seu desempenho escolar, certo que ele deixa de aprender o conteúdo daquele dia de aula, assim como, ficará com o ônus de cumprir todas as atividades e tarefas em um período posterior a aula, reservado aos momentos de lazer.

Em relação aos problemas sociais, econômicos e afetivos da família que acabam por “estourar” na sala de aula conforme citados pela professora-colaboradora, esses podem surgir em razão da separação da própria família, causada por divórcios e incompreensão entre gerações conforme discutido no capítulo I por meio das ideias de Bauman (2010) sobre o mundo líquido pós-moderno. Outro autor que parte da crise contemporânea ocidental para tratar sobre a complexidade social e ética, Moran (2007, p.148) argumenta que “quanto mais uma sociedade é complexa, menos são rígidos ou coercitivos os limites que pesam sobre os indivíduos e os grupos. Quanto mais a sociedade se complexificar, mais ela necessitará de auto-ética.” E ainda, para ele, uma sociedade de alta complexidade deveria sustentar a sua coesão não somente por meio de leis justas, mas pela responsabilidade, solidariedade, inteligência, iniciativa e consciência dos seus cidadãos.

Na sequência dessa aula, ela pediu para os alunos fazerem um círculo e introduziu o tema da aula intitulado *Family* citando exemplos de alguns conceitos de

família presentes nos dias de hoje. Na sequência, entregou uma folha em branco e pediu para os alunos escreverem quais sentimentos eles tinham pela própria família. Alguns escreveram sentimentos positivos (felicidade, alegria, amor, gratidão); todavia, outros escreveram sentimentos negativos (tristeza, angústia, medo, solidão). Após esse momento, a professora propôs aos alunos uma breve reflexão sobre os sentimentos que eles apontaram sobre o tema, porém a professora não aprofundou tais questões, penso eu, que tenha sido em razão da complexidade e da dificuldade que seria para os alunos exporem principalmente sobre os sentimentos negativos em relação à própria família.

Abro um parêntese para relatar um pouco do que vivenciei como professora de escola pública em se tratando das relações familiares demasiadamente negativas que alguns alunos possuem com suas famílias. Ao longo do tempo que estive em sala de aula, convivi com alguns alunos cujos pais eram dependentes químicos, alcoólatras, traficantes, homicidas, estupradores e presidiários. Até hoje, nunca consegui esquecer alguns relatos de alunos sobre a própria família.

Diante dessa realidade tão cruel e absurda, sempre me perguntei como esses alunos vão conseguir vir para a escola, se concentrarem durante o período da aula, desenvolver as atividades e aprender a contento? Confesso que eu não encontrei ainda uma resposta para essa pergunta. Consternadamente, eu me recordo de uma aluna de 6º ano, com apenas 11 anos de idade, já mãe de um bebê que, na hora do intervalo, momento que ela poderia brincar e conversar com os colegas, ao invés disso, ela amamentava seu filho, recém nascido. Certa vez, perguntei a ela sobre o pai da criança, e ela me respondeu *que não sabia dizer com certeza quem era o pai do filho dela*. Cenas como estas são realmente preocupantes para um educador e para a sociedade em geral.

Ainda naquele ano, rememorei um ex-aluno por meio do noticiário local da minha cidade. Ele havia sido preso por sequestro relâmpago, seguido de furto. Quando o vi na televisão, com algemas e preso, fiquei perplexa. Lembrei-me do dia em que ministrei uma aula sobre profissões e ao perguntar para os alunos sobre qual profissão eles gostariam de seguir, aquele mesmo aluno disse que, quando crescesse, gostaria de ser igual ao “Fernandinho Beira Mar”. Na época, fiquei assustada com a resposta dada pelo aluno e imediatamente, conversei com todos os alunos sobre o assunto.

Quando se é docente, principalmente em contexto de escola pública, muitas vezes, somos obrigados a interromper o conteúdo programado para trabalhar

questões sociais específicas que vão emergindo, pois, por vezes, os alunos não são orientados em casa pela família. Por essa razão, muitos colegas professores afirmam que hoje, ser professor, é também ser um pouco pai, mãe, psicólogo, assistente social etc.

Na opinião da equipe técnica e de muitos professores com quem conversei nos acompanhamentos pedagógicos, na escola, deveria haver uma equipe multidisciplinar com psicólogo, fonoaudiólogo, assistente social e um especialista em educação especial. Eles afirmam que se tais profissionais fossem disponibilizados pela SEMED, muitos problemas se resolveriam ali mesmo e de maneira eficaz. Concordo com eles, porém, para que isso aconteça, depende de vontade política e de investimentos reais na educação por parte dos órgãos competentes. Diante desse contexto, me pergunto qual o verdadeiro papel da escola, do educador e de toda sociedade para com essas crianças? Nessa direção, Todd (2009) *apud* Maciel (2013, p. 20) “vê a educação como uma oportunidade de pensarmos mais a responsabilidade de nossas próprias respostas em relação ao outro”. Em se tratando do ensino de línguas, este deve estar orientado para a formação cidadã, para a conscientização democrática e vinculado a questões sociais, linguagem e poder. O processo educativo, nessa perspectiva segundo Maciel e Rocha (2013, p. 23), “volta-se ao questionamento sobre como a educação trata e compreende os processos de globalização e sua relação com as desigualdades e com questões de natureza linguística, cultural, sócio-política.” Assim sendo, a educação linguística pode considerar também os contextos sócio-históricos de produção de discursos e culturas.

Ao retomar a proposição da aula, a professora planejou e agendou previamente os aparelhos de TV e DVD da escola para fazer uma atividade de *listening* por meio da música *We are family* do filme *Ice Age 4* (anexo 5). Porém, a funcionária responsável pela sala de tecnologia escolar onde ficam guardados os aparelhos eletrônicos se atrasou e chegou somente 13h e 30min, levando a chave da porta com ela, impedindo o acesso. Restou à professora aguardar a referida servidora chegar, para então somente as 13h e 40min, ela conseguir colocar a música para os alunos executarem a atividade solicitada. É importante esclarecer que o horário de aula do primeiro tempo acontece das 13h às 14h, ou seja, em razão do atraso, a aula planejada pela professora foi prejudicada de maneira considerável, uma vez que ela teve somente 20 minutos para iniciar, desenvolver e finalizar a atividade proposta,

ocasionado certa inquietude tanto para ela quanto para os alunos que ficaram impacientes a maioria do tempo.

Na atividade posterior intitulada *Read and listen to the song to separate the words*, cada aluno recebeu a letra da música com as palavras todas juntas e na medida que a música ia tocando, os alunos ouviam e separavam as palavras pelos sons. E ainda, depois desse momento, eles receberam a letra da música já com as palavras separadas e fizeram as devidas correções. No final, a professora perguntou quem havia acertado parte ou totalmente a música. Em se tratando do contexto de escola pública, este tipo de atividade de *listening* é bastante viável, considerando o pouco tempo de aula, bem como sua frequência, a quantidade elevada de alunos por sala e da escola não dispor de laboratório de línguas ou sala ambiente. Em relação às aulas com atividades de música, Monte Mór (1991) ressalta que em grande parte das vezes, os professores recorrem a esta conhecida atividade como uma das maneiras de se escapar da aula tradicional para promover um momento de descontração em sala de aula, ou para que os alunos prestem mais atenção, ou para preencher lacunas, ou para pedir a tradução da letra e não propriamente que esta atividade esteja articulada com o ensino da língua em si ou com o aspecto educacional-formativo. Corroborando com a ideia da autora, foi bem isso que aconteceu, os alunos gostaram da atividade, cantaram a música com entusiasmo, se concentraram e desenvolveram as atividades previstas, porém a atividade não esteve articulada com o ensino da língua em si. Oportunamente, a professora perguntou quem havia assistido o filme e em seguida, pediu para um dos alunos comentar resumidamente sobre ele. De tarefa, a professora pediu para os alunos, por meio da leitura das imagens do vídeo, fazerem o registro no caderno da mensagem principal que a música abordava.

## **2.2 Episódio 2 – As condições de trabalho da professora**

A aula seguinte aconteceu em 31 de março, quando a professora retomou o tema “*Family*”, fazendo uso de um cartaz que continha todos os sentimentos que os alunos expressaram na aula anterior sobre a família deles. Foi um momento importante de reflexão, no qual alguns alunos comentaram sobre as particularidades da sua própria família como o bom relacionamento com os pais, os irmãos, os avôs e até com os



animais de estimação. Contudo, pude observar que aqueles alunos que expressaram sentimentos negativos em relação à família, não quiseram se pronunciar, eles preferiram permanecer calados durante todo o tempo da atividade e a professora também não fez questionamentos a eles.

Outras duas atividades foram solicitadas para a aula. A primeira foi um trabalho considerado como nota mensal (0 a 10), sobre os tipos de família, composto por quatro questões (anexo 6), com as atividades *Glue or draw a picture according to the following sentences. Write these definitions under the pictures; Answer about yourself; Draw your family tree with the words from the box and write their names; Choose a part of the song "We are family" rewrite it to explain with examples.* A professora explicou cada questão aos alunos e agendou a entrega desta atividade para aula seguinte, dia 7 de abril. Pela norma da escola, a avaliação mensal pode ser uma atividade, sendo que, a prova tradicional somente é exigida para a avaliação bimestral.

A segunda atividade foi a proposição de um documentário com o tema gerador *Types of family*. Esta atividade contou com a minha participação na elaboração, uma vez que, a professora-colaboradora e eu, após muito diálogo e troca de ideias, decidimos propor esse desafio para os alunos e para nós. Para tanto, preparamos um material impresso (anexo 7) com a definição do que é um documentário e como produzir um na escola. Na ocasião, a professora fez a leitura do material com os alunos, explicando o passo a passo de como produzir um documentário, bem como esclareceu as dúvidas que foram surgindo sobre o assunto.

No dia 7 de abril, do início ao fim, a aula foi bastante tensa. Naquela tarde, conforme pude verificar no termômetro do meu celular, fez calor de 42º com sensação térmica muito maior. Foi muito complicado e desgastante para todos permanecerem na sala de aula composta por apenas dois ventiladores funcionando. O desconforto ficou evidente. Sobre isso, apresento os excertos de dois alunos do contexto investigado, quando questionados de como seria, na opinião deles, a escola ideal?

A1: - *Seria uma escola que deixe o aluno bem à vontade, mas que realmente invista no aluno. Também se possível, colocar um Springer Carrier de 24.000 btus na sala.*

A2: - *Uma escola que tivesse água gelada, que os professores deixassem sair para ir ao banheiro e tomar água.*

A respeito das declarações citadas pelos alunos, em entrevista realizada com a professora-colaboradora, ela argumenta que, sobre as condições de trabalho, vê

limitações em relação ao espaço físico da escola como salas de aulas pequenas, pouco ventiladas e com muita interferência de ruídos externos, ventiladores insuficientes e barulhentos, cadeiras sem assento almofadado. Ela esclarece ainda que, existem outras limitações como o uso da quadra (uma somente), da sala de tecnologia (uma somente), da biblioteca (uma somente), pois são muitas turmas e estes espaços não comportam as necessidades de todos, assim como o fato de fazer atividades fora da escola como passeios, visitas a museus, parques ecológicos, entre outros, pois não há transporte para levar os alunos. Alega também que teria que ter um anfiteatro na escola, para que os professores pudessem explorar com os alunos outras atividades essenciais para a formação deles como teatro, música, dança etc. Por fim, acrescenta:

*P2: Pra mim seria assim essencial diminuir o número de alunos por sala, que nós poderíamos ter uma temperatura climática na sala adequada, porque têm dias que o calor é insuportável, os meninos ficam naquele desespero, se tivessem esse conforto de um ar condicionado. Eu acho que o espaço físico é fundamental, contribuiu muito para a motivação do aluno.*

Na sequência, perguntei a professora se ela se sentia valorizada como professora. Ela respondeu:

*P2: A valorização? Houve uma época que pra ser sincera, eu esperava uma valorização do governo, eu esperava a valorização dos meus superiores, hoje não, eu já passei por tantas fases, tantas funções diferentes que hoje a valorização que eu busco é justamente a minha autoavaliação, como é que eu estou sendo interpretada, como eu estou sendo vista pelos alunos, se eles estão conseguindo me acompanhar, então, pra mim o que vai pesar mais é essa valorização do aluno, a forma como ele corresponde aos meus estímulos, se existe um laço de carinho e de respeito, então pra mim é o que eu preciso, a valorização a gente não pode esperar, acho que já passei da fase de esperar que o outro me valorize.*

A partir desse excerto, interpreto que foi possível perceber no discurso da professora, o amadurecimento em relação à profissão, uma vez que, para ela, a valorização se centra em como os alunos respondem aos estímulos dela e na relação de afeto e respeito entre eles.

Sobre a responsabilidade que os educadores possuem pela qualidade do ensino ou por satisfazer com sucesso as necessidades dos alunos ou as metas da instituição, Biesta (2013) acrescenta que se a educação consiste em criar oportunidades para

que os alunos venham ao mundo, fica claro que a primeira responsabilidade do educador é pela subjetividade do aluno, “pelo que permite ao estudante ser um ser singular e único” (BIESTA, 2013, p. 50). Para o autor, não se trata de saber tudo sobre nossos alunos, antes de podermos assumir a responsabilidade sobre eles. Ser um professor implica a responsabilidade por alguém que não conhecemos e não podemos conhecer. No entanto, ao longo do processo educacional, os professores orientam os alunos a encontrar sua própria voz única, responsiva e responsável. Assim sendo, a educação deixa de ser um processo de dar algo e torna-se um processo de perguntar e formular perguntas difíceis.

Ao recobrar a aula daquele dia, a professora solicitou aos alunos que entregassem as atividades e foi muito decepcionante verificar que somente 5 (cinco) dos 27 (vinte e sete) alunos fizeram. Na ocasião, a professora questionou o porquê eles não fizeram e foi lastimável ouvir dos alunos as desculpas mais “esfarrapadas”, uma situação de total descompromisso com os estudos, desrespeito com a professora e de não cumprimento dos deveres. Fiquei muito consternada ao ver a tristeza da professora, assim como fiquei com uma vontade enorme de fazer algum tipo de intervenção, mas não me atrevi a tanto, pois a proposta por mim apresentada à professora não previa este tipo de ação da minha parte. Retomando a teoria foucaultiana (2007), a qual sinaliza que todo indivíduo é dotado de algum tipo de poder, portanto, pode em determinados momentos se rebelar contra a ordem estabelecida, no caso dos alunos que não fizeram as atividades, parece ser que, sua subversão as regras estabelecidas seja demonstrada por meio da não realização das atividades, bem como do desinteresse pela aula. Todavia, a professora, após solicitar que os alunos retornassem para suas carteiras, se aproximou e disse: - *O que a gente faz nessas horas?*

Para tentar explicar o meu desejo de intervenção ao querer ajudar à professora, concomitante a solicitação da professora em me perguntar o que fazer, desloco essa discussão para os pressupostos da criticidade e da emancipação na formação de professores abordada por Maciel (2014, p.251) quando destaca “que existe um sentimento de ansiedade ou um desejo, por parte do professor-colaborador, de que o pesquisador apresente respostas para os problemas do seu contexto local.” Esse fato, devo acrescentar que, não só nessa ocasião, mas nos Encontros de Formação de Professores de Língua Estrangeira da REME em diversos momentos e por diferentes razões, os professores esperam que o formador apresente soluções para os

problemas vivenciados por eles no cotidiano de sala de aula. Por outro lado, Maciel (2014, p. 252) fundamentado em sua experiência como pesquisador, afirma que igualmente “o pesquisador, com suas amarras resultantes de suas perspectivas teóricas, também projeta muitas expectativas dentre elas a de que pode trazer contribuições por meio de uma ação intervencionista local.” Contudo, Maciel (2014) ressalta que se emancipar refere-se ao fato de fazer com que as pessoas pensem e tomem suas próprias decisões, chegando obviamente às suas próprias conclusões, pois parece contraditório que uma pessoa externa ao contexto local, possa trazer algo que resolva o problema.

Com efeito, devo destacar que dos cinco alunos que entregaram o trabalho solicitado pela professora, ao pegá-los para ver, todos estavam bem feitos. Inclusive dois trabalhos (anexo 8), eu fotografei para comprovar o que afirmo. Um deles me chamou muito atenção, porque o aluno desenhou e pintou com bastante capricho, como ele conceitua os diferentes tipos de família.



Figura 3



Figura 4



Figura 5

Em relação as atividades de ilustração no contexto de escola pública, devo acrescentar que é bastante comum os alunos desenharem essas atividades, porque muitas vezes, eles não tem livros, revistas e jornais velhos para recortar gravuras. Também, muitos alunos não têm uma impressora para imprimir gravuras e colar nos trabalhos. Porém, no segundo trabalho que fotografei, o aluno conseguiu imprimir as gravuras. Pode ser que ele tenha impressora em casa, ou tenha pedido para algum parente imprimir pra ele, ou ainda, ele pode ter ido até uma gráfica rápida e pago a impressão.

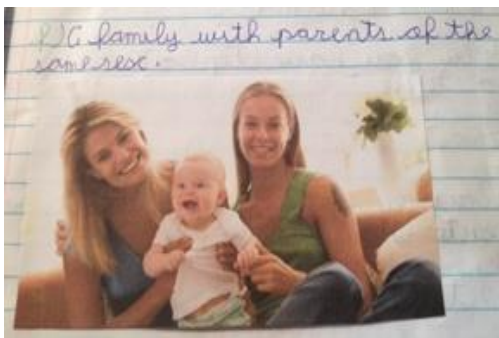


Figura 6



Figura 7



Figura 8

Por fim, fica a pergunta: Por que será que alguns alunos são comprometidos com os afazeres da escola e outros não? Parece que, o fato de alguns alunos se recusarem a fazer continuamente as atividades, é uma espécie de hábito que se auto-alimenta, um tipo de despreocupação que o aluno precisa romper para evitar, possivelmente, um fracasso maior adiante, o fracasso no trabalho e na vida.

A professora que havia agendado com antecedência a sala de tecnologia da escola para apresentar dois tipos de documentários, encaminhou o grupo de alunos até lá. Adentramos a sala e finalmente tivemos um pouco de alívio do calor, pois o ar condicionado estava ligado. Os alunos se aconchegaram no ambiente e então,

aguardamos a professora de tecnologia ligar o *data show*, o *notebook* e a caixa de som. Para nossa decepção, os aparelhos não funcionaram. Ela tentou trocar os fios e verificar o que estava acontecendo, mas não conseguiu fazer com que os aparelhos funcionassem. Os alunos começaram a conversar sem parar, ficaram impacientes e a professora sofreu um desgaste muito grande ao tentar acalmá-los. O tempo foi passando e a saída foi encaminhar os alunos para a biblioteca para apresentar o documentário no aparelho de TV. A biblioteca sem ar condicionado estava um “forno”, ademais também não estava arejada. Foi difícil permanecer naquele ambiente com as janelas fechadas e com apenas dois ventiladores.

Finalmente a professora conseguiu colocar o documentário intitulado “Pantanal – encantador em todos os sentidos” (Brasken/Petrobrás). Este documentário traz uma rica descrição da fauna e flora do Pantanal, sendo esses, os motivos que mais atraem turistas de todo o mundo para a região. Apresenta ainda uma grande diversidade de espécies animais, consideradas raras, e, outras que estão na lista de espécies ameaçadas à extinção, como a onça pintada e a ariranha. Este documentário se diferencia dos demais, em razão de entrelaçar junto com a narrativa, os sentidos humanos: audição, olfato, paladar, tato e visão, pois são eles que propiciam o nosso relacionamento com o ambiente, e é por meio deles que o nosso corpo percebe o que está ao nosso redor e isso nos ajuda a nos integrarmos com o ambiente em que vivemos. Todavia, os alunos não entraram no clima da atividade e a maioria ficou conversando, outros acharam uma pequena bola e começaram a chutá-la uns para os outros por debaixo das cadeiras. Até que eu não aguentei e segurei a bola com meus pés, com o intuito de tentar conter mais uma atitude de indisciplina dos alunos. Foi lastimável presenciar essa cena, confesso que fiquei muito incomodada com as atitudes dos alunos.

O segundo documentário sobre o artista plástico “Siron Franco – natureza e cultura” foi possível apresentar somente o início, pois o tempo de aula havia acabado. O documentário apresenta o trabalho do artista plástico Goiano mostrando e falando de suas produções. Conta sobre sua vida e sua opção por ser artista, desde os nove anos de idade. Siron apresenta seu ateliê localizado em uma chácara e afirma: “tudo o que está aqui está em processo”. Conta de sua infância, dos artistas que o influenciaram e de sua atuação como artista-cidadão, que se indigna com os acontecimentos a sua volta. Finaliza o documentário com um depoimento sobre diferentes assuntos, mostrando, por meio de suas criações, seu olhar ético sobre o

mundo. Sobre essa atividade, a professora relatou que a intenção dela foi apresentar dois diferentes tipos de documentários para que os alunos pudessem observar as diferenças entre eles, principalmente em relação às narrativas, bem como para que eles tivessem a oportunidade de apreciar um documentário, pois muitos alunos nunca haviam assistido a um.

### Parceria inesperada

De maneira inesperada, a professora me informou que em conversa com a professora de Língua Portuguesa da turma, ela ficou bastante interessada em colaborar com a elaboração do documentário em suas aulas. Assim, ganhamos uma parceira importante para o desenvolvimento desta atividade. As duas professoras planejaram o cronograma abaixo, descrevendo as ações pedagógicas que cada uma executaria com os alunos. Ressalto que, é louvável a atitude de parceria da professora, uma vez que, vários profissionais reclamam da falta de companheirismo dos colegas no que se refere às atividades escolares. Muitos preferem viver no isolamento de suas aulas; outros são egoístas, não dividem suas ideias; há aqueles que “roubam” as ideias dos outros e depois afirmam que a ideia foi deles. Ao invés de colaboração, parece que há um clima de competição entre alguns profissionais.

Devo justificar que, em razão das aulas de Língua Portuguesa da turma de 9º ano coincidirem com o período das aulas do mestrado, fiquei impossibilitada de estar em sala de aula para acompanhar as atividades (anexo 9) realizadas pela professora. Porém, a professora-colaboradora me reportou sobre as produções dos alunos.

CRONOGRAMA – PRODUÇÃO DE DOCUMENTÁRIO		
DATA	DISCIPLINA	AÇÕES PEDAGÓGICAS
14/04/14	LEM - Inglês	Avaliação bimestral; solicitação de atividade.
22/04/14	Português	Orientação sobre produção do gênero Documentário.
28/04/14	LEM - Inglês	Atribuição das funções e explicação.
29/04/14	Português	Produção de sinopse.
05/05/14	LEM - Inglês	Produção de roteiro.
06/05/14	Português	Estudo teoria <i>storyboard</i> .
12/05/14	LEM - Inglês	Produção de <i>storyboard</i> .
13/05/14	Português	Apresentação do <i>storyboard</i> , logo, figurino e trilha sonora.
19/05/14	LEM - Inglês	Estudo de textos, em inglês, para serem usados nos documentários de acordo com os subtemas.
20/05/14	Português	À critério da professora.

26/05/14	LEM - Inglês	Músicas e letras para interpretação e socialização de acordo com os subtemas.
02/06/14	LEM - Inglês	Avaliação da produção do documentário (aspectos positivos e negativos e o que cada um aprendeu durante o processo)
03/06/14	Português	Exibição do vídeo produzido, na sala de tecnologia, para 9° B, 8° A, B e C .

A aula seguinte, do dia 14 de abril, a professora reservou a data para aplicar a avaliação bimestral (anexo 10) da turma. Na sequência, dia 21 de abril não houve aula em razão do feriado de Tiradentes e no dia 28 de abril aconteceu o conselho de classe da turma do 9° A.

### 2.3 Episódio 3 - Alguns percalços do desenvolvimento da carreira da professora

Após a prova bimestral, o feriado e conselho de classe da turma, a aula aconteceu no dia 5 de maio. Naquele dia, a professora iniciou a aula passando o caderno de registro de sentimentos da turma, no qual os alunos escrevem de maneira espontânea e sincera o sentimento em Inglês que cada um estava no momento. Os alunos escreveram: *jealous, sad, joyful, bored, confused, falling in love, happy, exhausted, sexo*). Para a professora, o caderno funciona como um termômetro para ela ressignificar as aulas também.

Segundo a professora, a atividade principal da aula foi a produção do roteiro para o documentário sobre o tema *Types of family*. Para tanto, ela formou três grupos de alunos e distribuiu funções para cada um, explicando cada etapa da atividade. Ao final da aula, a professora recolheu de cada grupo a produção do roteiro para o documentário.

A aula seguinte aconteceu no dia 12 de maio e a professora deu continuidade à produção da atividade do documentário. Ela solicitou aos alunos para que escrevessem um pequeno texto em Português e Inglês ressaltando fatos e curiosidades do contexto familiar deles, e em casa, os alunos deveriam inserir fotos da própria família. Na ocasião, a professora solicitou que eles entregassem a atividade na aula posterior de maneira impressa. Cada aluno deveria também enviar por e-mail uma cópia para o líder do grupo para a edição do documentário.



Nessa aula, a professora chamou subitamente seis alunos para conversar sobre a atividade da aula anterior, pois eles haviam copiado um dos outros. Quando ela começou a falar que ao corrigir os textos, eles estavam idênticos, mostrando-os para cada um deles, um aluno disse em voz alta para todos ouvirem: - *Nós ficamos até meia noite fazendo essa porra!* Foi lamentável presenciar esta cena em sala de aula, pois, por mais que os alunos estivessem errados, mesmo assim, eles tentaram justificar o que na verdade não se justifica. A maneira como ele falou com a professora, para mim, foi inadmissível. Ela ficou bastante nervosa, ao mesmo tempo triste e com o semblante abatido e mais uma vez sofreu um significativo desgaste. Em momentos como esse, parei para refletir sobre o clima de miséria cultural que assola os indivíduos, bem como sobre a falta de sensibilidade dos alunos em reconhecer o trabalho intelectual como um dos mais importantes para a formação crítica do cidadão. Parece que falta maturidade por parte dos alunos em saber que estudar exige esforço, concentração, dedicação e disciplina.

No dia 19 de maio a professora fez a “Dinâmica do autódromo” (anexo 11) com os alunos. Para tanto, ela formou três grupos na sala, entregou um texto para cada aluno sobre os tipos de família em Inglês, fez a leitura para eles e desenhou uma tabela no quadro. A professora fazia uma pergunta sobre o texto para cada grupo responder. Eles deveriam buscar a resposta no texto e encontrá-la rapidamente, pois o tempo cronometrado no celular por um determinado aluno era de 30 segundos. Ao final dele, eles tinham que responder a pergunta para ganhar pontos na tabela. Exemplos de algumas perguntas: *Is the author male or female? What does she study? What is her job?*

O principal objetivo desta atividade foi que os alunos conseguissem fazer a interpretação textual por meio da dinâmica, bem como trabalhar as questões de relacionamento interpessoal. Conquanto, a maioria dos alunos não conseguiu permanecer em silêncio durante a atividade, demonstrando dificuldade de concentração e de saber ouvir os outros. Porém, com o auxílio da professora, tiveram êxito em responder a maioria das perguntas.

Quando bateu o sino para a próxima aula, um aluno espontaneamente falou: - *Teacher, time is over!* Por fim, a professora não conseguiu finalizar a atividade naquela aula, ficando para próxima aula a conclusão da mesma. Na ocasião, ela relatou que gostaria de ter apresentado um vídeo sobre o tema *Family*, mas a responsável pela sala de tecnologia estava de licença médica, sendo assim, não foi possível apresentá-

lo, pois não se pode usar a referida sala quando a servidora está ausente, ela deve permanecer trancada. Interpreto que este tipo de regulamento, atrapalhou e prejudicou as atividades planejadas pela professora, uma vez que o seu trabalho esteve sujeito a imprevistos e acontecimentos inerentes a sua vontade e possibilidade de solução.

No dia 26 de maio a professora retomou a atividade da “Dinâmica do Autódromo”. Foi muito desgastante para professora este momento, pois os alunos não conseguiram permanecer em silêncio e também não se concentram na atividade. A professora teve que repetir várias vezes às perguntas e pedir silêncio para os alunos. Em determinado momento ela parou e disse: - *Ai Senhor Jesus, me ajuda!* Para tentar explicar o sentido do apelo feito pela professora, recorro a Nóvoa (2000, p.75), quando teoriza sobre os percalços do desenvolvimento da carreira de professor, destacando que “uma carreira é, assim, um processo e não uma série de acontecimentos. Para alguns, este processo parece linear, mas, para outros, há patamares, regressões, beco sem saída, momentos de arranque, descontinuidades.” Mais precisamente, o referido autor esclarece que tal processo pode causar em muitos profissionais, momentos de desestabilização por razões de ordem psicológica.

Após esse momento, a próxima atividade daquela aula foi com música. A professora solicitou que os alunos ouvissem a mesma música com dois cliques diferentes. A proposta desta atividade foi que cada aluno observasse as imagens, fizesse a interpretação e refletisse sobre o tema apresentado.

#### **2.4 Episódio 4- A prática avaliativa da professora**

No dia 2 de junho, a professora iniciou a aula com algumas frases (anexo 12) do psiquiatra Bruno Bettelheim em Português e Inglês, distribuindo-as para todos os alunos. Cada aluno deveria encontrar a frase que continha a tradução da sua, formando uma dupla de cada vez. Após este momento, os alunos deveriam discutir sobre as ideias contidas em cada frase e depois registrar suas próprias considerações sobre o tema. Em seguida, houve o momento da socialização da atividade, quando cada dupla fez a leitura em Inglês e Português da frase e respondeu as seguintes questões: *Do you have the same point of views? What arguments have you used to support your opinion?* A professora solicitou que cada dupla registrasse a atividade numa folha e entregasse para ela. Como tarefa, a professora pediu aos alunos que

fizessem a produção de slogan de uma campanha publicitária com o tema família, para posterior apresentação.

No momento da socialização desta atividade, a professora gravou com uma câmera as respostas dos alunos como parte de uma das avaliações do bimestre. Achei muito interessante ela ter feito o registro por meio de vídeo para posterior avaliação. Talvez o modo de registro feito pela professora, utilizando um recurso tecnológico, tenha relação com a dificuldade citada anteriormente por ela mesma em fazer registros por escrito durante as aulas, em razão de sua própria ansiedade e por considerar que a disciplina exige interação constante com os alunos.

Observei que há um cuidado por parte da professora em avaliar diariamente os alunos, especialmente as habilidades de problematização, de colaboração, de solução de problemas, de criatividade, de criação de cada aluno, mantendo-se atenta durante todo o desenvolvimento das atividades até a sua conclusão, se deslocando de carteira em carteira, atendendo individualmente os alunos, visitando os grupos, esclarecendo dúvidas, dando opiniões, orientando etc. Sobre isso, Duboc (2014, p.40) reforça que “do ponto de vista das demandas atuais, o professor poderia expandir sua prática avaliativa para além de conhecimentos sistêmicos ao propor atividades pelas quais pudesse avaliar outras estratégias e habilidades.” A autora ressalta que devido às mudanças trazidas pela globalização e pela expressiva multimodalidade da era digital, é necessário que os professores revisitem sua prática pedagógica e avaliativa para que estas sejam condizentes com as novas demandas, incluindo-se outras estratégias e habilidades, “pautadas na distribuição, no compartilhamento, na autoria colaborativa e pública” (DUBOC, 2014, p.42).

Outros fatos me chamaram a atenção naquela aula, o primeiro deles estava no caderno do *How do you feel today?* Novamente, o aluno escreveu “sexo” e outro “fracassed”. Também havia três alunas com cheiro muito forte de bebida alcoólica e que não quiseram fazer nada durante a aula, mesmo à professora conversando com elas, preferiram permanecer o tempo todo da aula evitando o contato visual com a professora, como se reconhecessem que haviam feito algo errado, demonstrando certa sensação de desconforto. Este acontecimento me fez olhar para esta situação com um misto de incompreensão e um desejo enorme de perguntar diretamente as alunas, por que estavam daquele jeito? O que havia acontecido antes de chegarem à escola? No entanto, mais uma vez, me contive.

## 2.5 Episódio 5 – A ampliação da noção de letramento para o campo da imagem

Na semana seguinte, dia 9 de junho, os alunos deveriam apresentar a atividade do documentário, mas não foi possível, pois só um dos grupos conseguiu finalizá-la. A professora teve que adiar a apresentação. Naquele dia, a aula foi realizada na biblioteca, onde a professora fez uso do *data show* e *notebook*, mas novamente houve problema com os cabos dos aparelhos que atrasaram muito a aula. A atividade (anexo 13) consistiu em os alunos relacionarem imagens e texto impresso, depois eles fizeram a leitura crítica das informações contidas nas imagens e no texto.

Para intensificar o debate em relação à atividade proposta pela professora, Rojo (2009) discorre que por efeito da globalização e das mudanças relativas aos meios de comunicação, à circulação da informação e o acesso à tecnologia digital (celulares, *notebook*, *tablets* etc) implicam também mudanças nas possibilidades de leitura, escrita e circulação dos textos, “relacionando-os com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática ou em movimento, música, fala)” (ROJO, 2009, p.106). Dessa maneira, a professora, quando propôs a leitura crítica das informações contidas nas imagens, oportunizou aos alunos, primeiro, a ampliação da noção de letramento para o campo da imagem e depois por meio do texto impresso.

Todavia, mesmo utilizando alguns recursos tecnológicos e outra modalidade de linguagem, somente alguns alunos participaram da atividade, os demais não pararam de conversar e atrapalhar a aula, alguns falaram “palavrões” a maioria do tempo. Foi perceptível, mais uma vez, o desgaste da professora em solicitar silêncio e retomar diversas vezes a atividade.

Após o ciclo de atividades que a professora produziu para dar suporte à atividade principal, sublinho ser relevante pontuar algumas questões sobre o processo de ensino e aprendizagem da LI no contexto investigado. A maior dificuldade que pude observar durante as aulas, foi à professora fazer os alunos utilizarem a LI nos momentos de interação. De modo geral, eles têm acentuadas limitações no que se refere ao entendimento de sua estrutura, restringindo-se mais a aquisição de vocabulário. Outro fator, é que prevalecem as aulas pautadas nas habilidades<sup>5</sup> de *reading and listening*, já as de *speaking and writing* são menos exploradas. Todas as atividades de reflexão, discussão, contextualização e interação são feitas em língua

---

<sup>5</sup> Ressalto que a perspectiva dos multiletramentos não se pauta mais em quatro habilidades. O novo conceito de multiletramentos permite a compreensão de novos e complexos usos de várias habilidades da linguagem (COPE; KALANTZIS, 2000).

materna. Nessas conjunturas, verifiquei que é na língua materna que acontece a construção de sentidos e a reflexão crítica, podendo a LI ser usada nos momentos onde a inferência seja possível, mesmo a professora incentivando o trânsito entre a língua materna e a LI ou fazendo exercícios de repetição. Contudo, foi notável a curiosidade dos alunos em adquirir alguns vocabulários em LI, especialmente àqueles relacionados aos *games*, ao mundo virtual, as tecnologias, as músicas e aos filmes que eles gostam de ouvir e assistir. Em se tratando deste contexto, talvez, a aprendizagem de LI seja um espaço para o despertar, para a descoberta, para a curiosidade e para manutenção do interesse em cada um dos alunos em buscar o conhecimento que necessita e que faz uso, pois enquanto existir esses sentimentos, acredito que seja possível que eles trilhem um caminho de construção da LI.

As duas aulas seguintes dos dias 16 e 23 de junho foram suspensas em razão dos jogos do Brasil na Copa do Mundo de 2014.

## **2.6 Episódio 6 – A análise e a sistematização do processo de elaboração de uma atividade de documentário**

A última aula, antes do recesso de férias aconteceu no dia 30 de junho, quando apliquei o questionário de pesquisa com os alunos. Para esse dia, a professora solicitou dois tempos de aula divididos em: primeiro tempo para a aplicação do questionário e segundo tempo para as apresentações dos trabalhos sobre o documentário.

Na ocasião, contextualizei um pouco sobre a pesquisa, bem como sobre a importância deles responderem todas as questões com sinceridade e verdade, fiz os agradecimentos pelo tempo que passamos juntos e levei chocolate para os alunos, na tentativa de oferecer algo que eles gostassem de saborear. Naquele dia, houve a entrega das camisetas da turma com a seguinte frase, escolhida pelos próprios alunos: *O que hoje estão presentes, amanhã virarão lenda*. As camisetas da turma de 9º ano é uma tradição na REME, representa um tipo de cultura escolar, bem como demonstra a conclusão de uma etapa importante de estudos para eles: o fim do Ensino Fundamental. Para tanto, os alunos escolhem uma frase que melhor descreve a ideologia do grupo.

Antes da apresentação dos trabalhos, a professora conversou com os alunos sobre o conselho de classe, alertando que as notas não foram boas em todas as áreas do conhecimento, assim como propôs uma reflexão com eles sobre a necessidade de mudança de postura em relação às atividades escolares para o próximo semestre. A professora recolheu a tarefa (anexo 14) sobre a produção de slogan para uma campanha publicitária com o tema família.

A apresentação dos trabalhos (anexo 15) superou minhas expectativas e também da professora em razão da qualidade do que foi produzido pelos alunos. Em alguns momentos, nós ficamos um pouco apreensivas, preocupadas com o resultado dos trabalhos, uma vez que os alunos demonstraram, ao longo das aulas, certo descompromisso com as atividades. Apreciei muito as narrativas, a criatividade deles na seleção de músicas e de imagens, a desenvoltura dos entrevistadores, as perguntas elaboradas para as entrevistas, o processo de construção e edição do vídeo, a habilidade dos alunos na utilização dos recursos tecnológicos. Contudo, devo acrescentar que dos três grupos, somente um conseguiu fazer um documentário legendado em Inglês, pois os outros dois disseram que não tiveram tempo para pesquisar no dicionário ou em um tradutor todas aquelas palavras em Inglês, bem como não se sentiram confiantes em estar fazendo tradução, pois muitas daquelas palavras, eles nunca tinham visto nem em Língua Portuguesa. Percebi também, com exceção daqueles que sempre atrapalham as aulas, que boa parte dos alunos prestou atenção na apresentação dos documentários, até porque foi uma produção deles, houve aquele sentimento de pertencimento. Na sequência, apresento o registro de alguns alunos quando solicitei para que descrevessem o que acharam da atividade do documentário, se gostaram ou não e por quê?

- A1: - Eu gostei porque a gente aprendeu muita coisa sobre a família.*  
*A2: - Foi como um tipo de projeto para manter as famílias unidas e conhecer mais sobre as relações de famílias diferentes, foi uma boa experiência.*  
*A3: - Legal, gostei de saber o ponto de vista de cada um sobre a família.*  
*A4: - Achei diferente porque nenhuma outra escola falou a fundo sobre família.*  
*A5: - Gostei, foi interessante aprender outras coisas e sair um pouco fora da rotina.*  
*A6: - Gostei sim, porque aprendi sobre famílias diferentes da minha.*  
*A7: - Gostei porque me ensinou muita coisa.*  
*A8: - Sim, porque a minha parte (entrevistadora) foi legal e muito importante.*

A9: - *Não gostei, acho que o assunto não é interessante.*

A10: - *Não gostei, porque é desnecessário aprender isso na escola.*

De modo geral, e em conformidade com a maioria das respostas dos alunos, parece que eles gostaram e conseguiram aprender com mais profundidade sobre o tema proposto. No que se refere ao desenvolvimento de habilidades, a atividade do documentário possibilitou que os alunos utilizassem diferentes formas de linguagem (verbal, corporal, musical, plástica, espacial, visual, gestual), que selecionassem narrativas multimodais (letras de músicas) sobre o tema família, produzissem texto com autoria, fizessem a tradução do texto produzido em Português para o texto em Inglês, criando sua legenda (somente um grupo fez), entrevistassem pessoas da comunidade (diretora, psicóloga, advogado e professor), trabalhassem de forma colaborativa, onde cada integrante do grupo desempenhou funções diferentes (diretor, redator, repórter/narrador, diretor de arte, diretor de imagem e operador de câmera), que planejassem cada etapa desta atividade até a sua conclusão, delimitando o tempo, as condições materiais para sua realização, os recursos tecnológicos disponíveis (câmera fotográfica, celular, *notebook*, *tablet*), manipulando, criando e remixando textos de diferentes mídias, editando vídeo, selecionando diferentes imagens que fazem alusão ao tema, fazendo pesquisas e registros sobre o assunto, criando sinopse e fazendo *storyboard* do documentário.

Conforme as habilidades desenvolvidas por meio desta atividade, foi possível apontar o uso da multiplicidade de linguagens, semioses e mídias empregadas pelos alunos na construção de significação no que se refere aos textos multimodais contemporâneos e com autoria (ROJO, 2009). Embora a escola ainda favoreça mais a linguagem escrita, considero que os elementos da linguagem visual, sonora, gestual, espacial estejam presentes de maneira mais acentuada nas práticas sociais que ocorrem fora dela e que os alunos sabem disso, por isso, de certa forma, se desinteressam também por algumas atividades que insistem em não contemplar momentos de aprendizagem que não consideram as diferentes linguagens. Sobre isso, reflito que, na escola, parece que o uso de imagens, por exemplo, está muito associado a sua importância nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos processos de alfabetização, nos quais as crianças precisavam compreender a relação recíproca entre significante e significado. No entanto, acredito que diferentes formas de linguagem também precisam ser vistas como texto, porque construímos sentidos por

meio delas, motivo pelo qual, devemos ampliar a noção de letramento que prioriza o texto escrito e cujo processo deve permear todo o período de escolarização e também vida a fora.

Em se tratando dos processos de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa, julgo pertinente trabalhar os elementos da linguagem para a construção de sentidos, uma vez que os alunos têm dificuldade em entender sua estrutura, oferecendo a eles outras possibilidades de aprendizagem. Na atividade proposta, foi possível avaliar as habilidades desenvolvidas pelos alunos descritas anteriormente, bem como a construção crítica do tema abordado que se deu em língua materna, porém, não foi possível avaliar a contento, quais estruturas e vocabulários da LI os alunos internalizaram, pois essa etapa é muito difícil de mensurar e caberia outro trabalho de pesquisa mais aprofundado, talvez, este fator se configure na limitação deste estudo.

Após a finalização das atividades propostas com os alunos do 9º ano, solicitei que a professora-colaboradora fizesse um registro (anexo 16) de quais atividades ela considerou que planejou a partir do que foi proposto pelo curso Professor sem Fronteiras e como as reinterpretou para o seu contexto local?

*P2: O curso Professor sem Fronteiras foi um grande motivador para a busca de estratégias que me conduzisse a outros objetivos metodológicos, embora, muitas vezes, eu fiz uso da minha própria intuição e de algumas adaptações devido ao perfil da turma e do feedback da sala. Após a escolha do tema “Família” para trabalhar com os alunos, de início, eu tentei priorizar alguns aspectos como sondagem sobre o conceito de família a partir das influências sociais, culturais e também preferências individuais e coletivas, leituras individuais e de grupo das diferentes visões e sentimentos sobre o assunto e a reflexão sobre a própria formação familiar e as demais existentes. Nesse sentido, trabalhei uma atividade de reflexão ao pedir que eles registrassem em inglês ou em português uma palavra que resumisse para eles, o próprio sentimento relacionado à família. Posteriormente, essas palavras foram escritas em inglês em um cartaz que foi fixado na parede da sala de aula, após conversa com os alunos. Também pedi aos alunos que fizessem um trabalho com ilustrações sobre os tipos de família para que eles pudessem ampliar o conceito de diversos tipos de família existentes em nossa sociedade, bem como falar um pouco mais sobre a própria família. No decorrer das aulas, com o objetivo de discutir e refletir sobre relacionamento familiar, eu disponibilizei para os alunos informações, imagens, textos orais e escritos e depoimentos como na atividade com algumas frases do psiquiatra Bruno Bettelheim, bem como na atividade de relacionar imagens com o texto impresso e a leitura crítica das informações contidas nas imagens e texto. Algumas atividades desenvolvidas foram planejadas com o intuito de favorecer a percepção da necessidade de se respeitar as diferentes constituições familiares e a*



*importância desse fato para a manutenção das relações interpessoais saudáveis nos vários ambientes de interação com as pessoas como nas atividades de produção do documentário, realizada em colaboração com a professora-pesquisadora e de produção de slogan de uma campanha publicitária com o tema família.*

Por meio do registro da professora-colaboradora foi possível verificar que houve a preocupação por parte dela, em reinterpretar e adaptar as atividades propostas no curso Professor sem Fronteiras para o seu contexto local, mesmo que algumas vezes, no desenvolvimento das aulas, o planejado não tenha sido o executado. O fato de a professora fazer uso de sua própria intuição nas aulas, eu entendo como um fator positivo nesse processo, porque fazemos uso de nossa própria intuição o tempo todo - daquele instante de percepção clara sobre as coisas ao tomarmos uma decisão.

Outra questão suscitada pela professora-colaboradora, refere-se a proposta de ampliação da perspectiva de letramento crítico por meio das atividades sugeridas, o que remete, na prática, ter um compromisso político e crítico em relação ao papel da Língua Inglesa no currículo escolar como disciplina formadora e não limitada à função instrumental de letramento, criticado por Monte Mor (2013). Nesse sentido, em razão dos fenômenos de globalização, da linguagem digital e do conhecimento tecnológico ocasionarem mudanças significativas na sociedade, há a necessidade de nós, professores, fazermos revisões em relação as concepções educacionais e epistemológicas, bem como sobre visões de cidadania, identidade e alteridade, conforme aponta Monte Mór (2010).

No entanto, a grande maioria dos sistemas educacionais repete currículos e reforçam antigas metodologias e avaliações uns dos outros. Por meio do fortalecimento da globalização, o mercado requer um trabalhador inovador com multihabilidades, vivências diversas, flexibilidade, criatividade e criticidade. Assim sendo, o ensino de Língua Inglesa atrelado aos letramentos e os multiletramentos, os quais valorizam a pluralidade de perspectivas pode conduzir os alunos as diferentes práticas sociais e, conseqüentemente, a demanda da nova sociedade.

Nessa direção, segundo Rocha e Maciel (2013), há urgência no campo da educação linguística, da pesquisa e da formação de professores de buscar outros objetivos metodológicos que nos possibilitem ver o mundo de modo plural, que considere a complexidade e a contradição, a descontinuidade e a incompletude como formas válidas de produzirmos conhecimentos. Para tanto, conforme defende Monte Mór (2013, p.32), é primordial que a melhoria de qualidade de formação aconteça por

meio de propostas que tendem “à aproximação entre a universidade e a educação básica e que reflitam as necessidades da sociedade em que se inserem”. Nessa mesma direção, considero que o curso Professor sem Fronteiras foi inovador em propor novas formas de pensar o ensino da Língua Inglesa.

Na sequência apresento algumas declarações de alunos do contexto investigado, quando indagados se eles acham ou não importante aprender a Língua Inglesa e por quê?

*A1: - I study a foreign language because it is important if I work in a market or I have to sell something. I want to know how to talk with other person that speak another language. I study a foreign language because some person of other country can ask me something and I wouldn't know how to answer.*

*A2: - Estudar a Língua Inglesa é importante para entender letras de músicas, vídeos, filmes, jogos etc. Ou até fazer uma viagem a outros países que falem essa língua.*

*A3: - Serve para quando eu for viajar para o exterior, para me comunicar com os estrangeiros, para quando eu for fazer faculdade no exterior e várias outras coisas.*

*A4: - Porque se eu for viajar para outro país que não fala minha língua eu posso me comunicar com eles. E principalmente porque quase todos os empregos exigem que se saiba o Inglês ou Espanhol, ou seja, uma outra língua estrangeira.*

*A5: - É importante aprender a falar uma língua estrangeira porque quando formos viajar para outro país, nós entendermos o que eles falam e as regras desses países. Também se recebermos uma oferta para jogar futebol, é em Inglês que entendemos os outros jogadores.*

*A6: - Porque de alguma maneira eu sei que isso vai me ajudar futuramente. Isso pode me ajudar em qualquer coisa e, principalmente, é mais uma experiência entre tantas outras que viverei.*

De acordo com as declarações dos alunos, é possível inferir que a aprendizagem de uma Língua Estrangeira para eles, pode trazer diversas vantagens como entender letras de músicas, vídeos, filmes, jogos, viajar para outros países, se comunicar com estrangeiros, conseguir um bom emprego, fazer faculdade no exterior, como experiência de vida. O papel do letramento crítico em Língua Inglesa prioriza o desenvolvimento do senso de cidadania ao trabalhar a linguagem desenvolvendo os modos culturais de ver, descrever, explicar (OCEM, 2006).

Nos recentes estudos sobre letramento, Monte Mór (2013) destaca que a questão da crítica se apura ao ser abordada por uma perspectiva que a relaciona à linguagem como prática social. Nesse sentido, aos professores, cabe revisitar constantemente sua prática pedagógica e traçar objetivos de aprendizagem para os alunos que contemplem várias modalidades de leitura e escrita como a visual, digital, multicultural e crítica, para que se forme um leitor e um produtor de textos que, diante do que lê e escreve assume uma posição de valores, ideologias, discursos e visões de mundo.

Então, conforme as alegações dos alunos, mesmo tendo consciência que é vantajoso aprender uma Língua Estrangeira, como desfrutar de todas essas vantagens, se quando eles têm a oportunidade de aprendê-la, desperdiçam a maioria do tempo da aula com situações de indisciplina? Zagury (2006), por meio de suas investigações sobre o porquê fracassa a educação no Brasil, aponta as três maiores dificuldades em sala de aula do professor: manter a disciplina dos alunos (22%), seguido da falta de motivação dos alunos (21%) e fazer a avaliação dos alunos (19%). A autora traz uma rica problematização sobre o tema tratado e afirma que ser professor nunca foi uma tarefa simples e que hoje novos elementos tornaram o trabalho docente ainda mais difícil, em especial, a questão da disciplina, uma vez que boa parte dos alunos, particularmente os pré-adolescentes e adolescentes, como no contexto investigado desta pesquisa, querem “passar de ano” com o mínimo de estudo, leituras e trabalho. Sobre isso, a autora argumenta que:

*Considero um sério dano fazer o aluno e sua família acreditar que, quando o professor atua de forma metodologicamente moderna e adequada, todo aluno aprende como que por um passe de mágica. Sempre haverá, também por parte do aluno, necessidade de dedicação e concentração, de momentos de estudo individual para exercitar o que estudou, refletir para sedimentar conceitos e transferir aprendizagens. “Vender ilusões” desse tipo só conduz o aluno a achar que tudo que se refere à aprendizagem é responsabilidade única e exclusiva da escola e/ou professor. Ele não precisa fazer nada, nenhum esforço, absolutamente nada, porque as “boas aulas” fazem tudo por ele. É preciso que os alunos e a família voltem a acreditar e a perceber que há sempre necessidade de reciprocidade (ZAGURY, 2006, p.15)*

Dessa maneira, a autora esclarece que por melhor que seja a atuação do professor, o aluno é parte ativa e integrante do processo, por isso é também

responsabilidade dele cuidar de sua aprendizagem. Portanto, apontar o professor como único responsável pelo fracasso do aluno é mascarar a realidade.

## 2.7 Episódio 7 – Prioridades para melhorar as aulas

Para fechar este ciclo de aulas, considero pertinente pontuar o que a professora-colaboradora e os alunos do contexto investigado, elencaram, na opinião deles, como prioridades para melhorar as aulas.

- P2: - Para melhorar as aulas, precisaria que as salas tivessem: TV, data show, notebook, som, ar condicionado, menos alunos por turma.*  
*A1: - Acho que seria interessante se cada aluno tivesse seu próprio lap-top.*  
*A2: - Notebook, data show, iphone.*  
*A3: - Tablet e computadores.*  
*A4: - Quadro digital.*  
*A5: - Jogos e vídeo-games.*  
*A6: - Laboratório de Ciências e Matemática.*

De acordo com os relatos dos alunos, de modo geral, os recursos tecnológicos se apresentam como essenciais para o melhor desenvolvimento das aulas. Para problematizar tal argumento mencionado pelos alunos, recorro a Santaella (2014) ao afirmar que as tecnologias da comunicação e o mundo digital estão alterando profundamente a dinâmica em sociedade. A autora ressalta que o digital está criando uma nova linguagem humana, que mistura o visual, o verbal e o sonoro. Dessa maneira, no âmbito educacional, a escola e o livro começaram a sofrer a competição dessas tecnologias de linguagem consideradas mais rápidas, a exemplo, do uso do computador que permite que a escrita se liberte da linearidade, podendo ser estruturada ao se conectar por meio de *links*, o que é chamado de hipertexto. Assim sendo, os *links* nos levam não apenas a outros textos, mas a mistura de texto escrito, imagem e som. Diante desse contexto, Santaella sinaliza que:

*As crianças e os jovens que estão nas escolas hoje apresentam um processo mental bastante distinto daqueles que não tiveram acesso à hipermídia, o que é feito a qualquer tempo e em qualquer lugar, basta ter nas mãos um computador, tablet ou celular para navegar nas redes. A grande característica dessas redes é ser ao mesmo tempo um meio de informação e de entretenimento, ou seja, infotenimento. Portanto, é o modelo escolar que tem de se reestruturar à luz desse*

*novo meio e desses novos processos cognitivos. (SANTAELLA, 2014, p. 3)*

Assim sendo, a educação que acontece nas escolas, tem de aprender a conviver e criar estratégias de complementaridade com aquilo que a autora denomina de “aprendizagem ubíqua” (SANTAELLA, 2014, p. 4). A fim de enriquecer os processos de aprendizagem, a teórica reitera que estamos em época de somar e não diminuir, uma vez que para esse tipo de aprendizagem, basta ter um celular nas mãos e já nos conectamos as redes de relacionamento, podendo contar com a colaboração de outras pessoas que sabem mais sobre um determinado assunto. Isso não significa que a escola deva abdicar de suas estruturas sistemáticas de aprendizagem, uma vez que a aprendizagem ubíqua é dispersiva e descontínua.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que os alunos de hoje já são exímios na habilidade de tocar as telas em busca de conhecimentos que lhes interessam, bem como reconhecem com facilidade ícones, pistas, movimentos, sons, antes mesmo das letras do alfabeto. Portanto, o desafio da escola é fazer coexistir esses dois tipos de aprendizagens.

Ademais, corroborando com a professora-colaboradora e alguns alunos do contexto investigado, e além das teorias existentes, todos nós sabemos que a diminuição de alunos por turma, bem como a utilização dos recursos tecnológicos citados nas declarações acima é desejável para o melhor desenvolvimento das aulas e conseqüentemente para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem. Porém em um país como o nosso, no qual a educação só é prioridade nos discursos dos políticos, onde não há investimentos reais no chão da escola, estamos fadados a apenas “sonhar” que talvez um dia essas mudanças aconteçam. Sobre isso, Alves (1998, p.174) reforça que “é só retórica vazia as manifestações que, no discurso oficial dos dirigentes de órgãos estatais diretamente responsáveis pela política educacional, prometem elevar a qualidade do ensino e retirar a escola pública de sua inércia.” O autor enfatiza que uma das dificuldades que limitam a atuação da escola pública contemporânea é o anacronismo de sua organização didática que se mantém na “condição de fiel reprodução da proposta de Comênio” (ALVES, 1998, p. 173), acrescentando que a reprodução dessa proposta só não é rigorosamente igual em decorrência do aprofundamento do conhecimento, o que implicou o aumento do número de disciplinas no currículo escolar. De resto, a escola ignorou e deixou de

incorporar no seu dia a dia os avanços tecnológicos. O teórico reitera que a divisão do trabalho ainda é manufatureira: “o professor, em que se pese a simplificação de seu trabalho, decorrente do emprego do manual didático criado por Comênio, continua realizando uma atividade complexa e a escola se cristalizou” (ALVES, 1998, p. 173).

Diante das reflexões apresentadas pelo referido autor e no convívio com os colegas professores nos momentos de formação, eles se queixam que em diversas situações, se veem oprimidos por um cotidiano escolar estressante, que não lhes permite parar para estudar e avançar para outros níveis de ensino (Especialização, Mestrado, Doutorado) e sem que se deem conta, eles tendem a repetir as mesmas práticas pedagógicas, pois o tempo que lhes resta também é preenchido por questões de subsistência, em razão dos salários aviltados, sendo que muitos reclamam também do desgastante deslocamento de uma escola para outra, ou até mesmo de casa para a escola, pois eles nem sempre conseguem aulas nas proximidades onde residem, alguns se servem de lanches trazidos de casa na hora do almoço, e quando não há tempo hábil, se alimentam deles dentro do próprio ônibus.

Do outro lado, estão os alunos, os quais parecem carecer de cultura e de educação familiar, por isso lhes faltam sensibilidade, disciplina e o hábito de estudar, o que provoca um congestionamento na escola por crianças e jovens matriculados com distorção idade/série, uma das causas de superlotação nas salas de aula.

## **2.8 Episódio 8 – A percepção dos alunos em relação a escola do contexto investigado**

Em um segundo momento, cito algumas declarações dos alunos quando perguntados se eles gostam da sua escola? Se sim, se não e por quê?

*A1: - Sim, porque aqui é bem diferente das outras, porque eu gosto muito, eu comecei desde o pré.*

*A2: - Sim, porque os professores explicam bem as matérias, os funcionários são muito gentis e a escola é muito limpa e bonita.*

*A3: - Sim, porque além de ser perto da minha casa, já estou acostumado com ela.*

*A4: - Sim, acho que é uma escola bem disciplinada.*

*A5: - Sim, porque é um lugar muito legal de estudar.*

*A6: - Não muito, porque é muito exigente.*

*A7: - Não, porque não concordo com algumas regras da escola. Na minha opinião, algumas regras são desnecessárias.*

*A8: - Não, porque não gosto de estudar.*

*A9: - Não, porque os professores desta escola são muito preconceituosos.*

Em relação as declarações dos alunos, primeiramente, justifico que não houve possibilidade de agendar uma entrevista para discutir com alguns deles sobre a questão indagada, uma vez que no tempo que estive na escola, os alunos estavam em horário de aula e, no contraturno, teria que pedir autorização para os pais para entrevistá-los em suas casas. Assim sendo, problematizo como eu interpreto esses dizeres. Inicio com um questionamento em relação alunos que afirmam gostar da escola. Por que será que os alunos gostam da escola, mas muitos não gostam de estudar? Depende de como esses jovens significam a escola e suas vivências no ambiente escolar. Para eles, talvez a escola seja o lugar para encontrar amigos e não para aprender. Ademais, a convivência e as interações com os colegas possivelmente são percebidas por eles como os aspectos mais importantes e prioritários da rotina escolar, e por isso, estando em sala de aula, de certa forma, essa interação é interrompida pelo professor, todavia, o aluno continua sentindo o desejo conversar sobre outros assuntos com os colegas, assim sendo, a sala de aula pode se tornar um local desinteressante na visão do aluno.

Considero também que os veículos de comunicação como televisão, rádio, celular, internet, influenciam o comportamento dos jovens, pois grande parte deles faz uso desses instrumentos que também informam, ensinam e transmitem conhecimentos, mas que nada cobram, o que diverge da ação do professor que tem que fazer avaliações.

Os alunos A1, A2 e A3, os quais citam que gostam da escola por estudar nela desde o pré, o outro porque é perto da sua casa e se acostumou com ela, e ainda o que afirma que os professores explicam bem as matérias e os funcionários são muito gentis e a escola é muito limpa e bonita, parece que há um sentimento de pertencimento que envolve a condição de ser aceito, cuidado e respeitado, um processo de identificação com o espaço, construído na percepção de cada aluno, em razão da manutenção das amizades que implica investimento pessoal de tempo e de energia e do relacionamento de confiança com os professores, equipe técnica pedagógica e administrativa, bem como do reconhecimento do espaço escolar como o lugar a que pertencem, nutrindo proximidades e evitando descontinuidades.

Sobre o aluno A4 que afirma que a escola é bem disciplinada, interpreto que talvez o aluno tenha feito a leitura de que a escola, por ter regras e combinados de seu regimento impressos e fixados nas paredes das salas e nos murais externos, prima por ser disciplinada. No entanto, o que presenciei, na prática e em muitos momentos, foi o descumprimento do regimento escolar pelos alunos.

Em relação aos alunos que afirmam que não gostam da escola, interpreto que, talvez, muitos não conseguem estabelecer conexão com as atividades escolares e nem permanecer no ambiente escolar porque podem ter alguma dificuldade em lidar com regras e estabelecer rotinas, pois não suportam cobranças, visto que, muitos deles em casa, são soberanos em sua maneira de decidir sobre a própria vida.

Ao refletir sobre a importância de se estudar, recorro a Geraldi (2010) ao defender a ideia de aula como acontecimento, assumindo que efetivamente “vivemos aprendendo”, sendo o professor capaz de construir uma nova identidade, na qual não é a do sujeito que tem as respostas que a herança cultural já deu para certos problemas, “mas a do sujeito capaz de considerar o seu vivido, de olhar para o aluno como sujeito que também já tem um vivido, para transformar o vivido em perguntas” (GERALDI, 2010, p.95). Para o autor, o ensino não está pautado nas repostas, mas nas perguntas, e, aprender a formulá-las, se tornou primordial, uma vez que as respostas existentes do passado estão disponíveis na internet e aprender não é se tornar um depósito de respostas já enunciadas, mas compreender problemas, elaborar perguntas e saber construir respostas. Segundo o autor, trata-se de “pensar o ensino não como aprendizagem do conhecido, mas como produção de conhecimentos, que resultam, de modo geral, de novas articulações entre conhecimentos disponíveis.” (GERALDI, 2010, p.98).

Além disso, da escola se espera uma reforma em sua organização didática, compatível com os recursos tecnológicos atuais, bem como a reintrodução das obras clássicas no trabalho didático, que não podem ser trocadas por adaptações resumidas dos livros didáticos, os quais tendem a alimentar a ignorância dos jovens. Nesse sentido, abro um parêntese para contar um pouco da experiência que tive ao decidir morar por alguns anos no Japão, muitas coisas me impressionaram naquele país: povo disciplinado, honesto, trabalhador e evoluído. Contudo, me chamou a atenção, o fato de saber que 30% da mesada das crianças e jovens japoneses são destinadas a compra de livros literários. É muito marcante ver as livrarias desse país sempre cheias, principalmente nos fins de semana, quando se formam filas para adentrar



nesses recintos. Nos ônibus, metrô, trens balas, você vê pessoas se deslocando para o trabalho, para a escola, para um passeio e ao mesmo tempo lendo seus livros. Nas bolsas e mochilas das pessoas, além dos aparelhos tecnológicos, estão os livros, coexistindo em plena harmonia. É realmente uma questão cultural e de reconhecimento do valor que tem a leitura.

Outro fator importante a ser destacado sobre a leitura de livros literários, é que, existe uma inverdade instaurada no senso comum das pessoas que tendem a reforçar que os alunos, de modo geral, não gostam de ler obras literárias. Advogo que, pelo contrário, durante o período que estive em sala de aula, os alunos adoravam ir até a biblioteca da escola (embora desprovida de boas obras) para desenvolvimento de atividades de leitura. Também, discuto que, muitos alunos não têm condições de adquirir livros, por motivo financeiro da própria família que elege como prioridade sua própria subsistência. Isso também pode ser verificado em outros níveis de ensino, nos quais os acadêmicos xerocopiam incessantemente as obras.

Dos educadores se espera, em conclusão, uma postura transformadora, de combate a alienação, de repulsa aos discursos vazios, de debate do currículo, da organização e sistematização didática, da qualidade do ensino, da inserção das tecnologias nas aulas, de discussão da escola como um todo e do seu funcionamento e, principalmente, de ser pesquisador de sua própria prática e de manter-se vivo na profissão e no comprometimento com a aprendizagem dos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Não é fácil perceber as coisas pelo meio, e não de cima para baixo, da esquerda para a direita ou inversamente: tentem e verão que tudo muda. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.46)*

O percurso desta investigação, com base em uma perspectiva rizomática, se mostrou como um caminho incerto a percorrer, uma vez que foi construído a partir do elenco de conhecimentos, fatos e experiências que emergiram ao longo desse processo e que não se finalizaram nesta pesquisa, pois sempre haverá a incompletude do que não foi possível revelar. Nessa direção, um rizoma se encontra sempre no meio, entre as coisas e faz um movimento transversal, uma espécie de erva que surge por entre os espaços e que os preenchem.

Sob essa perspectiva, busquei responder três perguntas que orientaram o processo de investigação: 1. Como a professora reinterpreto a proposta apresentada no curso Professor sem Fronteiras para o seu contexto local? 2. Por meio das experiências vivenciadas junto ao contexto investigado, como se desenvolveu o processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa em uma turma de 9º ano de uma escola pública de Campo Grande - MS? 3. Quais foram as implicações dos momentos de tensão em sala de aula para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa de uma escola pública?

No capítulo I intitulado *Da formação de professores às contingências da sala de aula: um olhar sobre as questões emergentes*, busquei problematizar sobre o curso de formação continuada “Professor sem Fronteiras” para professores de Língua Inglesa em serviço da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande – MS (REME), seu desenvolvimento e suas contribuições, destacando a responsabilidade que temos acerca de nossa própria formação, em razão de estarmos imersos em uma sociedade digital globalizada, na qual sentimos o efeito interrupto de mudanças na comunicação e nas formas de interações entre as pessoas.

Em se tratando do curso “Professor sem Fronteiras”, houve a preocupação dos formadores em planejar o insumo oferecido nas aulas conforme a necessidade do grupo. Verifiquei que quando essa prerrogativa é priorizada, a participação dos professores é mais efetiva. Muito embora, alguns professores da REME vivem o dilema: “Na teoria, é uma coisa, na prática, é outra”, ao questionarem teóricos que só prescrevem e sugerem como proceder nas aulas, mas desconhecem com

profundidade os problemas e as dificuldades enfrentadas por eles na escola. Desconfiados das teorias, muitos deles, quando convidados a participar de encontros ou eventos de formação que não contemplam os assuntos relativos a realidade por eles vivenciada, se sentem pouco motivados a frequentá-los. Considero ser de suma importância que os formadores busquem conhecer um pouco da realidade e da rotina escolar dos professores, antes de proporem encontros de formações, pois quando se tem essa preocupação, as chances dos cursistas se identificarem com as propostas e as colocarem em prática, é muito maior. Argumento isso, porque já participei de outros eventos de formação que, por exemplo, iniciou com um número bom de cursistas e ao longo dos encontros, as pessoas foram desistindo de participar, uma vez que não houve identificação com a proposta e nem com o formador. Sobre isso, penso que o formador deve ter uma postura mais acolhedora e humilde em relação aos cursistas, considerando que todos nós temos saberes, experiências e conhecimentos diversos.

Devo acrescentar que como o referido curso foi gratuito e em horário de trabalho, os professores puderam desfrutar com mais tranquilidade e empenho desse momento, sem maiores preocupações com os afazeres na escola, o que colaborou para que não houvesse evasão. Outro ponto que merece ser evidenciado, é que os professores se sentiram motivados, envolvidos e respeitados pelos formadores. Mesmo assim, foi perceptível que, de modo geral, os professores deixaram transparecer em seu discurso que esperavam que os formadores apresentassem soluções para as dificuldades enfrentadas por eles no cotidiano escolar. Esse fato se mostrou ainda mais evidente quando estive em sala de aula com a professora-colaboradora desta pesquisa, quando, em diversos momentos de tensão, ela solicitava com um olhar para mim, algum tipo de intervenção, ou, até mesmo quando se aproximou e disse: - *O que a gente faz nessas horas?* Entretanto, não me senti a vontade e nem segura em ajudá-la, uma vez que considero incoerente uma pessoa externa, apontar soluções para um contexto que não lhe é familiar.

Ressalto também que, esse grupo de professores, tem em sua rotina, um programa de formação desenvolvido pela SEMED, o que facilita a implementação de outras propostas de formação, uma vez que já estão habituados com esse tipo de atividade. Além disso, existe por parte dos técnicos da SEMED um trabalho de acolhida com esses profissionais, buscando nesses encontros, ouvir suas queixas e opiniões, abrindo espaço para que eles socializem suas experiências, discutam e

exponham suas ideias a respeito de várias questões pertinentes a docência, em um processo de diálogo mais horizontal. Contudo, é importante esclarecer que participar de cursos de formação não assegura que os professores coloquem em prática as sugestões apresentadas, muitos ouvem as propostas, até acham interessantes, mas não efetivam com os alunos, alguns por acharem que o tempo é escasso, outros porque julgam o processo muito trabalhoso, poucos são os que efetivamente as põem em prática.

Finalizei esse capítulo tecendo algumas considerações sobre a educação imperfeita e a escola como aparelho disciplinador ao apontar, conforme registro dos professores do contexto investigado, diversas atuações de mau comportamento dos alunos. Além disso, problematizei os efeitos do mundo líquido pós-moderno no campo educacional, elucidando que as relações entre professor e aluno tornam-se frágeis, pouco sólidas, em razão de haver uma considerável redução da interação e da sintonia entre eles, uma vez que o aluno pode descobrir e se informar sobre diversos assuntos por meio da internet. Adicionalmente, foi possível verificar que o enfraquecimento dos laços familiares, ocasionado pela ausência do pai, da mãe ou tutor ao longo do dia, os quais precisam trabalhar para prover o sustento da família, não conseguem educar seus filhos a contento, assim sendo, eles permanecem reféns do que as mídias oferecem como padrão de comportamento, de caráter, de personalidade e de valores.

No capítulo II denominado *Do planejamento idealizado às produções dos alunos: algumas reflexões em torno do processo de ensino e aprendizagem* por meio de episódios, busquei, sobretudo, elucidar as questões tratadas pelo olhar da professora, porque considero ser ela o elemento fundamental desse processo. Como se diz nas escolas: - *Pode faltar tudo, menos o professor e a merenda.*

Sobre como a professora reinterpretou a proposta metodológica do curso “Professor sem Fronteiras” para o seu contexto local, foi possível verificar que ela, primeiramente se sentiu motivada a buscar outros objetivos metodológicos, bem como a desenvolver algumas atividades propostas do curso junto aos alunos. Com efeito, de maneira consciente, a professora fez uso de sua própria intuição para adequar as atividades em razão do perfil e do *feedback* da turma. Nesse sentido, no planejamento e na elaboração das aulas, foi possível averiguar que ela teve uma preocupação constante em pensar as atividades a partir do curso, especialmente no que tange as

questões de reflexão, discussão, conceitos, visões e sentimentos sobre os temas explorados.

A respeito de como se desenvolveu o ensino e a aprendizagem da Língua Inglesa no contexto investigado, foi possível constatar que a construção crítica dos assuntos abordados aconteceram em língua materna, a Língua Inglesa foi utilizada pelos alunos mais nas atividades de leitura e produção de texto, sendo que, nas atividades de leitura, a professora auxiliava os alunos na compreensão e interpretação textual, bem como enfocava a tradução do vocabulário que eles desconheciam. Sobre as atividades de produção de texto, primeiro elas foram produzidas em Língua Portuguesa e depois em Língua Inglesa, sendo que a maior parte delas aconteceu fora das aulas, em razão dos alunos terem 1h/aula semanal deste componente curricular, portanto, presumo que os alunos utilizaram dicionários, *Google* tradutor, entre outros recursos.

Entretanto, em relação ao desenvolvimento de algumas habilidades, foi perceptível o avanço dos alunos, uma vez que eles utilizaram diferentes formas de linguagem (verbal, corporal, musical, plástica, espacial, visual, gestual), ao selecionarem narrativas multimodais, entrevistassem pessoas, trabalhassem de maneira colaborativa, desempenhando diferentes funções (diretor, redator, repórter/narrador, diretor de arte e imagem e operador de câmera), fizessem uso de recursos tecnológicos (câmera fotográfica, celular, *notebook*, *tablet*), manipulassem, criassem e remixassem textos de diferentes mídias, editassem vídeos, pesquisassem sobre o tema tratado, criassem sinopse e fizessem *storyboard*. Em relação aos processos de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa, considero pertinente trabalhar os elementos da linguagem para a construção de sentidos, ampliando as possibilidades de aprendizagem, uma vez que os alunos têm dificuldade em entender e assimilar sua estrutura.

No que se refere as implicações dos momentos de tensão em sala de aula para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem de LI, destaco que em todas aulas, foi possível vivenciar de diferentes maneiras, atitudes de mau comportamento por parte dos alunos que causaram prejuízos tanto para o trabalho da professora quanto para a aprendizagem deles.

Nessa perspectiva, verifiquei que os alunos conversavam incessantemente durante as aulas e a explicação da professora, insultavam uns aos outros e também a professora, não se intimidavam com advertências verbais, nem mesmo do

coordenador ou gestor escolar, não se preocupavam com as avaliações e nem em fazer as atividades propostas pela professora que, precisava convencê-los a maioria do tempo sobre a importância dos estudos, assim como demonstravam apatia quando solicitados pela professora a participar das atividades. Parece que falta por parte dos alunos, consciência e maturidade em saber que o trabalho intelectual exige esforço, concentração, comprometimento, organização e disciplina. Para a professora, foi visível o desgaste psicológico e físico ao tentar mediar junto aos alunos os momentos de tensão, porque além de tudo, ela precisou demonstrar equilíbrio e atitudes coerentes de intervenção diante das situações adversas e inesperadas. Nessas condições, perdeu-se muito tempo tentando retomar o assunto da aula, o que comprometeu significativamente o planejado pela professora. Por isso que, em contextos difíceis, os professores reclamam que precisam desempenhar outras funções como as de psicólogo, assistente social, pai, mãe, tutor e conciliador.

Além disso, o elenco de condições desfavoráveis como a sala de aula pequena, sem ventilação e iluminação adequadas, com muita interferência de ruídos externos, cadeiras e mesas sem reparos, falta de recursos tecnológicos (*data show, notebook, tablets*, aparelhos de som, TV e DVD, acesso a *internet*, entre outros), interferiram na qualidade do insumo produzido, considerando que, em tempos atuais, a escola ainda não conseguiu se equipar conforme as necessidades de seu público alvo, o que de certa forma, provocou o desinteresse dos alunos pelas aulas, mesmo com uma professora bem intencionada, comprometida e que atua de maneira metodológica diferenciada.

Notoriamente, as condições materiais interferem na qualidade da aprendizagem dos alunos. Não dá mais para sustentar que somente a metodologia do professor deve ser aprimorada e melhorada. Em todos os encontros com profissionais da área, eles reivindicam menos alunos por turmas, sala de aula com ar condicionado em razão do município ser de clima quente, bem como sala de aula aparelhada com mínimos recursos tecnológicos (*data show, notebook*, aparelho de som e *internet*), cadeiras almofadadas para os alunos, porque não é fácil para eles permanecerem 4 (quatro) horas seguidas, 5 (cinco) dias na semana, sentados em cadeiras duras com assento de madeira. Assim sendo, não se faz melhoras na educação só com a boa vontade dos professores, é preciso que as autoridades olhem para o espaço escolar com mais seriedade e comprometimento, para que essas reivindicações não fiquem somente no

discurso dos candidatos em época de campanha eleitoral, porque é vergonhoso roubar das crianças e dos jovens, o direito a uma educação de qualidade.

Nessa perspectiva, busquei mostrar outro discurso, diferente do senso comum, ao desvestir um pouco como o docente sente e pensa o espaço escolar. Pois parece fácil dizer ao professor: O que? Como? Quando? Quanto? Por que fazer? Porém, não se pergunta a ele, em que condições? Dessa maneira, em nossa sociedade, de modo geral, ao professor não é concedido a oportunidade de ser ouvido, de expor suas ideias e experiências. E quando isso acontece, muitas vezes, suas contribuições e solicitações não são materializadas. Por isso, não é justo atribuir a ele, a maior responsabilidade do processo, ao pretender resultados positivos na educação.

Considero que as reflexões apresentadas por meio da exploração dos diversos temas que emergiram da convivência com o contexto investigado ressignificou o meu olhar como professora-formadora, e a partir de agora, devo iniciar um ciclo de formações renovadas com os colegas professores da REME, com mais confiança e por meio dos estudos que pude realizar. Confesso que eu precisava aprofundar alguns conhecimentos que são fundamentais para o melhor desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem e do trabalho com formação.

Aos professores-formadores do curso Professor sem Fronteiras, espero que a leitura dessa dissertação possa oferecer algum tipo de *feedback* para a evolução de novos cursos de formação para professores em serviço, bem como possa influenciar positivamente os trabalhos com os acadêmicos nos cursos de Graduação e Pós-Graduação.

Ao findar esta dissertação, como pesquisadora, penso que aquilo que se vê, observa, analisa, discute, problematiza de um objeto de pesquisa, nem sempre é o que se habita nele. O que fascina é a possibilidade de um encontro com outros conhecimentos, o que de fato, me motiva a continuar estudando e aprendendo.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Gilberto Luiz. **A produção da escola pública contemporânea**. São Paulo, 1998. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas/ Faculdade de Educação.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano**. Tradução de Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Língua Estrangeira**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf). Acesso em: 15 de maio de 2015.

CANAGARAJAH, Suresh. Ethnographic methods in language policy. In: RICENTO, T. **An introduction to language policy: theory and method**. New York: Blackwell, 2009.

CHERMONT, Leo. **A palmatória**. 22 de agosto de 2006. Disponível em: <https://chermontlopolis.wordpress.com/2006/08/22/a-palmatoria/>. Acesso em: 8 de maio de 2015.

COMENIUS, Jean Amós. **Didactica Magna**. Praga, 1957.

CORMIER, Dave. **Rhizomatic Education: Community as Curriculum**. Disponível em: <http://davecormier.com/edblog/2008/06/03/rhizomatic-education-community-as-curriculum/>. Acesso em 1º de dezembro de 2014.



COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. Life in Schools. In: COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (Orgs). **New learning – Elements of a Science of Education**. Second edition. London: Cambridge University Press, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, vol. 1, 2ª ed, 2011.

Dicionário Online de Português. Disponível em: [www.dicio.com.br/ambicionar](http://www.dicio.com.br/ambicionar). Acesso em: 29 de agosto de 2014.

DUBOC, Ana Paula Martinez. Ensino e Avaliação de Línguas Estrangeiras: Tendências em Curso. In: RETORTA, Miriam Sester; MULIK, Katia Bruginiski (Orgs.). **Avaliação no Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras: Diálogos, Pesquisas e Reflexões**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

DUFF, Patricia. Qualitative approaches to second language classroom research. In: CUMMINS, Jim.; DAVISON, Chris. (Eds.) **Handbook of English language teaching**. Philadelphia: Kluwer, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. 23ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GERALDI, João Wanderley Geraldi. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

MACIEL, Ruberval Franco. “Eu sei o que é bom pra você! A lógica da emancipação revisitada e a formação de professores.” In: ZACCHI, Vanderlei; STELLA, Paulo Rogério (Orgs.). **Novos Letramentos, Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa**. Maceió: EDUFAL, 2014.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario Trindade. Para uma redefinição de Letramento Crítico: conflito e produção de significação. In: MACIEL, Ruberval Franco & ARAÚJO, Vanessa. (orgs.). **Formação de Professores de Línguas: ampliando perspectivas**. São Paulo: Paco Editorial, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 3 de outubro de 2014.

MONTE MÓR, Walkyria. **A Ideologia Conservadora e o Ensino de Inglês**. In: APLIESP Newsletter. São Paulo, 1991, vol. de agosto.

\_\_\_\_\_ **Caderno de Orientações Didáticas para EJA – Inglês**. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação. Disponível em: [http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/BibliPed/Documentos/publicacoes/orienta\\_ing\\_portal.pdf](http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/BibliPed/Documentos/publicacoes/orienta_ing_portal.pdf). Acesso em: 19 de maio de 2015.

\_\_\_\_\_ Crítica e letramentos críticos: reflexões preliminares. In: ROCHA, Cláudia Hilsdorf; MACIEL, Ruberval Franco (Orgs). **Língua Estrangeira e Formação Cidadã: por entre discursos e práticas**. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada. São Paulo: Pontes Editores, vol. 33, 2013.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. Tradução de Juremir Machado da Silva. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MUNICÍPIO DE CAMPO GRANDE– MS. **Ementa Curricular de Língua Estrangeira Moderna: Inglês para o 9º ano do Ensino Fundamental**. Campo Grande - MS: SEMED, 2013.

NÓVOA, Antonio (Org.). **Vida de professores**. 2ª ed. Portugal: Porto editora, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual**. Tradução de Lílian do Valle. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ROCHA, Cláudia Hilsdorf; MACIEL, Ruberval Franco. Língua Estrangeira, Formação Cidadã e Tecnologia: ensino e pesquisa como participação democrática. In: ROCHA, Cláudia Hilsdorf; MACIEL, Ruberval Franco (Orgs). **Língua Estrangeira e Formação Cidadã: por entre discursos e práticas**. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada. São Paulo: Pontes Editores, vol. 33, 2013.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTAELLA, Lucia. As novas linguagens e a educação. **Entrevista –Plataforma do Letramento**. 2 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista-detalle/651/lucia-santaella-as-novas-linguagens-e-a-educacao.html>. Acesso em: 18 de maio de 2015.

SANTOS. Boaventura de Sousa. A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 80, 2008: 11-43.

SOMERVILLE, Margaret. Postmodern emergence. In: **International Journal of Qualitative Studies in Education**. Vol. 20, n. 2, March/April, 2007, p. 225-243.

SOUSA, Renata Quirino de. **Professores de inglês da escola pública: investigações sobre suas identidades numa rede de conflitos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

TAKAKI, Nara Hiroko. Da metodologia de pesquisa em letramentos e sociedade para a ética: implicações na formação continuada da comunidade científica. **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 19, n. 25, p. 87-110, jan/jul, 2012.

\_\_\_\_\_. Ética pelo diálogo em meio aos letramentos: perspectivas para pesquisas de formação de alunos e professores de línguas. **Calidoscópico**, v.11, n.1, p. 53-62, jan/abr, 2013.

TODD, Sharon. **Toward an Imperfect Education: facing humanity, rethinking cosmopolitanism**. Boulder: Paradigm Publisher, 2009.

VARELA, Dráuzio. **Os tipos de síndromes**. Disponível em: <http://drauziovarella.com.br/entrevistas-2>. Acesso em: 9 de novembro de 2014.

VICARS, Mark. Towards a Rhizomatic Methodology: How Queer! In: STEINBERG, Shirley Ruth.; CANNELLA, Gaile Sloan. **Critical Qualitative Research**. New York: Peter Lang Publishing, 2012.

VEIGA NETO, Alfredo. **A Ordem das Disciplinas**. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1996.

YAMAMOTO, Karina. **Professor brasileiro gasta em média 20% do tempo de aula com indisciplina**. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/>. Acesso em: 25 de junho de 2014.

ZAGURY, Tânia. **O professor refém: para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

## **ANEXOS**

Anexo 1 - A Ementa Curricular de Línguas Estrangeiras – Inglês e Espanhol para o 9º ano do Ensino Fundamental e para a Educação de Jovens e Adultos – EJA

### LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA I E II

Esta disciplina oportuniza a aprendizagem de Língua Estrangeira com ênfase no desenvolvimento da cidadania participativa, agência, autoria e construção de sentidos por meio de recursos multimodais, considerando a grande variedade de culturas presentes no contexto sociocultural dos alunos, marcados por conflitos presentes numa sociedade digital globalizada contemporânea. Preconiza também o direito à aprendizagem, por meio de um currículo com foco nos alunos a quem se remete e que contribui para a prática da cidadania ao longo do processo formativo.

#### Objetivos:

- Possibilitar a participação dos alunos em diversas práticas sociais que se utilizam das diferentes linguagens de maneira ética, crítica e democrática, por meio de uma educação linguística que considera os multiletramentos, os letramentos multissemióticos e os letramentos críticos;
- Considerar a multiplicidade cultural e semiótica de construção de textos conforme os recursos disponíveis pelos alunos e pela escola;
- Desenvolver uma abordagem de ensino com base na aprendizagem por *design* que possibilita a ressignificação e produção crítica de textos multimodais voltados para autoria;
- Analisar e construir sentidos refletindo sobre as complexidades das mídias digitais como novas formas de leituras e escritas;
- Interrogar criticamente os interesses dos participantes de um processo de comunicação e suas questões ideológicas;
- Ampliar e negociar sentidos, perceber noções de heterogeneidade e alteridade nas interações sociais por meio da Língua Estrangeira.

#### REFERÊNCIAS:

CANAGARAJAH, S. (Ed) **Literacy as translingual practice: between communities and classrooms.** London: Routledge, 2013.

COPE, B.; KALANTZIS, M. **Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures.** London: Routledge, 2000.

\_\_\_\_\_.Multiliteracies in Education. In:**The Encyclopedia of Applied Linguistics.**Edited by Carol A. Chapelle Blackwell Publishing Ltd., 2013.

JORDÃO, C. Letramento crítico, pedagogia crítica e abordagem comunicativa: farinhas do mesmo saco? In: ROCHA, C.H.; MACIEL, R.F. **Ensino de língua estrangeira e formação cidadã: por entre discursos e práticas.** Campinas: Paco Editorial, 2013.

MENEZES DE SOUZA, L.M.T. Por uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significado. In: MACIEL, R.F. **Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas.**Campinas: Paco Editorial, 2011.

MONTE MÓR, W. M. Critical Literacies in the Brazilian university and in the elementary/secondary schools: the dialectics between the global and the local. In:

Maciel, R.F. e Araujo, V. de A. **Formação de Professores de Línguas: Ampliando Perspectivas**. Jundiaí, Paco Editorial 2011, p. 128-140.

\_\_\_\_\_. Crítica e letramentos críticos: reflexões preliminares. In: ROCHA, C.H.; MACIEL, R. F. **Ensino de língua estrangeira e formação cidadã**: por entre discursos e práticas. Campinas: Paco Editorial, 2013.

PENNYCOOK, A. **Language and mobility: unexpected places**. Toronto: Multilingual Matters, 2012.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

\_\_\_\_\_. Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R., MOURA, E. (Orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

## Língua Estrangeira Moderna I – Inglês

### 1º Semestre

- **Ampliando perspectivas: viagens pedagógicas** – apresentar, discutir e promover a imersão virtual dos alunos em outras culturas, abordando diversos aspectos como crenças, comportamentos, valores, ética e alteridade que permeiam e identificam uma sociedade. Enfatizar a importância de se aprender uma Língua Estrangeira como prática social diante do mundo globalizado que vivemos, enfocando as várias formas de verdades situadas e de construção de sentidos, bem como buscar um trabalho pedagógico que valorize o dissenso, a heterogeneidade e a diferença.

### 2º Semestre

- **Trânsito e sociedade: desafios do cotidiano e responsabilidade de todos** – apresentar, discutir e problematizar com os alunos diferentes aspectos do trânsito em diversos países do mundo como sinalização, itens de segurança, direção defensiva, acessibilidade, mobilidade, acidentes, álcool e direção, responsabilidade do pedestre, ciclista, motoqueiro, entre outros, bem como buscar alternativas para a adoção de hábitos saudáveis no trânsito.

## Língua Estrangeira Moderna II - Inglês

### 1º Semestre

- **Para onde vamos? Perspectivas para o futuro** – discutir e problematizar diferentes tipos de perspectivas no que se refere ao campo profissional, ambiental (educação para o consumo e sustentabilidade), familiar, inclusão social, direito do idoso, tecnológico, político, econômico e social, analisando a situação do mundo do aluno e seu papel na sociedade.

### 2º Semestre

- **Sentimentos e emoções: ecos de uma sociedade** – apresentar a distinção entre sentimento (agradável, desagradável e neutro) e emoção (experiência subjetiva, associada ao temperamento, personalidade e motivação), discutir e buscar alternativas com os alunos de lidar com diversas situações de conflito apresentadas no cotidiano, bem como propor que expressem como percebem suas emoções (são estáveis ou mudam bruscamente, tem controle sobre suas emoções, ficam de mau humor constantemente, quais emoções tem mais facilidade ou dificuldade de lidar). Ademais, que eles possam refletir sobre o tema e rever sua própria postura quando necessária e diante de situações adversas, compreendendo que o conflito é inerente a interação humana. Para tanto, professor e alunos devem buscar meios para negociarem sentidos em situações de conflito e não simplesmente buscar “solução” ou “apagamento” de conflito, compreendendo de fato, as relações de alteridade e complexidade na relação com o outro.



## Conteúdos Linguísticos

- ✓ Aquisição de diversos tipos de vocabulário conforme o interesse e a necessidade de aprendizagem dos alunos;
- ✓ Utilização dos tempos verbais adequados a cada modalidade de gênero textual e por meio da participação do aluno em várias práticas sociais;
- ✓ Desenvolvimento da metacognição da leitura com autonomia, criticidade e compreensão global de textos, considerando também as múltiplas linguagens dos textos contemporâneos;
- ✓ Desenvolvimento das práticas de produção de textos com autoria, de acordo com a finalidade específica a que se destinam, e que contemplem a consciência cidadã do aluno e as múltiplas práticas de letramentos existentes;
- ✓ Desenvolvimento da produção verbal por meio da interação e cooperação com os colegas e professor em situação real de comunicação, utilizando a consciência linguística sobre o uso da língua alvo e os procedimentos de iniciar, manter e finalizar a fala;
- ✓ Desenvolvimento da habilidade de ouvir em Língua Inglesa, por meio de estratégias específicas como ouvir músicas e gravações, assistir filmes, consultar o dicionário eletrônico e virtual, conversar pelo Spkype, MSN, WhatsApp, entre outros.

### Língua Estrangeira Moderna I – Espanhol

#### 1º Semestre

- **Voces de otros encantos: países hispanohablantes** – apresentar, discutir e conhecer a multiplicidade cultural dos países hispanohablantes com a finalidade de aumentar o gosto pela língua e pela cultura hispânica, bem como desenvolver o espírito de tolerância, de respeito pelo outro e por uma cultura diferente.

#### 2º Semestre

- **Salud, bienestar y aseo personal** - Apresentar, discutir e definir saúde com os alunos no sentido de levá-los a entender tal conceito como um estado de completo bem estar físico, mental e social, bem como refletir, adotar e rever sua rotina natural de cuidados básicos de higiene pessoal.

## Língua Estrangeira Moderna II – Espanhol

### 1º Semestre

- **Prejuicio y desigualdades: respeto a las diferencias** - Apresentar, refletir e problematizar com os alunos sobre a diversidade na sala de aula, no espaço escolar, na comunidade, no país e no globo, bem como introduzir a temática da valorização da diversidade e do respeito às diferenças.

### 2º Semestre

- **Juventud en foco: estudiar, trabajar, planear** - Construir com os alunos a noção de juventude, bem como refletir sobre as múltiplas dimensões das identidades juvenis e sobre a relação que os jovens estabelecem com as novas tecnologias, com o mundo do trabalho, e seus projetos de vida. Dessa maneira, estimulá-los a planejar e acreditar nos seus sonhos e também contribuir para que desenvolvam as capacidades para realizá-los.

### Conteúdos Linguísticos

- ✓ Aquisição de diversos tipos de vocabulário conforme o interesse e a necessidade de aprendizagem dos alunos;
- ✓ Utilização dos tempos verbais adequados a cada modalidade de gênero textual e por meio da participação do aluno em várias práticas sociais;
- ✓ Desenvolvimento da metacognição da leitura com autonomia, criticidade e compreensão global de textos, considerando também as múltiplas linguagens dos textos contemporâneos;
- ✓ Desenvolvimento das práticas de produção de textos com autoria, de acordo com a finalidade específica a que se destinam, e que contemplem a consciência cidadã do aluno e as múltiplas práticas de letramentos existentes;
- ✓ Desenvolvimento da produção verbal por meio da interação e cooperação com os colegas e professor em situação real de comunicação, utilizando a consciência linguística sobre o uso da língua alvo e os procedimentos de iniciar, manter e finalizar a fala;
- ✓ Desenvolvimento da habilidade de ouvir em Língua Espanhola, por meio de estratégias específicas como ouvir músicas e gravações, assistir filmes, consultar o dicionário eletrônico e virtual, conversar pelo Spkype, MSN, WhatsApp, entre outros.

## EMENTA CURRICULAR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

### LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA – INGLÊS I

#### FASE INTERMEDIÁRIA

##### 1º Semestre

- **Ampliando perspectivas: viagens pedagógicas** – apresentar, discutir e promover a imersão virtual dos alunos em outras culturas, abordando diversos aspectos como crenças, comportamentos, valores, ética e alteridade que permeiam e identificam uma sociedade. Enfatizar a importância de se aprender uma Língua Estrangeira como prática social diante do mundo globalizado que vivemos, enfocando as várias formas de verdades situadas e de construção de sentidos, bem como buscar um trabalho pedagógico que valorize o dissenso, a heterogeneidade e a diferença.

##### 2º Semestre

- **Saúde e bem estar** - Apresentar, discutir e problematizar saúde com os alunos no sentido de ampliar o entendimento sobre o tema como estado de bem estar físico, mental e social. Além disso, estimular os alunos a rever e adotar em sua rotina cuidados básicos no que diz respeito à própria saúde.

### LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA – INGLÊS I

#### FASE FINAL

##### 1º Semestre

- **Sentimentos e emoções: ecos de uma sociedade** – apresentar a distinção entre sentimento (agradável, desagradável e neutro) e emoção (experiência subjetiva, associada a temperamento, personalidade e motivação), discutir e buscar alternativas com os alunos de lidar com diversas situações de conflito apresentadas no cotidiano, bem como propor que expressem como percebem suas emoções (são estáveis ou mudam bruscamente, tem controle sobre suas emoções, ficam de mau humor constantemente, quais emoções tem mais facilidade ou dificuldade de lidar). Ademais, que eles possam refletir sobre o tema e rever sua própria postura quando necessária e diante de situações adversas, compreendendo que o conflito é inerente a interação humana. Para tanto, professor e alunos devem buscar meios para negociarem sentidos em situações de conflito e não simplesmente buscar “solução” ou “apagamento” de conflito, compreendendo de fato, as relações de alteridade e complexidade na relação com o outro.

## 2º Semestre

- **Preconceito e desigualdade: respeito às diferenças** - Apresentar, discutir e problematizar com os alunos sobre a diversidade na sala de aula, no espaço escolar, na comunidade, no país e no globo, bem como aprofundar a temática da valorização da diversidade e do respeito às diferenças.

## LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA – INGLÊS II

### 1º Semestre

- **Para onde vamos? Perspectivas para o futuro** – discutir e problematizar diferentes tipos de perspectivas no que se refere ao campo profissional, ambiental (educação para o consumo e sustentabilidade), familiar, inclusão social, direito do idoso, tecnológico, político, econômico e social, analisando a situação do mundo do aluno e seu papel na sociedade.

### 2º Semestre

- **Trabalho em foco: desenvolvendo possibilidades** – Discutir e problematizar com os alunos a respeito do campo profissional, elucidando questões como postura, imagem e atenção aos cuidados básicos no que se refere ao acesso no mercado de trabalho, como por exemplo, entrevistas de emprego. Ressaltar aspectos sobre competência pessoal (sentir-se feliz e satisfeito consigo mesmo; estar motivado; amar o que faz e fazer sempre o melhor) e profissional (escolher a profissão certa; fazer cursos de aperfeiçoamento; atualizar-se e aceitar desafios).

### Conteúdos Linguísticos

- ✓ Aquisição de diversos tipos de vocabulário conforme o interesse e a necessidade de aprendizagem dos alunos;
- ✓ Utilização dos tempos verbais adequados a cada modalidade de gênero textual e por meio da participação do aluno em várias práticas sociais;
- ✓ Desenvolvimento da metacognição da leitura com autonomia, criticidade e compreensão global de textos, considerando também as múltiplas linguagens dos textos contemporâneos;
- ✓ Desenvolvimento das práticas de produção de textos com autoria, de acordo com a finalidade específica a que se destinam, e que contemplem a consciência cidadã do aluno e as múltiplas práticas de letramentos existentes;
- ✓ Desenvolvimento da produção verbal por meio da interação e cooperação com os colegas e professor em situação real de comunicação, utilizando a

- consciência linguística sobre o uso da língua alvo e os procedimentos de iniciar, manter e finalizar a fala;
- ✓ Desenvolvimento da habilidade de ouvir em Língua Inglesa, por meio de estratégias específicas como ouvir músicas e gravações, assistir filmes, consultar o dicionário eletrônico e virtual, conversar pelo Skype, MSN, WhatsApp, entre outros.

## Anexo 2 – Entrevistas

### 1ª Entrevista com a professora-colaboradora

P1-Hoje é dia 30 de julho de 2013 são exatamente 14 horas e 25 min. Eu estou com a professora Rozangela Leite Verardi da Escola Municipal João Evangelista de Almeida Vieira. Rosangela eu queria que você relatasse um pouco da sua experiência como professora.

P2- Eu formei em 89 e trabalhei no Estado de São Paulo até 96. De 96 nós viemos para MS e eu fiquei seis anos e meio na Fundação Bradesco. Lá eu ministrava aula de Português, Inglês. Voltei e vim morar em Campo Grande em 2002. Aqui eu trabalhei dois anos em cursos profissionalizantes. Eu trabalhava em relações pessoais e secretariado para não fugir um pouco da área da Língua Inglesa e retornei para Estado de MS, fiquei no Estado durante dois anos, trabalhei nos três períodos alternadamente, trabalhando Português e Inglês também. Em 2005 eu passei no concurso da REME e fui efetivada em Língua Estrangeira no município e estou aqui desde então.

P1- Agora a gente vai falar sobre o curso Professor sem Fronteiras, eu queria que você falasse de uma maneira assim muito espontânea o que você acha desse curso, qual sua expectativa em relação a ele, pois agente já teve duas aulas, então acho que dá pra você falar francamente o que você acha.

P2- Eu achei interessante porque esta proposta veio em um momento muito importante para mim eu já estava sentindo falta de um curso de inglês, cheguei a entrar em contato com você pelo fato de que gostaria de fazer um curso e conseqüentemente nesse mesmo ano, ouve essa possibilidade. Então pra mim é alegria, concretiza toda oportunidade que nós temos de trocar, até porque em função do meu planejamento eu não tenho podido participar das capacitações e da formação, então eu estava sentindo falta de momentos de estudos, momentos que eu pudesse ter a chance de troca, de realmente usar principalmente um pouco da língua, porque com o tempo agente acaba limitando as possibilidades desse nível, e pra mim foi importantíssimo. Com relação às expectativas, até superou, pela experiência que eu tive nas aulas com os professores. Superou as minhas expectativas, eu cheguei em casa muito feliz, porque tive a chance de rever, pensar, retomar alguns conceitos e o fato de conviver com pessoas que tiveram outras oportunidades, que tiveram outras

bagagens, que podem trazer essa bagagem e dividir conosco, é fantástico, só temos a agradecer e eu estou com uma expectativa muito boa em relação ao curso.

P1-Legal! Outra questão é se você acha que esse curso tem mostrado outras perspectivas de se trabalhar com a prática em sala de aula?

P2- É interessante porque quando nós temos uma rotina e nos fixamos nessa rotina é lógico que se tem todo um preparo, você sabe o que vai falar, como falar, faz um planejamento, tem o seu objetivo, mas é interessante como nós precisamos estudar. Eu acredito que é inerente do ser humano, agente precisa estar consequentemente resgatando algumas coisas, mesmo que já esteja lá, segmentado, agente saiba disso, mas a vivência na sala de aula, no dia a dia, muitas vezes nos distancia dos conceitos e de alguns valores. Então agente precisa estar retomando consequentemente pra repensar e se colocar em determinadas situações e mudar e viver e trabalhar.

P1- Eu queria que você falasse um pouquinho o que achou das duas aulas que participou? Uma com dois temas diferentes, a primeira aula como foi? Você poderia falar pra mim e, depois na seqüência, você falaria da segunda aula, cujo tema é Family?

P2- Eu fiquei pensando a cerca disso e agente começou o curso com uma foto uma imagem de uma chipa e a partir desta imagem, nós pudemos fazer uma viagem e essa viagem foi bem interessante, então isso me remete até a pensar de como vocês foram felizes inclusive na escolha do nome do curso, porque se nós pensarmos na etimologia da palavra fronteira, agente vai observar que é em frente, fronteira em mente então traz a seguinte reflexão: fronteira a sua frente, um limite a sua frente e aí eu vou fazer a associação desse limite com a nossa vida mesmo, as fronteiras que existem, sempre existiram e como ultrapassar vai depender da atitude de cada um, de como você amadurece, de como você vê o mundo e de como você interage com as pessoas, então agente passa a pensar a partir de uma palavra relacionada a um alimento *breakfast*, o café da manhã, agente pode abrir um leque tão grande e pensar em tantas possibilidades. Então, nós vimos como é o café da manhã em outros contextos, então agente vai trazendo algumas reflexões muito interessantes e a gente depois de constatar isso lá no curso, então, o café da manhã é só aquele que eu conheço? Não. Aí agente para e pensa em toda uma questão cultural e social, então, agente pensando de uma forma mais ampla, mais global, tem a questão das fronteiras

que nós vamos ter em relação a essa palavra, até mesmo com os outros países. Então um café da manhã aqui e no Japão, nós temos um colega que já morou no Japão, outro na Índia e trazendo um pouco mais para perto ou nos EUA que a gente fala que o café da manhã é completamente diferente do nosso, e aí agente traz um pouquinho para nosso país. Por exemplo, nós temos o café da manhã no nordeste que eu vivenciei quando criança, um café da manhã com legumes. Então você vê que é completamente diferente de São Paulo e todas essas regiões, até dependendo da questão do clima, de uma série de fatores que vão influenciar nos recursos e tudo mais, então, o que agente percebe com tudo isso mais uma vez, é que nós temos a nossa frente o limite, e agente tem que ultrapassar esse limite, essa fronteira e agente tem que se abrir para isso, também obviamente então passar do global para chegar lá na sua casa, no seu café da manhã, então fazer com que essas diferenças todas sejam contempladas, então eu não sou inferior ou o meu café da manhã é diferente, a gente tem que trabalhar de forma a mostrar que existem as diferenças e nós temos que trabalhar com essas diferenças, não minimizando as possibilidades ou maximizando ou valorizando outras, mas eu acredito que agente tem mesmo que ter esse olhar atento. Em relação a isso eu vejo que o curso, ele nos remete a esse pensamento, eu estou fazendo isso, eu estou trazendo essa realidade, então, se pegarmos a questão do café da manhã, da alimentação no mundo e trazer pro aluno e a sua realidade, para sua comunidade, para sua casa. Então, a gente tem é uma série de fatores, além disso, tem outras questões também que são as preferências que vão interferir aí na forma de cada um, uma possibilidade de trabalharmos isso, eu acredito que seja sugando desses alunos, sondando esses alunos, fazendo com que eles percebam essa diferença e fazer com que eles pensem nessas diferenças e como lidar com tudo isso respeitando obviamente o limite de cada um, mas ultrapassando no sentido de visualizar, de entender e não necessariamente de ser o seu então, um aspecto interessante, foi justamente dos comerciais que mostra uma família realizada, que pode gerar realmente na criança uma série de conflitos e que agente precisa muitas vezes buscar, porque normalmente esses conflitos não estão em nível de consciência, precisa falar ao subconsciente, a autoestima, uma série de coisas bem guardadinhas que podem vir à tona na sala de aula, mesmo então estar discutindo com eles, sondando, interrogando, questionando sempre e assim agente vai conhecendo um pouquinho melhor não só essas questões mais amplas, mas



conhecendo um pouco da nossa cultura na medida em que eles se expressam e se coloca.

P1- Sobre o tema da outra aula quais as impressões que você teve?

P2- É algo que é bem forte para mim, porque nós iniciamos com uma série de imagens, imagens que se davam ali as construções de famílias. Eu particularmente tive até dificuldades para enxergar determinadas formações ali, talvez até por ser uma questão pessoal, mesmo inconsciente, não sei. E por isso que é importante esse contato com a aprendizagem e com a reflexão, porque com a discussão, a partir daquele momento e quando a gente se questiona e o seu conceito de família? O que é uma família perfeita? Qual é o seu padrão? A minha ideia de família é a mesma que o meu aluno tem, será? E como eu posso lidar com tudo isso sem interferir nos valores de cada um, então essa aula pra mim foi fantástica, porque possibilitou realmente um questionamento e ali com os colegas também sobre questões muito sérias, como respeito e valorização cultural um do outro, então a gente sabe que existe uma série de situações apresentadas ali que muitas vezes a gente nega, se nega a ver ou enfrentar, então mais uma vez a gente tem que ultrapassar realmente as fronteiras e analisar, rever, discutir e entender que é fato, essas situações existem e elas precisam ser tratadas com respeito, por isso mesmo, às vezes, a gente precisa se preparar bem, eu achei válido demais.

P1- Eu queria também Rozangela que você falasse como você vê essa parceria entre a universidade e a escola pública?

P2- Eu fico feliz em saber que existe já alguma sementinha, já foi importante a formação para a Pós-Graduação, tem sido importante as capacitações quinzenais que ocorrem. Essa possibilidade de fazer parceria com a universidade vai propiciar uma oportunidade única para cada um de nós, porque muitas vezes muito professor ali, muitas vezes tem até condição, têm vontade, desejo de estudar, mas é engolido pela rotina, pelas atividades, e agente vai adiando essa necessidade que agente tem. Ah! vou resolver isso depois e enfrentar, a gente precisa começar e se envolver, mas tem sido fantástico, eu fico feliz com essa parceria, talvez se não fosse essa parceria, eu não estaria estudando, não teria voltado a estudar e tem sido fantástico.

P1- Eu queria também que você falasse um pouquinho dos formadores, o que você está achando deles?

P2- Pra mim superou as expectativas, eu respeito demais pessoas que se disponibilizam a dar formações para professores. Eu tenho certeza que para chegar ali, eles tiveram não só bagagem, mas uma formação ampla, um currículo maravilhoso, eles tem também a vontade de socializar esse conhecimento todo, e eu acho que isso é importante. Eu não posso também classificar ou julgar eu diria até que classificar, mesmo porque o que eu vejo nas diferenças ali entre os professores é que nós somos pessoas diferentes, com bagagens diferentes, tendências diferentes, mundos diferentes, experiências diferentes. Pra mim foi um prazer da forma que eles acharam mais conveniente porque sabem compartilhar, isto já é fantástico, porque não é todo mundo que tem essa disponibilidade, muitas vezes sabem muito, mas não tem essa disponibilidade, então eu fiquei muito feliz, eu sou uma admiradora deles, meus parabéns.

P1- Você acha que é possível ampliar as suas possibilidades de ensino no contexto que agente tem, de escola pública, com salas numerosas, alunos heterogêneos, tem a questão da inclusão da diversidade, considerando tudo isso, você acha que vai conseguir colocar em prática essas coisas que você está vendo no curso?

P2- Concretiza, você falou uma palavra importante inclusão, o primeiro sentimento que eu tive no curso foi justamente esse, eu percebia que havia uma tentativa de inclusão, e aí, mais uma vez, agente ultrapassa a fronteira, na inclusão do portador de necessidades especiais, de um cadeirante, de um surdo e a inclusão do nosso aluno em salas cheias e numerosas, inclusão do nosso aluno que muitas vezes não tem o café da manhã que deveria ter, e que vai se deparar com o livro didático, com o sonho de consumo dele, é a inclusão da pessoa, então o que eu penso em relação as salas grandes e heterogêneas? Eu tenho que partir do ponto que eu escolhi ser professora, eu sei que essa é a realidade que eu tenho, essa é a minha realidade nesses vinte e poucos anos, é justamente de não sofrer com isso, isso eu não posso mudar, eu ainda não tenho esse tipo de poder, eu quero são 20 alunos ou são 10 alunos, porque eu vou ensinar Língua Inglesa, uma Língua Estrangeira, então, eu não posso determinar determino que as salas de aulas sejam no máximo com 20 alunos, essa não é a realidade, mas eu escolhi ser professora, com todas as dificuldades que eu vou encontrar em sala de aula, questão social que vai estourar lá em sala de aula,

todas as questões culturais, sociais, que eles vivem que nós vivemos, e ali que vai se manifestar, então, eu tenho que primeiro ter essa consciência, o que eu preciso primeiro fazer para lidar com isso, eu tenho que incluir esse meu aluno de alguma forma, então, eu tenho uma responsabilidade e tenho que ter consciência que eu tenho que fazer a minha parte da melhor forma possível, se eu vou conseguir atingir 100% não sei, mas eu tento, mas se isso não for possível, eu conto aquelas pessoas que passaram pela aula e conseguiram assimilar alguma coisa, já foi ganho, um ganho para eles e para mim, não foi um tempo perdido, então, tudo o que eu puder aprender e tentar aplicar, é lógico que o sonho é atingir todos, isso seria o ideal, mas se eu não consigo o ideal, existem vidas ali, eu sempre falo pra eles, quando eu olho para vocês eu não vejo simplesmente pessoas, eu vejo cabeças e cada cabecinha tem um mundo de possibilidades e é fato então quando a gente tem a condição de lidar e se aproximar desses mundos tão diferentes, a gente também é tocado, a gente também aprende, vivência, agente sofre, chora, ri muitas vezes juntos, porque eles são pessoas, a dinâmica em sala de aula vai muito além do conteúdo, do que eu posso ministrar, então quando eu vejo possibilidade de discutir família, aí eu coloco num slide como eu vivenciei lá é obvio que eu tenho que me preparar, porque eu sei que surgirão comentários, talvez que eu não estivesse esperando, mas eu tenho que permitir que muitas vezes esses comentários que eu não espero, possa contribuir para uma reflexão, possa contribuir para aprendizagem deles e muitas vezes pra minha, então essa técnica ou eu diria essas possibilidades que vocês estão oferecendo no curso, elas podem sim ser usadas em sala de aula, não sei se posso dar a garantia de 100%, mas se eu conseguir ter progresso, eu já vou estar feliz, motivada para continuar e acho que é uma lição pra gente.

P1- Quero perguntar também o que você considera como pontos negativos do curso?

P2- Eu vejo que todos os pontos negativos partem de uma desmotivação, quando você não encontra uma motivação real nas pessoas, isso acaba afetando, mas então como motivar? Eu estou motivadíssima porque era a minha meta, eu não sei quais são as metas das outras pessoas, mas eu acredito que se as pessoas conseguirem de alguma forma se envolverem mais, se motivarem mais, acho que temos que enfrentar a fronteira do medo, da insegurança, da autoestima. Se as pessoas conseguirem ultrapassar essas fronteiras, eu acredito que nós teremos resultados mais positivos. Então não vejo pontos negativos na organização, no conhecimento

dos formadores, do ambiente, quanto aos formadores não vejo nada que possa nos desmotivar em relação ao curso, também poderia falar que seria bom se fosse aqui na minha escola não é? Eu tenho que entender que existe umas quase 90 escolas e a gente tem que entender que esse é o mínimo, que a gente possa fazer, então, eu não vejo nenhum aspecto negativo, considerando o ambiente e os formadores, mas pra mim o que ainda está faltando é a motivação dos educandos mesmo, e aí é que está o desafio maior, fazer com que ultrapassem essas fronteiras, essa fronteira que é pessoal, é individual é de cada um cabe, a cada professor, mas eu acho que todo trabalho que está sendo bem feito e ele tem que ser mantido, e quanto a atender a todos, eu acho que é uma missão impossível, mas os formadores têm que entender que uns motivos que eles estão fazendo um trabalho já pré-determinado, estudado, planejado e que no decorrer do curso pode ser que eles percebam outra maneira, outra estratégia que haja um desenvolvimento maior, mas não que seja responsabilidade deles fazer com que cada profissional ali alcance e realmente ultrapasse essa fronteira, que é pessoal individual.

P1- Para nós finalizarmos essa parte, você tem alguma sugestão, você quer sugerir alguma coisa em relação ao curso, sugerir um tema, o que você acha importante que a gente poderia estar colocando em algumas dessas aulas?

P2- Tudo que foi colocado em questão da alimentação é base, família também é base, mas eu acredito que essa relação seria interessante se nos pudéssemos resgatar o básico em relação ao respeito às relações interpessoais e as diferenças como nós vimos, às diferenças no café da manhã, na família, o contato, a convivência, porque se a gente for analisar o que é uma sala de aula, eu até comento muitas vezes com eles, nós poderíamos ser autodidatas, nós poderíamos estar estudando num lugar buscando muitas mídias que poderíamos nos ajudar, poderíamos conseguir um professor particular, mas essa questão da convivência ela é muito séria, ela é imprescindível para vida, para nossa vida, esse convívio estabelecer as regras de convivência e viver com o outro olhar, analisar o outro ponto de vista, o que há de melhor no outro. Então é um desafio para o ser humano e eu acho válido de alguma forma, precisamos inserir no nosso dia a dia em sala de aula, a valorização do outro, porque talvez até pela velocidade que nós vivemos, os jovens hoje nas mídias, nas máquinas, no virtual, nós estamos nos distanciando das pessoas, isso eu sinto em sala de aula, essa distância de um olhar carinhoso, um afeto. Então como resgatar?

Eu tenho feito o meu trabalho o tempo todo, buscar de uma forma direta ou indireta as relações interpessoais, porque o ambiente ali ele muda, as pessoas a se respeitar, as pessoas aprendem a valorizar e infelizmente a escola ficou com uma parcela grande de responsabilidade, a família infelizmente não corresponde, então minha sugestão é trabalhar as relações interpessoais mesmo.

## 2ª Entrevista com a professora-colaboradora

P1- Hoje é dia 24 de outubro, são exatamente cinco para as quatro da tarde, estou novamente com a professora Rozangela da escola João Evagelista, para conversar sobre a terceira aula do curso, cujo tema foi esporte. Rozangela, quais os momentos dessa aula que você considerou mais interessante?

P2- Na verdade, toda aula foi interessante, mas ficou uma coisa assim pra mim muito relevante, a fala da professora quando iniciou a abordagem sobre estereótipos e ela colocou uma questão antes ainda de começarmos a falar sobre esporte com relação à imagem que as pessoas têm de professores estrangeiros e de como que a gente vê isso. E pra mim ficou claro a ideia que é o seguinte, às vezes nós temos professores estrangeiros que falam realmente a língua inglesa e que entendem a fala adequada para aquela situação em sala de aula com o aluno dentro de uma norma com uma língua padrão. E aí eu vi que era verdade, não que eu desmerecesse, mas eu não havia pensado nisso, porque você fala inglês e já é suficiente para formar, para direcionar, pode ser que sim pode ser que não, pode ser que essa pessoa que fala bem inglês possa ter condição de buscar dentro das normas uma direção e trabalhar isso adequadamente, mas foi bem interessante. Todos os estereótipos que nós comentamos, foi justamente sobre a profissão que me chamou mais a atenção. Tudo que foi comentado eu achei bem relevante, mas o que chamou a atenção foi quando a aula foi enviada, o texto que foi colocado pra gente, eu li o texto certa que era um gringo, um estrangeiro falando do nosso país e nós entendemos no final, que era um brasileiro falando, então, essa reflexão é primordial quando a gente fala de quebrar estereótipos ou discutir, agente tem q se deparar com essas realidades, com esses fatos de formações, para se dar conta de que realmente se realiza, então, nós ficamos nas discussões que eu achei bem interessante, também a metodologia que foi usada para formar duplas, formar duplas maiores, depois socializar, e aí agente tem a

oportunidade de se expor nos grupos menores, de conhecer a ideia do colega de como ele pensa, e foi acrescentando para todo mundo, muito sobre estereótipo, são vários que não se restringem ao esporte e a gente foi levando, perguntando vários temas, formando uma série de segmentos não são no esporte, mas também de raça, roupa, uma série de coisas que agora não consigo me lembrar, mas foi muito interessante.

P1- Em relação às sugestões de atividades apresentadas no curso, você pretende aplicá-las com seus alunos?

P2- Na verdade eu já tento fazer, na medida do possível o que eu posso pra colaborar com a reflexão, fazer com que estimule um pouco essa reflexão dos alunos tudo através de uma música, uma imagem, um trecho de um filme. Então, recentemente eu até fiz aqui na sala de tecnologia uma discussão sobre alguns trechos de uma música que trazia questões assim e isso é importante, às vezes a gente precisa dessa chacoalhada mesmo, a gente precisa ser motivado a pensar um trecho de uma música, uma imagem, um texto, uma charge, um quadrinho, muitas vezes buscar, isso lá no meu preparo muitas vezes em algumas séries, se eu tenho tempo para parar questionar sobre aquela música, sobre aquele trecho de música, eu tenho tempo para elaborar finalmente questionamentos, o que eu quero com aquilo? Quem é o meu aluno? O que ele precisa naquele momento? Eu trago isso, eu trago esses questionamentos a pensar nessa imagem de uma forma que talvez ele não tivesse buscado, então, eu acho que o papel do professor um pouco é isso mesmo, é complicar, eu penso se fosse simplesmente para ler uma leitura não ter interpretação individual, todo mundo seria igual a todo mundo, teria o mesmo problema, mesma programação, todo mundo veria as mesmas coisas da mesma forma e quando você traz esses questionamentos, você tem chances de ouvir e cada um tem a sua opinião, o que deixa de achar e normalmente eu não interfiro nisso. Normalmente, eu coloco os questionamentos para que eles possam perceber o outro, a chance deles valorizarem o outro, de entender o outro. Também tem uma ideia interessante que o outro tem uma visão que ele não tem, que o outro pode observar coisas numa imagem que ele não teria visto, então eu acho que essa socialização é dos pares, como também do grupo, ou também do grande grupo, ela faz com que a visão do aluno sobre o outro mude, então, eu sempre procurei trabalhar em sala de aula esses questionamentos, ou através de uma frase, um provérbio, uma imagem, sempre buscando o respeito pela ideia do outro, pela vivência do outro, eu acho assim

fantástico, não poderia ser melhor pela experiência, eu posso te garantir, a gente descobre o aluno ali, quando a gente dá a oportunidade da voz, quando você permite que ele fale, se expresse ou numa apresentação ou num comentário, numa reflexão é que se descobre também uma liderança, principalmente em inglês que a gente tem a produção escrita, inglês é diferente da língua portuguesa, na língua portuguesa eu ia muito mais fundo no sentimento do aluno, ele tinha mais condições de se expressar, e aí a gente, às vezes até se referia pela forma que ele via ou escrevia o peso daquelas palavras que usava, no inglês o vocabulário é mais restrito, se ele não se expressar, eu deixo de conhecer o que ele sabe, deixo de avançar por conta disso.

P1- Você acha que o uso de várias linguagens como imagens, sons, movimentos, gestos das pessoas apresentados nas atividades do curso, contribui de que forma para o aprendizado dos alunos?

P2- Eu acho interessante essa pergunta porque a gente tem que voltar para a vida da gente, eu, por exemplo, tenho filhos, um adolescente e uma criança, eu tenho com os alunos particularmente esse convívio e tento com eles manter viva essa dinâmica do ser humano, essa energia que eles têm, essa disponibilidade, mas através dessa vivência de mãe e de professora eu verifico que a gente vive num mundo muito dinâmico, a velocidade que se dão as coisas hoje é outra, a comunicação age de uma forma totalmente diferente de quando eu me formei então, e aprender a ler de formas diferentes, não é só fazer a leitura de objetos, imagens, de sons, é aprender a ler também o ser humano, então, quando a gente abre esse leque para fazer uma leitura, o que eu vou trazer para a minha vida, então eu quero aprender, por exemplo, eu vou ao mercado eu tenho que ser dinâmico ali nos meus vários tipos de leituras, eu tenho que entender porque o tempo é curto, então eu tenho que ser seletiva em tudo o que eu faço. Então, muitas vezes, eu to aqui na internet, mas eu também tenho que buscar no material impresso, eu tenho que perceber que determinado som também vai comunicar determinada história, também tenho que estar atenta para essa dinâmica e a velocidade hoje das coisas, da dinâmica da aula, se a gente não acompanha essa dinâmica deles, não conseguimos trabalhar. Então, se eu vivo num mundo assim, eu não posso me trancar e falar só em quatro paredes, sou eu e eles, eu não tenho que passar informações e eles simplesmente ouvirem, há momentos que eu preciso falar e que eles precisam me ouvir, há momentos também que eu preciso que eles interajam através de dinâmicas que muitas vezes são físicas como fazer levantar,

fazer se espreguiçar, andar pela sala, trocar, se comunicar com o outro, então eu acho que tem que ser assim.

P1- Voltando para o tema da aula você, acredita que a copa do mundo e os jogos olímpicos, dois eventos que o Brasil vai sediar em breve pode motivar e despertar o desejo dos alunos de aprender mais o Inglês?

P2- Certamente, a gente terá que pensar num consciente coletivo. Há muitos anos atrás, numa aula, as coisas marcam a vida da gente, na década de 80 um professor falou sobre essa questão de consciente coletivo, naquela época, aquilo já me impressionou, porque era algo que eu vivenciava, mas eu não tinha atentado pra isso, mas como o que acontece em nossa volta interfere na nossa motivação, não só pra aprender, mas a nossa motivação para as coisas, então, a gente pensa em copa do mundo e eu me lembro dessa aula quando ele falava se alguém tinha estado já em um estádio de futebol, na época que eu morava em São Paulo e eu nunca estive até hoje em um estádio, mas eu já estive em aglomerações, vamos dizer assim parecidas, em shows e quando estamos vivendo aquele momento, muitas vezes a gente se desconhece, porque você está vivendo todo aquele inconsciente coletivo, está todo mundo envolvido, não sei dizer se aquilo é energia, mas você tem uma motivação diferente ali, então ali, você grita, você canta, dança, você vibra, até esquece porque já passou da fase, quando a gente pensa no futebol, eu não sou muito de torcer, mas vamos imaginar que eu estivesse lá no meio da torcida, é normalmente impossível você ficar quieto naquele barulho, naquela vibração toda só olhando, então essa questão do inconsciente ela é muito séria, então quando a gente tem uma motivação positiva como aolimpíada e a copa do mundo ou qualquer outro evento assim que aglomera cidades como São Paulo, Rio de Janeiro que tem carnaval que é muito forte isso mexe, então quando você aproveita que todo mundo está voltado para aquela ideia àquela situação, se você não aproveitar, não pegar um gancho ali e tentar usar isso a seu favor, você perde tempo, então é claro que a copa do mundo vai ajudar bastante sim, até porque eles visualizaram nas imagens, legenda em inglês, vai ter muitas situações de ingleses dando entrevistas, eles vão ter um contato maior mesmo sem querer com o uso dessa língua, eles vão perceber mesmo sem querer a importância dessa língua, então, já começou essa semana esse movimento, foram mostrados no jornal os taxis em Brasília com tarifa mostrando a tradução simultânea, a facilidade de se comunicar em inglês porque é uma necessidade o inglês, eu tento trazer isso para dentro da sala de aula, tentando mostrar a importância disso pra eles,



não só porque ele poderia estar lá trabalhando não, mas porque ele vai poder fazer essa leitura, é bom você poder ultrapassar a fronteira, passar aquela barreira você ouve e consegue identificar, acha que o meu fascínio pela língua estrangeira desde criança foi esse, é o que eu tento passar para os meus alunos, não é só isso que vai me trazer de retorno financeiro, é você poder entender o outro ser humano, libras eu sou vidrada em libras, eu tenho alunos que se comunicam com a intérprete, eu não consigo me comunicar com ele daquela forma, então, eu acho que a gente tem que ver essa possibilidade, eu tenho que ter acesso de alguma forma, e eu posso tentar mesmo que seja o básico comunicar, eu posso tentar fazer entender, acho que quando a gente consegue através de uma música reconhecer o que está sendo falado ali, um ou outra palavra eu ensino isso para os alunos, quando eles falam que não identificaram isso, então ouvir como eles conseguem isso é bom, é nesse despertar que você vai realmente motivando o aluno, porque ele para pra entender e isso é do ser humano mesmo, você precisa ultrapassar esse medo, essa barreira, você ouvir alguém falar em inglês e você conseguir entender é muito gratificante como seria da mesma forma, eu tenho vontade de aprender italiano e francês, mas como eu diria, é gratificante a pessoa ler o que acha que não podia que ela está tendo capacidade de ouvir e entender a língua, é isso que me mantém nos meus propósitos, achar que eles podem realmente falar, e eu ouço muito falar que inglês é difícil, mas inglês é importantíssimo, justamente por isso, é mais um desafio para o ser humano, é muito desafiador e da mesma forma é muito gratificante você descobrir outro mundo que você não conhece a cultura, mas você se comunicar com o diferente, trazer uma língua que não é sua, mas você consegue entender.

P1- Eu quero fazer duas perguntas em particular a você, enquanto professora de escola pública, você se sente valorizada? De qual forma?

P2- A valorização? Houve uma época que pra ser sincera, eu esperava uma valorização do governo, eu esperava a valorização dos meus superiores, hoje não, eu já passei por tantas fases, tantas funções diferentes que hoje a valorização que eu busco é justamente a minha autoavaliação, como é que eu estou sendo interpretada, como eu estou sendo vista pelos alunos, se eles estão conseguindo me acompanhar, então, pra mim o que vai pesar mais é essa valorização do aluno, a forma como ele corresponde aos meus estímulos, se existe um laço de carinho e de respeito, então pra mim é o que eu preciso, a valorização a gente não pode esperar, acho que já

passsei da fase de esperar que o outro me valorize, quem tem que ter essa autocrítica sou eu, eu preciso me valorizar mais, até a frase de *Shakespeare*, você não pode se comparar com outro sendo o melhor que pode ser, eu acho que a gente tem que buscar isso, agora a valorização do outro é uma consequência, mas se eu fizer o melhor que eu puder e aquele aluno conseguir aprender, esse é meu objetivo, ele conseguir entender, eu já estou me sentindo valorizada, porque eu consegui atingir o que eu queria, agora lógico, se ele não entender, a gente não desisti por causa disso, então eu acho assim, é ótimo, graças a Deus aqui na escola, eu tenho esse relacionamento fantástico aqui com os colegas, eu preciso das aulas de Educação Física eu fico com as aulas dela, eu precisei da professora de Português, ela estava de prontidão, precisei da professora de Artes também, então pra mim isso é valorização, quando eu vejo que chego assim também na Terezinha e ela pergunta: - Você não precisa de mais nada? Algum material? Tem alguma coisa que eu possa te ajudar? Pra mim isso é valorização, então, dentro daquilo que a gente tem, a Auxiliadora que é diretora, todas as vezes que eu a precisei dela, ela estava lá, ela é para as coisas eu preciso falar, ela é para tudo, e fala: "- Eu quero te ouvir", então eu acho que a gente não precisa mais do que isso. Com relação ao salário, ah eu não estou ganhando muito, tem os descontos, eu tenho tanto empréstimo que na verdade eu nem sei quanto eu ganho mais, independente disso, eu preciso viver, eu estou lá administrando aquilo que eu recebo e aquilo que eu vou receber, e eu escolhi estar aqui, eu estou aqui, então, eu não tenho que ficar focada nisso, eu tenho que focar no que realmente vou fazer lá na frente, eu olho pra trás e veja o que eu realmente eu fiz, foi o melhor que eu pude, então, eu tenho que buscar esse tipo de valorização.

P1- Rozangela, o que você acha que ainda falta desenvolver no seu trabalho para que aconteça de maneira mais satisfatória para os seus alunos?

P2- Sabe aquele sonho de dez alunos na sala, vinte alunos na sala, aí eu penso que a Língua Estrangeira seria uma maravilha? Você poder criar comunicações reais, em cada sala. Falando do espaço físico, teria que ter ar condicionado, cadeiras confortáveis, estou falando do sonho, aonde eu entro assim cadeiras acochadas, uma mesa para meus alunos regulável, mais alta, mais baixa, se eles tivessem essa qualidade, uma sala bem ventilada ou um ar condicionado, uma cadeira apropriada, uma mesa apropriada, eu não estou falando nem de lousa digital, porque eu nem sei mexer nisso, eu nem uso, mas se a gente tivesse um conforto, eu sei que a gente pode

ter se a coisas não fossem como são, mas pra mim nós já conseguiríamos fazer um trabalho melhor, pra mim seria assim essencial diminuir o número de alunos por sala, que nós poderíamos ter uma temperatura climática na sala adequada, porque tem dias que o calor é insuportável, os meninos ficam naquele desespero, se tivessem esse conforto de um ar condicionado, de uma cadeira, que eles realmente pudessem sentar adequadamente, esse seria o meu sonho, acho que se tivéssemos esse recurso, acho que o resto a gente corre atrás, com toda a dificuldade que a gente tem, a gente vai buscando a criatividade deles, dos colegas e vai contornando, mas eu acho que o espaço físico é fundamental, contribuiu muito para a motivação do aluno.

P1- Vou fazer uma última pergunta de conteúdo pessoal, você sempre quis ser professora?

P2-A minha mãe era professora, então eu acredito que tem alguma coisa aí na genética, uma herança genética, porque a minha mãe era professora e o amor que ela tinha (pela profissão), e ela era professora negra, era da roça, do interior e ela se formou por correspondência, prestou concurso, passou em primeiro lugar, pois estudava muito, foi trabalhar, e eu a via chorar de alegria quando os alunos começavam a escrever os bilhetinhos pra ela, aquilo me fascinava, eu não entendia direito o que significava, mas eu via que fazia a minha mãe feliz, aí quando chegou a minha fase de decidir a minha profissão, eu pensei em tanta coisa, intérprete, hipismo, prestei até para polícia, meu tio brincava comigo ele falava que eu na policia iria falar assim para um ladrão " você pode, por favor, levantar as mãos" eu não te vejo na polícia. Eu tentei muitas outras coisas na época, mas quando eu tive que efetivar, foi para Letras, e eu fiz, entrei em pânico, pensei que não iria dar conta, mas aí eu lembrei que as minhas atividades, as minhas brincadeiras preferidas eram as portas da minha casa e o giz da minha mãe, viviam riscadas as portas da minha mãe, então, eu acho que mesmo que eu tenha sido tentada ou assediada por outras coisas, outras opções, prevalecia à essência. Eu não sei se foi influência da minha mãe, ou sei lá, eu sempre quis ser professora, eu não me vejo hoje fazendo outra coisa. Agora então, meio século de vida que eu não me vejo mesmo, eu sou professora, eu vou continuar sendo professora, mesmo que eu faça outra coisa, mesmo quando eu me aposentar, eu vou ser professora, essas coisas vão além do título, é bem além da certificação. É ser professora, não tem como mudar.

### 3ª Entrevista com a professora-colaboradora

P1- Hoje é dia 21 de novembro eu estou com a professora Rozangela para a gente terminar a primeira parte de entrevistas do primeiro semestre do curso Professor sem Fronteiras, Rozangela, como você analisa a perspectiva apresentada no curso para o ensino da Língua Inglesa, eu me refiro a perspectiva critica?

P2- É interessante a gente ter boas perspectivas, é interessante você mostrar que existe uma preocupação nesse sentido e o que é melhor, é poder dividir com os colegas, essas perspectivas positivas, o envolvimento, a vontade de fazer com que exatamente essas perspectivas positivas sejam efetivadas. Então isso pra mim é importantíssimo.

P1- Você acha importante no ensino de línguas a gente trabalhar não só os aspectos lingüísticos, mas também os aspectos críticos dos assuntos que são tratados durante a aula?

P2- Sim principalmente se você tem convicção, um objetivo, tudo aquilo que a gente traz de informação sobre cidadania, tornar o aluno mais crítico, mais autônomo, então nós temos os objetivos, nossos planejamentos anuais, semestrais ou diários, então, uma coisa é você ter esse objetivo gravado ali no papel, outra coisa é você trazer com você isso pra sala de aula, então a cumplicidade, ela tem que fazer parte de cada momento, de todo o tempo, a gente tem que tentar fazer leituras do que nós vivemos, a gente traz até a questão da avaliação, não deixa de entrar também nesse método, isso já faz parte do ser humano, não sai de casa sem se olhar, dá uma olhada aqui outra ali, se passei batom, se estou bem ou não, essa cor não combina, se nós fazermos isso, imagino que um profissional da área de educação tem que fazer isso o tempo todo, você tem um planejamento, eu preciso trabalhar um simple present dentro daquele grupo, surgiu uma situação inesperada e eu não posso fingir que não ouvi ou simplesmente porque eu tenho que trabalhar aquele conteúdo, ou eu consigo fazer uma ponte entre aquele conteúdo e aquela situação ou eu tenho que deixar um pouquinho aquele conteúdo se eu não tenho como fazer essa ponte, você está vivendo aquele momento, o seu objetivo ali é aprendizagem, mas querendo ou não, a gente trabalha com a informação em conjunto com a moral, então, a gente tem que avaliar isso, trazer essas questões éticas, na hora que tem que trazer, então eu imagino caminhos pra eles, porque hoje tem tanta tecnologia e as pessoas não são

autodidáticas, essa intensidade de compartilhar, de convivência do viver com o outro a gente começa aqui, nós temos a instituição familiar, nós temos a escola, o professor tem esse papel, não precisa ficar discutindo por exemplo o que está acontecendo agora em Brasília em minha aula, mas eu posso ver agora sendo hostilizando e trazendo essas questões, da ética daquele momento ali pra entender então o tempo todo, nem que eu tenha que repensar planejamento e rever metodologia de acordo com a situação, de uma determinada turma, vivendo justamente para buscar neles essa criticidade.

P1- Outra questão, você acha que esse curso oportunizou você ampliar/ressignificar a sua prática pedagógica e de que forma?

P2- Com certeza eu acredito que toda a oportunidade que temos de troca e de convivência sempre é positiva, ou pra gente ver o que funciona, o que não funciona, ter parâmetros porque você tem uma prática, você se questiona, você replaneja, repensa, tenta ressignificar o seu trabalho dentro daquele seu contexto, mas quando você abre outras janelas, você visualiza outras situações, outras formas e outras visões, é o da vivência e ali você tem a emoção do professor compartilhando, não só dos formadores mas também dos colegas trazendo aquela carga mesmo de emoção como foi essa experiência, isso faz com que a gente repense também, e a gente passa também a ter mais referenciais, é professor o tempo todo, dentro ou fora da sala de aula mas, é claro que o fato de estarmos juntos, tendo essa abertura de olhar uma imagem, de trazer não só as questões abordadas ali, mas podendo também se relacionar.

P1-Você pode exemplificar como você identificou o aspecto crítico por meio das duas últimas aulas com os temas roupas, profissões e preconceitos?

P2- Eu acho que todo tempo foi isso, porque desde o início, no primeiro momento, a questão familiar, as várias fases até como experiência pessoal você vê aquelas imagens e eu vi todas aquelas fotografias, eu demorei realmente para perceber alguns tipos de família, então porque já havia no meu subconsciente algum bloqueio se eu não fosse informada pelo colega, talvez eu iria demorar ainda mais para perceber algumas situações familiares porque eu já tinha uma resistência talvez, sobre aquele tipo de família, e me impediu de me enxergar naquele momento dentre todas aquelas imagens o que eu vi primeiro, foi entrando depois, então todas as aulas que eu tive,

como essa primeira da família, todos nós tivemos essa oportunidade, de olhar e fazer uma leitura diferenciada daquilo que nós estamos vendo, porque eu acho que devemos fazer isso o tempo todo, ver as coisas por visões diferentes como a questão dos estereótipos, o que pensa de alguém, então a gente para pra pensar nas nossas relações interpessoais de grupo, de trabalho, familiar, de sala de aula, então será que eu estou me permitindo ver a maneira que o outro vê? Eu tenho alguns momentos na sala que eu tento fazer algumas atividades para tentar resgatar essa questão, então, a gente precisa enxergar, colocar aquele texto que foi apresentado e você vê o texto e você fica indignado e já faz um julgamento em relação a outro povo, e você descobre que é a própria imagem e cada vez mais às vezes pelo excesso de informação, antigamente era tudo mais lento, hoje não, as informações são tão rápidas que se a gente não cuidar de estar trabalhando essas questões com eles, parece que não vai dar tempo e aumenta até a nossa responsabilidade, então essas aulas são importantíssimas.

P1- Na sua visão, você acha que o curso considera o conhecimento que o professor já possui sobre o processo de ensino e aprendizagem, ou ele tenta implementar algo diferente do que os cursistas praticam?

P2- É interessante, além da oportunidade que nós temos para praticar a língua inglesa, e por mais dificuldades que tenhamos ali, que são questões pessoais de insegurança, de planejamento, metodológica que existe essa preocupação de passar para os professores, uma oportunidade bem clara de oferecer ajuda, então não é só ensinar a língua inglesa, existe a preocupação de fazer nos sentirmos a vontade para participar, trazendo essa troca em relação ao conhecimento da cultura, aí então você fala de estrutura mesmo do conhecimento da língua e também do conhecimento da metodologia, então eu consigo ver sim.

P1- Quais os aspectos apresentados durante o curso que você pode citar como os mais significativos para sua formação?

P2- Primeira coisa que me vem na cabeça assim, é eu não vou abrir mão do inglês, porque ele tem a mesma importância do português, muitas pessoas não têm oportunidade de praticar a língua, então isso se torna um empecilho muito grande de para melhorar a proficiência da língua. Se eu estou ensinando inglês, então se a gente tem a chance de manter esse esforço para se comunicar, os professores não sei se

eu posso falar de todos, mas a grande maioria vai entender a necessidade, mesmo que isso esteja ali resistente ali no início, mas vai entender a necessidade de se usar a língua ou buscando cursinho ou indo em busca de alguma alternativa que possa ajudar. Eu acho que os formadores têm que insistir nessa questão da língua inglesa por mais sofrida que seja para o professor, mas ele tem que insistir, se sairmos daqui, nós não teremos tantas chances, no primeiro momento senti algum desconforto aí, depois eu fui percebendo que essas mesmas pessoas começaram a participar mais, então, não é a questão de não ter vocabulário, de não saber, então é a falta de oportunidade de praticar, mesmo em escola, a gente passa tão pouco tempo em língua inglesa, mas tentar propiciar alguma atividade aonde os alunos tentem entre eles mesmos usar formalmente a língua.

P1-Você pretende por em prática a perspectiva crítica apresentada no curso, fazendo ajustes necessários conforme sua realidade, ou você considera difícil implementar nas suas aulas?

P2- Esse sempre foi o meu maior objetivo, é tentar trazer alguns questionamentos então, às vezes, até me pergunto se eu não estou fugindo muito, porque se depender da situação às vezes eu até preciso me questionar, porque eu tenho medo de ir mais além, então isso eu considero essencial na minha vida pedagógica, esse olhar crítico, trazer desde as questões cotidianas para a sala de aula e as preocupações que devem emergir. Ontem mesmo, uma colega nossa até nos perguntou sobre a questão da internet, eu acho mesmo importante trabalhar essa questão com o inglês, eu acho que às vezes é necessário a gente ir buscando de acordo com a necessidade e o professor tem que ter um olhar tem que ter esse cuidado, tem uma sala que eu preciso desenvolver um projeto, trazer indiretamente alguns temas, fazer questionamentos, dar informações e que eles percebam a gravidade de uma determinada coisa, que para eles podem ser muito simples, divertido, então, esse é o nosso papel, eu acho que educador tem que ter isso, eu tento da melhor forma que eu posso e o tempo todo, até na hora que eu vou selecionar uma música, eu não vou trazer a música pela música, eu vou trazer não só por um pretexto para trabalhar o texto, então, eu tento trazer isso para minha prática, fazer com que eles pensem se nós adultos temos dificuldades, imaginem os adolescentes.

P1-Por que você acha que alguns professores são resistentes a mudanças na prática em sala de aula, mesmo quando eles tem oportunidade de participar de cursos de formação continuada?

P2-Uma análise como essa, eu não sei se eu poderia ser verdadeira, se isso seria a minha verdade, a minha visão, não sei se justificaria, mas nesses vinte e poucos anos de trabalho, convivendo com alunos e colegas eu já ouvi bastante coisas em sala de professores, não sei de como vou colocar, se está errado ou está certo, mas na minha visão de leigo tem muito a ver com insegurança, todo mundo tem, mas tem que ver do jeito que você lida com essa insegurança, porque aí tem a questão do novo, qual é a análise que as pessoas vão fazer? Elas vão me comparar ou a pessoa se compara a mim ou ela tem limitações? Em língua inglesa, em relação aos alunos, há uma tendência em buscar justificativas para não participar, mas como então eu não entendo o português direito então como eu vou aprender o inglês? Medo do novo, medo do enfrentamento, aprender a falar o inglês significa se expor realmente, é uma situação nova, uma situação desconfortável e isso vai exigir energias e dependendo da situação da pessoa, aí tem a questão motivacional também, mas eu acredito que está mesmo relacionado a insegurança.

P1- Ao final de um semestre desse curso, como você avalia a postura dos formadores?

P2- Eu vou avaliar como ótimo, excelente. É interessante porque, por mais que a gente perceba que existe uma literatura, vamos pensar assim, ao mesmo tempo há uma aproximação muito grande, então, como a questão de ministrar o curso voluntariamente, fazer o trabalho, isso já é uma demonstração do quanto você está fazendo por mim e a gente vê a preparação, o envolvimento com o grupo, então, eu só posso parabenizar mesmo, povo bem competente.

P1-Como avalia essa parceria entre a universidade e a escola no se refere ao curso Professor sem Fronteiras?

P2-Eu acho muito essencial, primordial, necessário, eu acho que seria até a palavra mais adequada, necessária, porque eu vejo por mim, se não fosse a parceria da SEMED eu não estaria com uma vontade louca de fazer inglês esse ano, financeiramente eu não tenho condição, então eu não estaria estudando, eu acredito que também falta oportunidades e se a gente não consegue essa parceria, muita



gente acaba não sendo beneficiada mesmo, eu sou exemplo disso, eu amo estudar, gosto, e não estaria estudando se não fosse por essa oportunidade.

P1- Sendo o curso dividido em dois semestres, ao final do primeiro semestre, você se sente motivada em continuar?

P2- Melhor do que máquinas e tecnologias, pessoas cultivam pessoas” a motivação mais positiva quem pode ter é a própria pessoa, então, esse resultado positivo vem da interação com as pessoas e da forma que os formadores nos acolheram, há a necessidade de que a gente faça um bom proveito disso, um bom aproveitamento dessa situação, isso é fantástico.

#### 4ª Entrevista com a professora-colaboradora

P1 - Hoje é dia 2 de julho, eu estou com a professora Rozangela na escola João Evangelista, professora gostaria que você fizesse uma análise sobre as principais dificuldades que você vive no cotidiano com os alunos?

P2 – Então, os alunos não são motivados e isso me preocupa muito, em não conseguir motivá-los a contento. Eu também tenho dificuldade em fazer os registros durante a aula, em razão da minha própria ansiedade e por achar que a disciplina exige interação o tempo todo com os alunos. Eu prefiro fazer depois das aulas. Então, eu acho que é inviável ter uma aula por semana da disciplina, pois considero muito pouco tempo. É uma angústia ter que trabalhar os conteúdos em tão pouco tempo. Também considero a frequência das aulas (uma vez por semana) prejudicial à aprendizagem dos alunos, sem falar quando coincide com os feriados, conselhos de classe, reuniões pedagógicas, entre outros. Então, outra questão que tenho dificuldade é que eu gasto muito tempo com a indisciplina dos alunos, acho que uns 30 % do tempo da aula com a indisciplina dos alunos. Também não tem o hábito de gritar, de me exaltar em sala. Então, eu vejo muitas limitações em relação ao espaço como usar a quadra e outros espaços da escola, e ao sair da escola como ir ao cinema e a passeios com os alunos. Então, teria que ter um anfiteatro para explorar outras atividades como teatro, música, dança. Então, o espaço físico da sala de aula não é bom, sala pequena, pouco ventilada, muita interferência do barulho externo, ventiladores barulhentos, cadeiras sem assento almofadado. Então, para melhorar as aulas, precisaria que as salas

tivessem TV, data show, notebook, som, ar condicionado, menos alunos por turma, tudo isso, com certeza, iria melhorar as aulas.

#### 5ª Entrevista com a professora-colaboradora

P1 – Hoje é dia 29 de outubro, e estou com a professora Rozangela, no Museu das Culturas Dom Bosco para uma entrevista. Professora, como as questões de indisciplinas foram constante durante as aulas, gostaria que você falasse um pouco o porquê a indisciplina acontece?

P2 – Então, na minha opinião, acontece por vários motivos, primeiramente pela ausência constante da família no acompanhamento da vida escolar dos filhos tanto em casa quanto na escola. Então, tem também falta de punição para os alunos que são indisciplinados, como eles sabem que não vai acontecer nada com eles, eles extrapolam os limites. Outra questão também é a extinção da nota de comportamento do boletim escolar, que foi tirada porque se fosse somada as outras, a maioria dos alunos seriam reprovados. Acho que o controle do índice de reprovação escolar é terrível, me causa muita indignação, pois o professor é obrigado a refazer os canhotos conforme a gestão solicita no conselho de classe, já fiz isso muitas vezes. Então, algumas atividades são feitas propositalmente para mascarar as notas baixas e os alunos sabem disso e, portanto eles não se esforçam ao longo do período, deixando para tentar recuperá-las na última chance que a gente dá. Então, deixa eu pensar, tem os alunos que não têm limites em casa e nem na sociedade, por exemplo, eles ficam diariamente até a hora que querem na internet no *facebook* e também querem ficar assim na escola. Tem também os problemas sociais, econômicos e afetivos da família que acabam por estourar na sala de aula também, como já vivenciei essa situação, dá pra perceber porque os alunos mudam de comportamento, um dia busquei saber, descobri que os pais de um determinado aluno haviam se separado recentemente, com isso, ele não aceitou a situação e mudou completamente de comportamento, tornando-se rebelde e apático as aulas. Então, tem também os alunos que ingressam no 6º ano, já com sérios problemas de indisciplina, os quais deveriam ser trabalhados principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, eu acho que é isso que posso falar agora.

## Anexo 3 – Diário de bordo das aulas

### Diário de bordo das aulas

#### 1ª aula

#### Acolhida com os alunos

Acolhida feita pela diretora escolar antes do início de uma das aulas com os alunos na quadra da escola. A diretora subiu no púlpito de três andares e disse:

*“- Cadê a ordem de tamanho nas filas?”; “- O que é isso aqui?”; “- Professores por gentileza, controlem seus alunos!”; “- É pra jogar os chicletes!”; “- Estou aguardando o silêncio para começar a oração.”; “- Olha os modos!”; “- Não se tem respeito nem no momento de falar com Deus.”; “- Vamos fazer a oração agradecendo pela nossa saúde e pela nossa vida.”; “- Pai nosso...; “- Ave Maria...; “- Não quero ver ninguém passeando pelos corredores.”; “- Lugar de aluno é dentro da sala de aula.”; “- Vocês que chegaram atrasados, formem uma fila aqui do lado.”*

Em 24 de março de 2014, na quadra esportiva da escola, assisti a acolhida feita pela diretora, na qual a gestora escolar convidou os alunos a fazerem uma breve reflexão sobre a vida, bem como sobre a importância de estudar. Esta cena se repetiu ao longo de todo semestre. Acompanhei a professora colaboradora desde o momento da formação da fila com os alunos até o deslocamento para a sala de aula. Ao adentrar nela tive o primeiro contato com os 28 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Rememoro o olhar curioso de cada aluno em saber o que eu, pessoa estranha a eles, estava fazendo naquele espaço que não era o meu.

A professora iniciou a aula falando o tempo todo em inglês, solicitando silêncio e convidando os alunos a fazerem uma oração em inglês, os quais já tinham o hábito de fazer em todo início de aula dela. Em seguida, a professora, exaustivamente solicitou por silêncio e assim aconteceu em vários momentos da aula ao longo de todo o período que estive com eles. Finalmente, ela conseguiu me apresentar para a turma. Na ocasião, conversei com alunos de maneira amistosa, me apresentei e falei dos objetivos de estar ali, de certa forma, interferindo na rotina de cada um deles. Elogiei o trabalho pedagógico da professora e também a pessoa dela, falando um pouco de suas qualidades.

Na sequência, ela pediu para os alunos fazerem um círculo e introduziu o tema da aula intitulado “family” citando exemplos de alguns modelos de família presentes nos dias de hoje. Por conseguinte, passou uma folha em branco e pediu para os

alunos escreverem quais sentimentos eles têm pela própria família. Alguns escreveram sentimentos positivos (felicidade, alegria, amor, gratidão), todavia outros escreveram sentimentos negativos (tristeza, angústia, medo, solidão).

Neste dia, a professora planejou e agendou previamente os aparelhos de TV e DVD da escola para fazer uma atividade de *listening* por meio da música *We are family* do filme *Ice Age 4*. Conquanto, a funcionária responsável pela biblioteca escolar onde ficam guardados os aparelhos eletrônicos, chegou somente 13:30 do horário de almoço, e ainda, levou a chave da porta com ela, impedindo o acesso de quem quer que fosse a biblioteca. Restou para a professora aguardar a referida servidora chegar, para então 13:40, ela poder colocar a música para os executarem a atividade solicitada. É relevante pontuar que, o horário de aula do primeiro tempo acontece das 13h às 14h, ou seja, em razão do atraso, a aula planejada pela professora foi prejudicada de maneira considerável, uma vez que ela teve somente 20 minutos para iniciar, desenvolver e finalizar a atividade de *listening*, ocasionado certo desconforto tanto para ela quanto para os alunos que ficaram impacientes a maioria do tempo. Acrescente-se ainda, que esta professora possui somente uma aula por semana com esta turma. Portanto, o tempo tem que ser aproveitado ao máximo para poder cumprir os objetivos propostos.

Na atividade intitulada *Read and listen to the song to separate the words*, cada aluno recebeu a letra da música com as palavras todas juntas e na medida que a música ia tocando, os alunos ouviam e separavam as palavras pelos sons. No final, eles receberam a letra da música e fizeram por si só as devidas correções. E ainda, a professora perguntou quem havia acertado parte ou totalmente a música. Em se tratando do contexto de escola pública, este tipo de atividade é bastante viável, considerando o pouco tempo de aula e sua frequência. Os alunos gostaram e cantaram a música com entusiasmo. Oportunamente, a professora perguntou quem havia assistido o filme e, em seguida, pediu para um dos alunos comentar resumidamente sobre ele. De tarefa, a professora pediu para os alunos por meio da leitura das imagens do vídeo, fazerem o registro no caderno da mensagem principal que a música abordava.

## 2ª aula

A próxima aula aconteceu em 31 de março. A professora retomou o tema *Family*, fazendo uso de cartaz que continha todos os sentimentos que os alunos expressaram sobre a família deles. Foi um momento importante de reflexão, no qual os alunos puderam expor seus sentimentos e comentar sobre particularidades da sua própria família.

Outras duas atividades foram solicitadas para esta aula. A primeira foi um trabalho valendo nota mensal (0 a 10), sobre os tipos de família, composto por quatro questões, com as atividades *Glue or draw a picture according to the following sentences. Write these definitions under the pictures; Answer about yourself; Draw your family tree with the words from the Box and write their names; Choose a part of the song "We are family" rewrite it to explain with examples.* A professora explicou cada questão aos alunos e agendou a entrega desta atividade para próxima aula, dia 7 de abril. É válido inscrever que pela norma da escola, a avaliação mensal pode ser uma atividade e não necessariamente uma prova. Este momento da prova tradicional somente é exigido para a avaliação bimestral.

A segunda atividade foi à proposição de um documentário com o tema gerador *Types of family*. Esta atividade contou com a minha participação na elaboração, uma vez que, eu e a professora colaboradora após muita conversa e troca de ideias, decidimos propor esse desafio para os alunos e para nós. Para tanto, preparamos um material impresso com a definição do que é um documentário e como produzir um na escola. Acho pertinente registrar que fui eu quem fiz as cópias e levei para os alunos, uma vez que a escola não possuía recurso suficiente de papel e *toner*. Diante deste contexto, o trabalho do professor fica bastante limitado, uma vez que praticamente, a escola só faz cópias para as provas bimestrais.

## 3ª aula

Foi no dia 7 de abril. Do início ao fim, esta aula foi bastante tensa. Nesta tarde fazia um calor de 36º com sensação térmica de 40º. Foi muito complicado e desgastante para todos permanecer na sala de aula lotada, com apenas dois ventiladores funcionando. O desconforto ficou evidente.

A professora solicitou aos alunos que entregassem as atividades e foi muito decepcionante verificar que somente cinco dos vinte e oito alunos fizeram. Na ocasião a professora questionou o porquê eles não haviam feito e foi desencantador ouvir dos

alunos as desculpas mais “esfarrapadas”, uma situação de total descompromisso com os estudos, desrespeito com a professora e de não cumprimento dos deveres. Fiquei muito indignada ao ver a tristeza da professora. Pensei o quanto é difícil ser professor nos dias de hoje. Fiquei com uma vontade enorme de fazer algum tipo de intervenção, mas não me atrevi a tanto.

Após esse infeliz acontecimento, a professora que havia agendado com antecedência a sala de tecnologia da escola para apresentar dois tipos de documentários, encaminhou o grupo de alunos até lá. Adentramos na sala e finalmente tivemos um pouco de alívio do calor, pois o ar condicionado estava ligado. Os alunos se aconchegaram no ambiente e então, aguardamos a professora de tecnologia ligar o data show, o notebook e a caixa de som. Para nossa surpresa, os aparelhos não funcionaram. Ela tentou trocar os fios e tentar verificar o que estava acontecendo, mas não conseguiu. Os alunos começaram a conversar sem parar e a professora regente sofreu um desgaste muito grande ao tentar acalmá-los.

O tempo foi passando e a saída foi encaminhar os alunos para a biblioteca para apresentar o documentário no aparelho de TV. A biblioteca sem ar condicionado estava um “forno”, ademais também não estava arejada. Foi difícil permanecer naquele ambiente com as janelas fechadas e dois ventiladores.

Finalmente a professora conseguiu colocar o documentário intitulado “Pantanal – encantador em todos os sentidos” (Brasken/Petrobrás). Os alunos não entraram no clima da atividade e a maioria ficou conversando, outros acharam uma pequena bola e começaram a chutá-la uns para os outros por debaixo das mesas. Até que eu não aguentei e segurei a bola com meus pés. O segundo documentário sobre o artista plástico “Siron Franco – natureza e cultura” foi possível apresentar somente o início, pois o tempo de aula havia acabado.

Lanconicamente é lastimável presenciar cenas como as deste dia, confesso que fiquei muito incomodada com as atitudes dos alunos. Nesse particular e nessas circunstâncias, por parte dos alunos não há reciprocidade de deveres, todavia, só os direitos são cobrados.

### **Parceria inesperada**

De maneira inesperada, a professora colaboradora me informou que em conversa com a professora de Língua Portuguesa da turma, ela ficou bastante interessada e motivada a colaborar com o documentário por meio de suas aulas.

Assim, ganhamos uma parceira importante para o desenvolvimento da atividade prevista. As duas professoras fizeram o cronograma abaixo descrevendo as ações pedagógicas que cada executaria com os alunos.

CRONOGRAMA – PRODUÇÃO DE DOCUMENTÁRIO		
DATA	DISCIPLINA	AÇÕES PEDAGÓGICAS
14/04/14	LEM - Inglês	Avaliação bimestral; solicitação de atividade.
22/04/14	Português	Orientação sobre produção do gênero Documentário.
28/04/14	LEM - Inglês	Atribuição das funções e explicação.
29/04/14	Português	Produção de sinopse.
05/05/14	LEM - Inglês	Produção de roteiro.
06/05/14	Português	Estudo teoria storyboard.
12/05/14	LEM - Inglês	Produção de storyboard.
13/05/14	Português	Apresentação do storyboard, logo, figurino e trilha sonora.
19/05/14	LEM - Inglês	Estudo de textos, em inglês, para serem usados nos documentários de acordo com os subtemas.
20/05/14	Português	À critério da professora.
26/05/14	LEM - Inglês	Músicas e letras para interpretação e socialização de acordo com os subtemas.
02/06/14	LEM - Inglês	Avaliação da produção do documentário (aspectos positivos e negativos e o que cada um aprendeu durante o processo)
03/06/14	Português	Exibição do vídeo produzido, na sala de tecnologia, para 9º B, 8º A, B e C .

#### **4ª aula**

A professora reservou a data de 14 de abril para aplicar a avaliação bimestral (em anexo) da turma.

#### **5ª aula**

Obs: Dia 21 de abril não houve aula em razão do feriado de Tiradentes.

#### **6ª aula**

Dia 28 de abril aconteceu o conselho de classe da turma do 9ºA, portanto não houve aula.

#### **7ª aula**

Após um feriado e conselho de classe da turma, a próxima aula aconteceu no dia 5 de maio. A aula iniciou com a oração em Inglês e depois a professora caderno

de registro da turma, no qual os alunos escrevem de maneira espontânea e sincera o sentimento em Inglês que cada um está sentindo no momento. Neste dia os alunos escreveram: *jealous, sad, joyful, bored, confused, falling in love, happy, exhausted, sexo*). Para a professora, este caderno funciona como um termômetro para ela ressignificar as aulas também, segundo relato dela mesma.

A atividade principal desta aula foi à produção do roteiro para o documentário sobre o tema *Family*. Para tanto, a professora formou três grupos de alunos e distribuiu funções para cada um, explicando cada etapa da atividade proposta.

Ao final da aula, a professora recolheu de cada grupo a produção do roteiro para o documentário.

### **8ª aula**

Aconteceu no dia 12 de maio e a professora deu continuidade à produção da atividade do documentário. Para tanto, solicitou aos alunos para que escrevessem um pequeno texto em Português e Inglês ressaltando fatos importantes ocorridos, bem como curiosidades do contexto familiar. Em casa, os alunos deveriam inserir fotos da própria família. Na ocasião a professora solicitou para os alunos que entregassem tal atividade na aula seguinte de maneira impressa, assim como, cada aluno deveria enviar por email uma cópia dela para o líder do seu grupo, para a edição do documentário.

Neste dia, a professora chamou seis alunos para conversar sobre a atividade da aula anterior, na qual esses mesmos alunos haviam copiado um dos outros o texto. De cara, quando a professora começou a falar que ao corrigir os textos, eles estavam idênticos, mostrando os textos para cada um deles, um aluno disse em voz alta para todos ouvirem: “-Nós ficamos até meia noite fazendo essa porra”.

É lamentável presenciar cenas como esta dentro da sala de aula, por mais que o aluno esteja errado e mesmo assim, ele tenta justificar o que na verdade não se justifica. A maneira como ele falou com a professora foi inadmissível. Ela ficou bastante nervosa e ao mesmo tempo triste, e mais uma vez sofreu um desgaste descenessário.



## 9ª aula

Foi no dia 19 de maio a professora fez a “Dinâmica do autódromo” com os alunos. Para tanto, ela formou três grupos na sala, entregou um texto para cada aluno sobre os tipos de família em Inglês e fez a leitura para eles.

Fez a seguinte tabela no quadro:

Team	20	40	60	80	100	Total
Nuclear						
Extended						
Blendid						

A professora fazia uma pergunta sobre o texto para cada grupo responder. Eles deveriam buscar a resposta no texto e encontrá-la rapidamente, pois o tempo cronometrado no celular por um determinado aluno era de 30 segundos. Ao final do tempo, eles tinham que responder corretamente a pergunta para ganhar pontos na tabela. Exemplos de algumas perguntas: *The author is male or female?; She is studying yet. What does she study? Wha is her job?*

O principal objetivo desta atividade era que os alunos conseguissem fazer a interpretação textual por meio da dinâmica, bem como trabalhar as questões de relacionamento interpessoal.

Conquanto, a maioria dos alunos não conseguiu permanecer em silêncio durante a atividade, demonstrando dificuldade de concentração e de saber ouvir os outros. Porém, com a ajuda da professora, tiveram êxito em responder a maioria das perguntas.

Quando bateu o sino para a próxima aula, um aluno espontaneamente falou: - “Teacher, time is over”.

A professora não conseguiu finalizar a atividade nesta aula. Portanto, ficou para próxima aula.

Obs: Na ocasião, a professora relatou que gostaria de ter apresentado um vídeo sobre o tema *Family*, mas a professora da sala de tecnologia estava de licença médica, sendo assim, não foi possível, pois não se pode usar a referida sala quando a professora está ausente, ela deve permanece trancada.

## 10ª aula

Aconteceu no dia 26 de maio e a professora retomou a atividade da “Dinâmica do Autódromo”. Foi muito desgastante para professora esse momento, pois os alunos não conseguem permanecer em silêncio e também não se concentram na atividade. A professora teve que repetir várias vezes às perguntas e pedir silêncio para os alunos. Em determinado momento ela parou e disse: “- Ai senhor Jesus, me ajuda”.

A próxima atividade desta aula foi com música. A professora colocou para os alunos ouvirem a mesma música com dois cliques diferente. Cada aluno deveria observar as imagens, fazer a interpretação e refletir sobre o tema apresentado. Depois solicitou como tarefa, para que cada aluno elaborasse uma questão sobre a música.

### **11ª aula**

Foi no dia 2 de junho, a professora iniciou a aula com algumas frases do psiquiatra Bruno Bettelheim em Português e Inglês e distribuiu-as para todos os alunos. Cada aluno deveria encontrar a frase que continha a tradução da sua, formando uma dupla de cada vez. Após esse momento, os alunos deveriam discutir sobre as ideias contidas em cada frase e depois registrar suas próprias considerações sobre o tema. Em seguida, houve o momento da socialização da atividade, quando cada dupla fez a leitura em Inglês e Português da frase e respondeu as seguintes questões: *Do you have the same point of views? What arguments have you used to support your opinion?*. Por fim, a professora solicitou que cada dupla registrasse a atividade numa folha e entregasse para ela.

No momento da socialização da atividade, a professora gravou as respostas dos alunos como parte de uma das avaliações do bimestre (interessante fazer o registro por meio de vídeo para posterior avaliação).

Obs: No caderno do *How do you feel today?* Novamente um aluno escreveu “sexo” e outro “fracassed”.

Neste dia havia três alunas com cheiro muito forte de bebida alcoólica e não quiseram fazer nada durante a aula, mesmo à professora conversando com elas.

### **12ª aula**

Foi no dia 9 de junho, os alunos deveriam apresentar a atividade do documentário, mas não foi possível, pois só um dos grupos conseguiu finalizá-la. A professora teve que adiar a apresentação. Neste dia, a aula foi realizada na biblioteca, onde a professora fez uso do data show e notebook( novamente houve problema com

os cabos dos aparelhos e atrasou muito a aula). A atividade consistiu em os alunos relacionarem imagens e texto impresso, depois eles fizeram a leitura crítica das informações contidas nas imagens e no texto impresso.

Todavia, mesmo utilizando alguns recursos tecnológicos, somente alguns alunos participaram da atividade, os demais não pararam de conversar e atrapalhar a aula. Os alunos falam palavras a maioria do tempo. Foi perceptível mais uma vez o desgaste da professora em pedir silêncio e retomar diversas vezes a atividade.

### **13ª e 14ª aula**

**As duas aulas seguintes dos dias 16 e 23 de junho foram suspensas em razão dos jogos do Brasil na Copa do Mundo de 2014.**

### **15ª aula**

Aconteceu no dia 30 de junho, quando fiz a aplicação do questionário de pesquisa com os alunos. Para esse dia, a professora solicitou dois tempos de aula divididos em: primeiro tempo para a aplicação do questionário e segundo tempo para as apresentações dos trabalhos sobre o documentário.

Na ocasião, contextualizei um pouco sobre a pesquisa, bem como sobre a importância deles responderem todas as questões com sinceridade e verdade, fiz os agradecimentos pelo tempo que passamos juntos e levei chocolate para cada um dos alunos.

Nesse dia, houve a entrega das camisetas da turma com a seguinte frase, escolhida pelos próprios alunos: “O que hoje estão presentes, amanhã virarão lenda.”

Antes da apresentação dos trabalhos, a professora conversou com os alunos sobre o conselho de classe, alertando que as notas não foram boas em todas as áreas do conhecimento, assim como propôs uma reflexão com eles sobre a necessidade de mudança de postura em relação às atividades escolares para o próximo semestre. A professora recolheu a tarefa sobre a produção de um slogan para uma campanha publicitária com o tema “Família”.

A apresentação dos trabalhos superou minhas expectativas em razão da qualidade do que foi produzido pelos alunos. Percebi também, com exceção daqueles que sempre atrapalham as aulas, que boa parte dos alunos prestou atenção na apresentação dos documentários, até porque foi uma produção deles, houve aquele sentimento de pertencimento.

## Anexo 4 – Questionário de pesquisa

### Questionário de pesquisa – alunos do 9º ano do Ensino Fundamental

1. Você gosta da sua escola? Sim/Não. Por quê?

---

---

---

2. O que você mais gosta de fazer na sua escola? E fora dela?

---

---

---

3. Você consegue ver relação entre os conteúdos aprendidos na escola com a sua vida fora da escola? Sim/Não. Por quê?

---

---

---

4. Na sua opinião, como seria a escola ideal?

---

---

---

5. Você acha que as aulas contribuem para a sua formação como pessoa?

---

---

---

6. O que você acha da acolhida que a diretora faz antes de iniciar as aulas?

---

---

---

7. Qual a aula que você mais gosta? Por quê?

---

---

---

8.Descreva o que você achou da atividade do documentário? Você gostou, não gostou, e por quê?

---

---

---

9.Em relação às aulas na sala de informática, você acha que consegue aprender mais? Sim/ Não. Por quê?

---

---

---

10. Quais os itens tecnológicos que você gostaria que fosse usado nas aulas?

---

---

---

11. Você se sente motivado para estudar? Sim/Não. Por quê?

---

---

---

12. Na sua opinião, você acha que existe indisciplina na sala de aula? Se sim, por que você acha isso?

---

---

---

Anexo 5 – Atividade com a música *We are family*

Componente Curricular: Língua Estrangeira Moderna – Inglês.

Campo Grande, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Professora: \_\_\_\_\_.

## Plano de aula

**Noções e conceitos:** Compreensão oral e escrita.**Habilidades:** refletir sobre relacionamento familiar; perceber e respeitar diferentes constituições familiares.

**Situação didática:** antes de exibir o *clip* com a música Ice Age 4 – We are Family, a professora pede aos alunos que ouçam com atenção para perceber o assunto e que relacionem a música ao vídeo. Espera-se que os alunos percebam a ideia do respeito às diferenças. No segundo momento, separa duplas de alunos e entrega a letra da música com todas as palavras unidas. Ouvem-na várias vezes e depois, verso por verso, para que separem essas palavras com o lápis. Feito o exercício, recebem a cópia da letra para correção e fazem, coletivamente, a compreensão do texto. Finalmente, socializaremos diferentes pontos de vista sobre o tema apresentado na música, antes de cantá-la. Na sequência, os alunos devem registrar em inglês ou português uma palavra que resuma, o próprio sentimento relacionado à família. Posteriormente, essas palavras são escritas em inglês em um cartaz que será fixado na parede da sala de aula, após conversa com os alunos.

## Atividade

Questões:

- ✓ *What does Family mean to you? – Answer with one word.*
- ✓ *Read and listen to the song to separate the words.*

**Read and listen to the song to separate the words.**

<b>We are Family (Iced Age 4) (With Drake, Heather Morris, Joy Behar, Nicki Minaj, Queen Latifah)</b>	<b>We are Family (Iced Age 4) (With Drake, Heather Morris, Joy Behar, Nicki Minaj, Queen Latifah)</b>
Weare, weare Notyourordinaryfama-mily Butwecanallagreethat Weare, weare Closeasclosecanbe	We are, we are Not your ordinary fama-mily But we can all agree that We are, we are Close as close can be

<p><b>Chorus</b>  Weareareareare (Weareare)  Weareare are are (Weareare)  We are are are are (Weareare)  Weare, wearefamily, family, family  Weare, wearefamily</p> <p>Soitdon'tmatterwhatitlookslike  Welookperfecttome  Wegoteverykindoflover  We'resoluckyindeed  Theycankeepontalking  It don'tmattertomecause  Weare, wearefamily</p> <p>Ok,sothelinksinourchainsmakesusstrange  Butreallytheymakeusstronger  Andnoonewouldreplacenotathing  Motherorfather  Causewe</p> <p>Causewecomefromeverywhere  Searchingforonestocare  Somehowwefoundithere  Wefoundusahome</p> <p>Weare, weare  Notyourordinaryfami-mily  Butwecanallagreethat  Weare, weare</p> <p><b>Repete chorus</b></p>	<p><b>Chorus</b>  We are are are are (We are are)  We are are are are (We are are)  We are are are are (We are are)  We are, we are family, family, family  We are, we are family</p> <p>So it don't matter what it looks like  We look perfect to me  We got every kind of lover  We're so lucky indeed  They can keep on talking  It don't matter to me cause  We are, we are family</p> <p>Ok, so the links in our chains makes us  strange  But really they make us stronger  And no one would replace not a thing  Mother or father  Cause we</p> <p>Cause we come from everywhere  Searching for ones to care  Somehow we found it here  We found us a home</p> <p>We are, we are  Not your ordinary fami-mily  But we can all agree that  We are, we are</p> <p><b>Repete chorus</b></p>
--	---

## Anexo 6 – Trabalho individual sobre os tipos de família

Componente Curricular: Língua Estrangeira Moderna – Inglês.

Campo Grande, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Professora: \_\_\_\_\_.

Aluno (a): \_\_\_\_\_ .N.º \_\_\_\_ . Série: 9º Turno: vespertino

1. Glue or draw a Picture according to the following sentences. Write these definitions under the pictures.
  - a) A traditional family unit.
  - b) A single parent family.
  - c) Na extended family.
  - d) A nuclear family.
  - e) A childless family.
  - f) A family with parents of the same sex.
  - g) Na adoptive family.
  
2. Answer about yourself.
  - a) Do you live with? ( ) both parents ( ) with mother ( ) with father
  - b) Do you have brothers and sister? How many?
  - c) Do you have stepbrothers and stepsister? How many?
  - d) Do you have adopted brothers and sisters? How many?
  - e) Does one of your parentes is remarried?
  - f) Do your parents represent different races?
  - g) Does another relative live with your family?
  
3. Draw your family tree with the words from the Box and write their names.
 

Father – you – grandpa – mother – aunt – uncle – grandma – cousin -sister
  
4. Choose a part of the song “We are family” rewrite it to explain with examples.



Anexo 7 - Proposição de atividade de produção de um documentário

**DISCIPLINA: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA - INGLÊS**

**PROFESSORA:** \_\_\_\_\_

**ALUNO (A):** \_\_\_\_\_ **9º A**

**DATA:** \_\_\_\_\_ **DE** \_\_\_\_\_ **DE 2014**

### Plano de Aula

**Noções e conceitos:** Produção de texto informativo por meio de documentário.

**Habilidades:** Desenvolver no aluno, a prática de produção de texto informativo com autoria, por meio de documentário, explicitando a estrutura linguística contida nessa modalidade textual, de acordo com a finalidade específica a que se destina e que contemple a consciência cidadã do aluno e as múltiplas práticas de letramentos existentes.

**Situação didática:** Apresentar aos alunos o conceito de documentário, bem como explicar e problematizar as etapas necessárias para o desenvolvimento desta atividade. Demonstrar aos alunos dois exemplos de documentários e discutir as diferenças entre eles. Definir a distribuição dos grupos, assim como as atribuições de cada integrante. Iniciar a produção do documentário.

## ATIVIDADE DE PRODUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO

### O que é um documentário?

O documentário é o gênero do cinema que mais se aproxima do jornalismo eletrônico. Embora tenha como característica transformar o banal em espetáculo cinematográfico, não deixa de ser poético e subjetivo, carregando a marca de seu autor. Em outras palavras, apesar de ser uma produção em equipe, o documentário é de autoria do diretor do filme.

### Como produzir um documentário na escola?

**1ª etapa:** definir com os alunos as funções.

**Diretor:** é o responsável pela equipe; precisa ter liderança.

**Redator:** redige o texto para o apresentador e para o repórter. (2 ou 3 alunos)

**Repórter / narrador:** faz entrevistas e narra o texto. (2 alunos)

**Diretor de arte:** é o responsável pela criação musical e visual (logotipo, cenário, figurino do apresentador, trilha sonora). (4 ou 5 alunos)

**Diretor de imagem e operador de câmera:** é o responsável pela gravação. (3 alunos)

**2a etapa:** criar uma sinopse do documentário. (Sinopse é a história contada em poucas frases. Serve como ponto de partida para o autor e como cartão de visita do filme, no processo inicial de Captação de Recursos.)

**3a etapa:** escrever o roteiro do documentário. (Roteiro é o texto técnico detalhado e descritivo. Serve para levantamento das necessidades de cada cena e como guia de filmagem. Por convenção os diálogos são escritos com travessão.)

**4a etapa:** fazer o *storyboard* do documentário. (*Storyboard* é o roteiro de filme cinematográfico ou de uma produção de vídeo ilustrado por imagens. Descreve e mostra como será feito o plano a ser filmado, a fala do narrador, o diálogo da cena, enfim, mostra uma sequência de planos que formam o filme.)

**5a etapa:** proceder à gravação.

**6a etapa:** Preparar uma edição. (A edição do vídeo pode ser feita de forma caseira, utilizando-se o *Movie Maker* ou outros recursos disponíveis na WEB 2.0)

### TEMA GERADOR: FAMILY

There are many different kinds of families. Some have two parents, while others have a single parent. Sometimes there is no parent and grandparents raise grandchildren. Some children live in foster families, adoptive families or in stepfamilies.

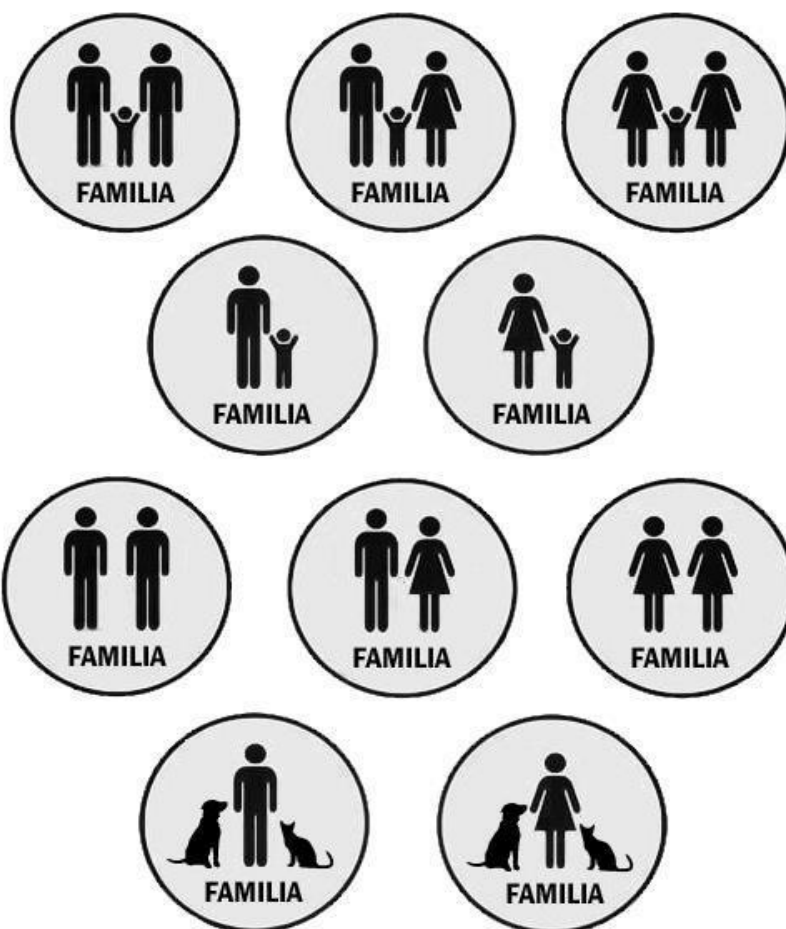
### SUGESTÃO DE SUBTEMAS:

- ✓ **Traditional families;**
- ✓ **Modern families;**
- ✓ **Foster families** – families that care of children for a certain period of time while their parents cannot take care of them;
- ✓ **Adoptive families** – families that legally take someone's biological child and make him/her their own child;
- ✓ **Stepfamilies** – families that have one stepparent. For example, a child that lives with the mother and her husband, who is not the father; or a child that lives with the father and his wife, who is not the mother;

### GROUP WORK

Take a look at the following images and think of these questions:

- A) What do they have in common?
- B) What seems to be a general topic/theme?
- C) How can you “define” it?



## Anexo 8 – Produção dos alunos sobre o trabalho individual sobre os tipos de família

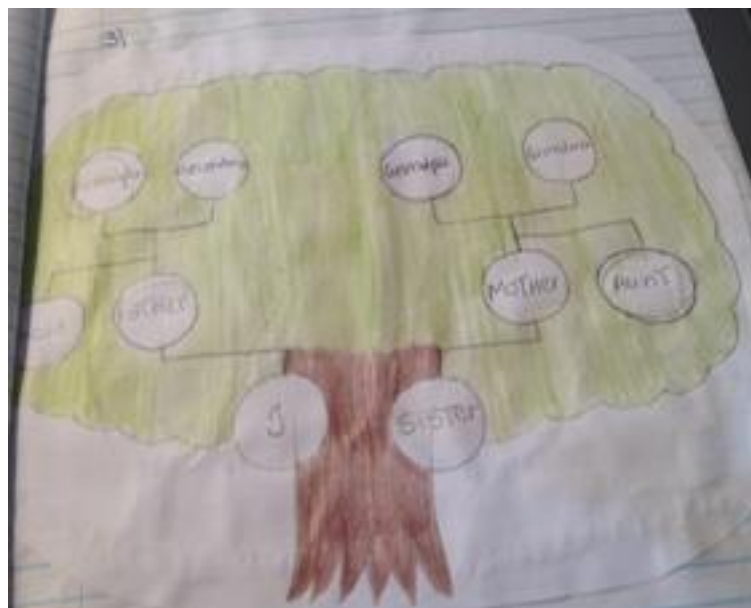
Aluno 1







- a) a) Both parents
- b) Yes, a sister
- c) No, I do not have half brothers
- d) No, I'm not stepbrothers
- e) Not
- f) not
- g) ?



4) OK, so the links in our chains make us  
 stronger.  
 But really they make us stronger.  
 And no one would replace not a thing  
 mother or father.

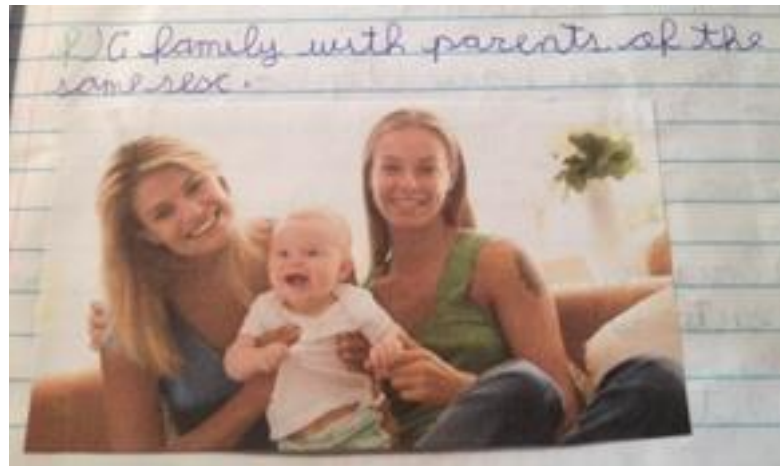
"I hope you understand that they are not a family of  
 blood anymore even when changed and they would not  
 track that for anything family." another

Aluno 2









1. Write about yourself.

- Do you live with:
  - both parents
  - with mother
  - with father
- Do you have father and mother how many?
- Do you have a brother and sister how many?
- Do you have adopted siblings and with how many?
- Do you have any siblings and with how many?
- Do you have adopted siblings and with how many?

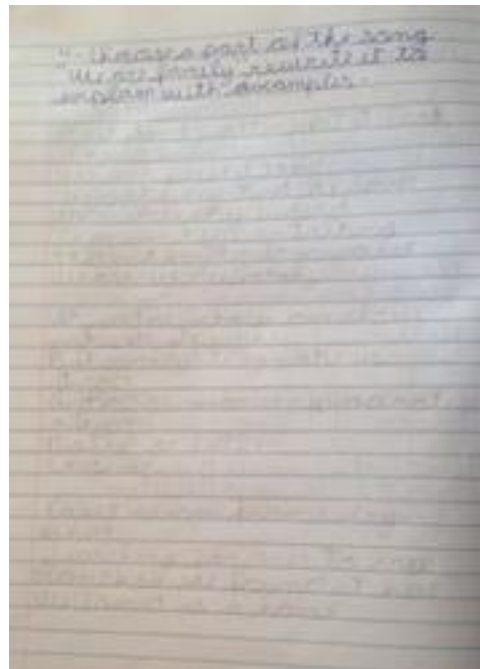
2. Write about your family.

How many people represent different roles?

How many other relatives live with your family?

How many are family like with the words like the law and write their names:

father Dad	you me	mother Mom
grappa Papa	granda Mama	lumi Aunt
brother Gabriel	uncle Lucas	sister Mallory



Anexo 9 – Atividade realizada pela Prof<sup>a</sup> de Língua Portuguesa em colaboração com a professora de Inglês

Língua Estrangeira Moderna – Inglês

Professora:

9º ano A - 19/05/2014

### Plano de aula

**Noções e conceitos:** Produção de Documentário

**Habilidades:** Organizar-se para atividade em equipe; conhecer e produzir diferentes gêneros textuais e as principais características de um documentário; produzir um vídeo desse gênero sobre família.

**Situação didática:** Para a produção do documentário a parceria com a professora de Língua Portuguesa foi imprescindível. A organização do trabalho foi distribuída como mostra o cronograma abaixo.

Houve necessidade de organizar os grupos e atribuir as funções de cada aluno da equipe e os subtemas, como mostra o quadro abaixo:

TEMA GERADOR: FAMILY	
SUBTEMAS: TRADITIONAL FAMILIES AND MODERN FAMILIES	
DIRETOR	Amanda Melo
REDATOR	Lessiandra, Paulo
REPORTER / NARRADOR	Richard Junior
DIRETOR DE ARTE	Enzo, Hélio, Matheus Martins, Matheus Souza
DIRETOR DE IMAGEM	Daniel, Guilherme Angelo

TEMA GERADOR: FAMILY	
SUBTEMAS: FOSTER FAMILIES AND ADOPTIVE FAMILIES	

DIRETOR	Gabrielly
REDATOR	Mariana, Ellen
REPORTER / NARRADOR	Amanda Lopes
DIRETOR DE ARTE	Fernanda, Igor, Thiago Torres, Luís Roberto
DIRETOR DE IMAGEM	Luis Henrique, Lucas Luan

TEMA GERADOR: FAMILY	
SUBTEMAS: STEPFAMILIES AND FAMILIES' RELATIONSHIP	
DIRETOR	Lucas Renan
REDATOR	Crislaine, Francisco
REPORTER / NARRADOR	Paola
DIRETOR DE ARTE	Lucas da Silva, Leonardo, Edmayra
DIRETOR DE IMAGEM	Tomaz, Henrique,

TEMA GERADOR: FAMILY	
SUBTEMAS: TRADITIONAL FAMILIES AND MODERN FAMILIES	
DIRETOR	Amanda Melo
REDATOR	Lessiandra, Paulo
REPORTER / NARRADOR	Richard Junior
DIRETOR DE ARTE	Enzo, Hélio, Matheus Martins, Matheus Souza
DIRETOR DE IMAGEM	Daniel, Guilherme Angelo

TEMA GERADOR: FAMILY	
SUBTEMAS: FOSTER FAMILIES AND ADOPTIVE FAMILIES	
DIRETOR	Gabrielly
REDATOR	Mariana, Ellen

REPORTER / NARRADOR	Amanda Lopes
DIRETOR DE ARTE	Fernanda, Igor, Thiago Torres, Luís Roberto
DIRETOR DE IMAGEM	Luis Henrique, Lucas Luan

TEMA GERADOR: FAMILY	
SUBTEMAS: STEPFAMILIES AND FAMILIES'S RELATIONSHIP	
DIRETOR	Lucas Renan
REDATOR	Crislaine, Francisco
REPORTER / NARRADOR	Paola
DIRETOR DE ARTE	Lucas da Silva, Leonardo, Edmayra
DIRETOR DE IMAGEM	Tomaz, Henrique,

### Atividades

**Os textos abaixo foram entregues para os alunos e estudados nas aulas de Português e Inglês.**

Como produzir documentários?

Esse tipo de narrativa, geralmente apoiada em imagens e textos (há documentários exclusivamente pictóricos), caracteriza-se pelo compromisso com a exploração da realidade. À exemplo de qualquer obra cultural, as "verdades" mostradas na tela são permeadas por ideologia e pontos de vista excludentes, voluntários ou não. Assim, por mais abrangente que se pretenda, o produto final exhibe sempre um recorte parcial e subjetivo da realidade. Para ilustrar tal noção é só imaginar um mesmo fato sendo retratado por um indivíduo contra e um a favor. O conceito de cinema-verdade foi criado pelo russo Dziga-Vertov (pseudônimo de Denis Abramovich Kaufman), para quem as lentes de uma câmera são mais confiáveis do que o olho humano. De modo mais genérico, os dicionários referem-se ao termo "documentário" como algo que tem caráter de documento.

Para produzir documentários acerca de assuntos ligados à própria realidade a partir dos subtemas sugeridos, que tal vasculhar o dia-a-dia de sua cidade? Ou confrontar versões conflitantes na comunidade? E por que não investigar árvores genealógicas interessantes da vizinhança? Mudanças nos arranjos familiares na comunidade ou no mundo? Os subtemas apresentados podem render histórias de enorme interesse humano. As possibilidades são infinitas. Transforme suas ideias iniciais em roteiros simples, sem abandonar a criatividade. Entreviste personagens curiosas e pesquise junto a fontes confiáveis. O acervo das emissoras de televisão locais também pode ser útil, dependendo do caso. Se for preciso, a escola pode ajudar com os trâmites burocráticos. Os grupos devem se posicionar diante do material coletado, tirando conclusões e emitindo opiniões. Não vale "ficar em cima do muro".

Para facilitar a tarefa, veja as dicas do experiente documentarista americano Barry Hample, autor do livro *Making Documentary Films and Reality Vídeos*. Segundo ele, antes de sair a campo, é necessário pensar nos tipos de eventos a serem filmados. Aonde o grupo deve ir para filmá-los? Quem - ou que tipo de pessoa - deve ser filmado? Que tipo de comportamento a equipe está procurando? Do que ela precisa para as tomadas? Que tipo de depoimento - tanto de arquivos quanto de entrevistas - pode ajudar a apresentar a idéia do documentário? O equipamento para a captação de imagens e sons deve ser o que estiver à mão: câmeras domésticas, telefones celulares e mesmo máquinas fotográficas digitais (algumas podem gerar filmes de até 12 minutos cada um. Nada impede que uma montagem dessas sequências constitua um documentário). O importante é o conteúdo e a originalidade, quesitos que serão avaliados pelas professoras e pelos alunos da turma (9º A)

<http://veja.abril.com.br/saladeaula>

### **O que é um storyboard?**

O storyboard em sua essência é basicamente um guia visual narrando as principais cenas de uma obra audiovisual. Os storyboards no geral são desenhos rápidos e com poucos detalhes, sendo o mais objetivo possível. Audiovisual é puro movimento, o storyboard é a chave de ignição deste movimento que é traçado por linhas e gestos no papel.

O principal objetivo é transpor as cenas do roteiro para quadros dinâmicos e de fácil visualização. Os desenhos por mais simples que sejam auxiliam a visualizar toda a dinâmica de movimento de câmera ao posicionamento de atores. Ou seja, o storyboard é como um mapa que auxilia desde o diretor, atores ao diretor de fotografia.

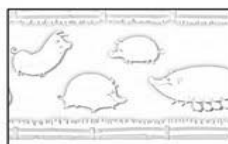
O storyboard é utilizado em qualquer mídia audiovisual como filmes, animações 2D ou 3D, videogames, seriados, novelas, comerciais, videoclipes e até em propaganda política. Os storyboards até podem ser utilizados no teatro para o diretor da peça compreender melhor o cenário como também o posicionamento dos atores no palco. Os materiais básicos são ferramentas para desenho como papel, lápis e caneta ou seja materiais tradicionais e simples, ou seja, o storyboard deve possuir um estilo neutro sendo objetivo e fiel a cena narrada no roteiro, por isso a escolha de materiais simples como o lápis e caneta.

O storyboard também permite o ator planejar sua atuação com mais cuidado, pois ao visualizar seu personagem inserido no storyboard o ator irá ter uma noção espacial do tamanho do cenário e objetos de cena que irá interagir.

Uma opção é o artista de storyboard analisar o roteiro e explorar os ângulos de câmera a fim de buscar o ângulo mais prático de ser filmado. Esta análise preserva a ideia original do roteirista.

Um dos diferenciais de um artista de storyboard para outro está na criação ângulos incríveis para as cenas do roteiro. O ângulo certo faz toda diferença, pois insere o cenário como personagem, valoriza as emoções dos atores como também acrescenta dinamismo na cena.

Veja exemplo de storyboard:



Havia uma família de porquinhos que vivia na floresta



A família era muito feliz no seu lar e convivia muito bem com os coelhos...



Os bichos adoravam a floresta. Era linda. Todo aquele azul das águas...



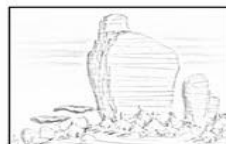
Todos os bichos conviviam bem lá, desde os pequeninos até os maiores elefantes...



As diferenças nunca foram um problema para eles. Era ótimo quando encontravam...



Como foi daquela vez que apareceu na floresta aquele ursão branco albino...



Em algum lugar próximo a floresta, havia uma selva de pedras que era...



Eles eram preguiçosos e escravizavam um lobo solitário que vivia...



Todas as noites o lobo tinha que sair atrás de algo para eles comerem ou ele...



Ali próximo, havia uma aldeia de humanos que eram meio burros e estragavam...



Até que um dia, na comunidade dos homens apareceu um comilão que...



Apavorado, o lobo se vestiu de cordeiro e conseguiu entrar na floresta dos bichos...



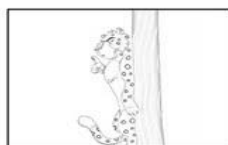
O plano era pegar um porco bem gordo, para fazer linguiça, seria uma presa...



O lobo não sabia, mas um dos tigres o seguia. Passo a passo. Qualquer...



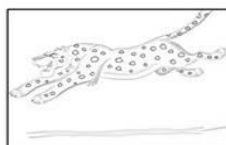
Já estava tudo certo, só tinha que soprar umas casinhas e aquele bendito...



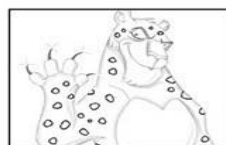
O tigre continuava a segui-lo



Finalmente, o lobo pegou o porco mais gordo e mais querido da floresta...



Então, o tigre voou em cima dele.



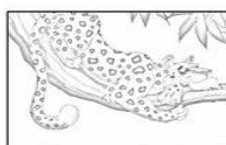
O lobo não entendeu nada. Então, o tigre lhe explicou: - Eu sei o que meus ...



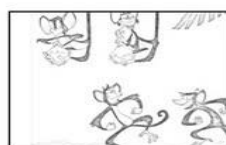
E o tigre continuou: - Se você quiser pode ficar conosco. E nenhum mal lhe...



O tigre explicou que era forte e ágil daquele jeito porque comia frutas e verduras...



Ao contrário de seus irmãos.



Uma festa muito grande foi feita por toda a floresta quando o lobo aceitou ficar...



Tudo parecia em paz. Até que o lobo começou a acumular alimentos para si...



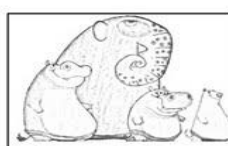
Então a bicharada se revoltou e traçou planos para acabarem com a tirania...



Chamaram até os mais corajosos bichos para lhes ajudar. Mas de nada adiantou



E mais bichos se revoltaram contra o lobo. Até os que iam com a cara dele.



Os conselheiros da floresta se uniram. E a decisão foi tomada.



Tirei-o daqui imediatamente - decretou o conselheiro supremo da floresta...



E o lobo voltou a ser escravo dos tigres, que o trataram com maior repugnância...



## Anexo 10 – Avaliação bimestral

**Componente Curricular: Língua Estrangeira Moderna – Inglês**

**Campo Grande, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.**

**Professora: \_\_\_\_\_.**

**Aluno (a): \_\_\_\_\_ nº: \_\_\_\_ Turma: 9º \_\_\_\_\_**

### Avaliação Bimestral

Read the text to answer the questions



Extracted from Robert  
Leaderships Strategies for the Twenty-First Century, p. 329 (Elsevier Science, 2004)

tural Differences: Global

One of the most important Brazilian's values is the family. Perhaps more influential in Brazil than in any other Latin American country, the family has been the single most significant institution in the formation of Brazilian society. The meaning of "family" in Brazil is not limited to the immediate family, but instead includes the entire *parentela*, or extended family, from both the mother's and father's side. This group can consist of hundreds of people, and it supplies the foundation for the individual's social structure. It is not unusual to see many generations living together under one roof, economic reasons, many women work outside the home, and single-parent families are common. Other traditional dominant values in the Brazilian society include community, collectivism, procreation and a hierarchical society.

1- Which do you believe is the best definition for **family**? 1.0

---

2- Which one best describes the Brazilian concept of family? 1.0

- a) A group of individuals living under one roof.
- b) A group of people of common ancestry.
- c) The basic unit in society, consisting of two parents and their biological children.
- d) A group of people that may not have the same ancestry, but love each other very much.
- e) A group that have the same last name.

3- The objective of this text is to 1.0

- a) Enumerate negative aspects in the Brazilian's family.
- b) Describe characteristics of Brazilian's family.

- c) Propose a better communication between families.
- d) Talk about families in the world.

4- In the first paragraph the authors say the Brazilian family can consist of hundreds of people. Explain (in Portuguese) why. **1.0**

---



---



---

- 5- “It is not unusual to see many generations living together...” The alternative that has the best translation is: **1.0**
- a) É comum ver muitas gerações morando juntas
  - b) Não é comum ver muitas gerações vivendo juntas.
  - c) Todas as gerações vivem juntas
  - d) Não há diferentes gerações juntas

#### THE DIFFERENCES BETWEEN BOYS AND GIRLS



One of the differences between boys and girls lies in the brain's release of hormones. At puberty, progesterone is dominant in girls, making them care more about people. The dominant male hormone is testosterone, which makes boys more competitive and isolated.

Finally, the male brain is less flexible and adaptable but more focused than the female brain. A woman uses more of brain mass than a man does. But this causes women to have more difficulty in making decisions.

**.185**

#### VOCABULARY

HAPPENED- ACONTECEU  
 CALLED- LIGUEI  
 HIDING- ESCONDENDO  
 WHOLE- INTEIRO  
 BRAIN - CÉREBRO  
 MALE- MASCULINO  
 FEMALE- FEMININO

6- Write **T (True)** or **F (False)** according to the text. **2.0**

- a) A garota tende a ser mais preocupada com os relacionamentos interpessoais. ( )
- b) O garoto prefere se isolar para não ter de competir com ninguém ( )
- c) O garoto não faz uso de tanta massa encefálica quanto a garota faz ( )
- d) O garoto perde em concentração para a garota. ( )

7- Choose the alternative where all the words can be related to the message "PEACE PLEASE" **1.0**

- a) respect, careful, attention, aggression
- b) danger, destruction, careful, attention
- c) respect, careful, attention, danger.
- d) careful, attention, respect, responsibility



8- Draw your family tree with the words bellow and write their names. **2.0**  
**Father – you – grandpa – mother – aunt – uncle – grandpa – grandma -  
cousin – sister - grandma**

## Anexo 11 – Atividade da dinâmica do autódromo

Língua Estrangeira Moderna – Inglês

9º ano A – 19 de maio de 2014.

### Plano de Aula

Noções e conceitos: Compreensão de texto.

**Objetivos:** Rever alguns conceitos sobre tipos de família e reconhecer suas principais características.

**Situação didática:** os alunos são organizados em três grandes grupos cujos nomes são seus respectivos temas para pesquisa e produção do documentário. São orientados sobre as regras do jogo: a professora faz a pergunta para o grupo e o mesmo tem trinta segundos para localizar a resposta no texto. O tempo é cronometrado pelo grupo vizinho. A resposta deve ser dada pelo orador do grupo e se estiver correta, percorre a quilometragem determinada para cada rodada de perguntas (20, 40, 60, 80 e 100K m), conforme tabela abaixo desenhada na lousa.

Dinâmica do Autódromo

Team	20	40	60	80	100	Total
Nuclear						
Extended						
Blended						

Taught by Natalie Boyd

Natalie is a teacher and holds an MA in English Education and is in progress on her PhD in psychology.

Families come in all shapes and sizes. In this lesson, we'll examine what makes a family, as well as some common types of families, including nuclear, matrifocal, extended, and blended families.

### Family

Kayla is a happy, healthy kindergartener. She's growing and learning every day. When she was a baby, she couldn't do much but cry and eat. But now, she can run and skip and count and even read a few words. She can talk to her mother about things because she can speak in full sentences. She's come a long way since she was a baby!

In the first eight years of life, children grow and develop in many different ways. They get bigger and learn to walk, which is part of their physical development. They learn to speak and read, which show language development. Socio-emotional development leads them to being able to understand their own emotions and those of others.

All development is a combination of genetics and environment. Partly, children develop because they are hardwired to do so. But they also grow and learn because the people around them are able to support them in it. And because of the amount of time spent with them, a child's family is a central part of his or her development. But family is much more than just the people someone lives with. Let's look closer at several types of family systems: nuclear family, matrifocal families, extended families, and blended families.

### **Nuclear Family**

When I say 'family,' what'd you picture? If you're like a lot of people, you probably pictured a mother, a father, and children who are not yet adults. That's what Kayla's family used to be like; her father and mother and she all lived together when she was a baby.

A family consisting of a mother, a father, and underage children is called a **nuclear family**. Traditionally, nuclear families were seen as the best option. People believed that children who grew up in a heterosexual, two-parent family were the happiest and most well-adjusted children.

However, studies have shown that nuclear families are no better or worse than many other types of families. It is really about the family itself, not what makes up the family. A happy, healthy single-parent family can be more beneficial to a child's development than a nuclear family that is made up of unhappy or abusive members.

### **Matrifocal Family**

Kayla's family used to be nuclear, but when she was four, her father was in a car crash and died. Now it's just Kayla and her mother. They're doing okay, but they are no longer a nuclear family.

A family consisting of a mother and her children is called a **matrifocal family**. You can remember the word 'matrifocal' by thinking about 'matri-', which means 'mother.' The matrifocal family centers around, or is focused on, the mother. Matrifocal families are

more common than patrifocal families, or families consisting of a father and his children. Partly, this is because in divorce, mothers have traditionally gotten custody of the children.

Divorce or death can create a matrifocal family through making a woman a single mom, but traditional nuclear families can also be matrifocal if the father is away from home for extended periods of time. A man who is gone for months at a time, perhaps due to work obligations, might be in a two-parent family, but it is matrifocal because of the absence of the father. Like a nuclear family, a matrifocal family can be a positive or a negative influence on a child. It really depends on the members of the family and how they interact.

### **Extended Family**

After Kayla's dad died, her mom needed some help. Luckily, they have a large **extended family**, or group of relatives outside of the immediate family. Kayla has grandparents, aunts, uncles, and cousins who are all around to help. Not only that but Kayla also has a much older brother, who is an adult and lives on his own. Even though he is Kayla's brother, he's still considered to be part of her extended family because he does not live in the same house as she does.

Extended families offer several benefits for children who are developing. As they did after Kayla's father died, an extended family can offer emotional support to the child. And because they are a larger group, they can offer more variety of experience and knowledge than nuclear family unit. This is especially beneficial for the intellectual development of a child.

### **Blended Family**

Now that it's been a while since Kayla's dad died, her mom is starting to date again. She's met a really nice guy who is divorced and takes care of two kids of his own. If Kayla's mom marries her boyfriend, Kayla will be part of a **blended family**, or a family unit made up of people who are not all blood relatives. Blended families involve step-parents, step-siblings, and/or half-siblings.

As with extended families, blended families can offer more variety of experience and knowledge than a traditional nuclear family. And, as with other types of families, the

individual members and how the family works together as a unit are the Best predictors of whether the family Will have a positive or negative effect on the child.

### Lesson Summary

Families come in all shapes and sizes. Nuclear families are made up of a father, mother, and underage children living together under the same roof. Matrifocal families Consist of a mother and her children. Extended families are made up of blood relatives outside of the immediate family, such as gradparents, aunts and uncles, and cousins. Finally, blended families Consist of family members Who are not all blood relatives, such as step-parents, step-siblings, and half-siblings. The type of family is less important to a child's healthy development than the members and the family unit itself.

<http://education-portal.com/academy/lesson/family-systems.html#lesson>

Obs: os textos de Natalie Boyd – “Family” foram distribuídos para leitura prévia (aula anterior)

Primeira rodada – About the author (20 km)

- Is the author male or female?
- She is studying yet. What does she study?
- What is her job?

Segunda rodada – About family definition (40 km)

- In the first eight years of life, children grow and develop in many different ways. How does it happen?
- All development happens with children because there is...
- Say, in English, types of family systems from the text.

Terceira rodada – About nuclear and matrifocal families (60 km)

- In the nuclear family we can find the following members:
- There are some events that become a nuclear family in matrifocal family. Say two.
- Explain why a nuclear family and a matrifocal family can be a positive or negative influence on a child.

Quarta rodada – About extended family (80 km)

- Define extended family according to the text.
- Say some benefits for children Who are developing.
- Say members' names of na extended family.

Quinta rodada – About blended family (100 km)

- Blended families can be created by...
- Say some differences between nuclear and blended families (about what they can offer).
- In a blended family all people are blood relatives? Explain.

### Resultados obtidos

Team	20	40	60	80	100	Total	Grupos
Nuclear	X	X	X	X	X	300	A
Extended	X	X	X	X	–	200	B
Blended	X	X	X	X	X	300	C



Anexo 12 – Atividade com frases em Inglês e Português do psiquiatra bruno Bettelhein

Língua Estrangeira Moderna – Inglês

9º ano A – 01 e 02 de junho de 2014.

### **Plano de aula**

**Tema da aula:** Diferentes visões sobre família.

**Noções e conceitos:** Compreensão de textos e organização de idéias.

**Objetivos:** Rever alguns conceitos sobre família e discutir pontos de vista, bem como produzir uma campanha publicitária sobre o tema estudado.

**Situação didática:** Trechos do livro “Uma vida para seu filho” de Bruno Bettelhein são copiados em Inglês e Português, recortados e distribuídos aleatoriamente, duas cópias do mesmo trecho nas duas línguas para os alunos individualmente. Com tempo determinado, todos devem andar pela sala, para localizar os pares Inglês/Português, formando assim grupos de pessoas. Depois, juntam-se, registram as frases e as considerações do grupo sobre o assunto e socializam com os demais. Após o término das apresentações entregam o material para a professora.

#### **Some statements to think about family**

Em Inglês:

- There is no family that can sustain the pôster “Here we have no problems!”
- The family, in psychological sense, is formed by the interactions of all its members for their feelings for others and the way they are integrated in everyday life together.
- As the family is a social unit, all its members influence each other.
- With the sole exception of natural gift, nothing more shapes the child’s personality than the experience of family life.
- The human has emerged to provide security to ll its members and to give them protection, first against the adversities of nature and wild animals and then also against the dangers that originated within the broader contexto of society.
- Regardless of what may be the legal definition of the famly agree that the common usage is “a social unit formed by parents and children they create.” IF husband and wife have no child, is a partner, if a woman gets pregnant, are starting a family.

- Being genetically related doesn't make you a family. Love, support, trust, sacrifice, honesty, protection, acceptance, security, compromise, gratitude, respect and loyalty is what makes you family.

Em Português:

- Não há família que possa sustentar o cartaz “Aqui não temos problemas!”
- A família, em sentido psicológico, é formada pelas interações de todos os seus membros, por seus sentimentos uns pelos outros e pela maneira como estes são integrados na vida cotidiana.
- Como a família é uma unidade social, todos os seus membros influenciam-se mutuamente.
- Com a única exceção do dom natural, nada molda mais a personalidade da criança do que a experiência da vida em família.
- A família humana surgiu para proporcionar segurança para todos os seus membros e para dar-lhes proteção, primeiro contra as adversidades da natureza e os animais ferozes e depois também contra os perigos que se originaram dentro do contexto mais amplo da sociedade.
- Independentemente de qual possa ser a definição jurídica da família o uso comum concorda que é “uma unidade social formada pelos pais e pelos filhos que eles criam.” Se o marido e a mulher não têm filho, é um casal, se a mulher fica grávida, estão começando uma família.
- A relação genética não faz de você uma família. Amor, apoio, confiança, sacrifício, honestidade, proteção, aceitação, segurança, compromisso, gratidão, respeito e lealdade é o que faz você família.

### Questões

Get together with your classmates and answer:

- a) Do you have the same point of view?
- b) What arguments have you used to support your opinion?
- c) What are the suggestions for a successful blended family?

### Final Task

Context: imagine you and your friends are volunteers in a ONG in Campo Grande. Your boss asks you to prepare a slogan to be printed on a t-shirt as part of

campaign to promote better relationship among the members of families in CG. How would you attract as many readers/buyers as possible? Points to consider:

- Educational aspects;
- Catchy phrase;
- Use o visual (color, size and type of letters);
- Use of space;
- Others.

Na sequência, as frases são apresentadas em slides para leitura e interpretação textual com o auxílio de imagens

Anexo 13 – Atividade de leitura crítica ao relacionar imagens e texto impresso



There is no family that can sustain the poster "Here we have no problems!"



The family, in a psychological sense, is formed by the interactions of all its members for their feelings for others and the way they are integrated in everyday life together.



As the family is a social unit, all its members influence each other.



With the sole exception of natural gift, nothing more shapes the child's personality than the experience of family life.



The human family has emerged to provide security to all its members and to give them protection, first against the adversities of nature and wild animals and then also against the dangers that originated within the broader context of society.



Regardless of what may be the legal definition of the family agree that the common usage is "a social unit formed by parents and children they create." If husband and wife have no child, is a partner, if a woman gets pregnant, are starting a family.



Being genetically related doesn't make you a family. Love, support, trust, sacrifice, honesty, protection, acceptance, security, compromise, gratitude, respect and loyalty is what makes you family.

Anexo 14 – Atividade de produção de slogan para uma campanha publicitária com o tema família







## Anexo 15 – Atividade de produção de um documentário com o tema família

## Anexo 16 – Registro da professora

Após a finalização das atividades propostas com os alunos do 9º ano, quais delas você considera que planejou a partir do que foi proposto pelo curso Professor sem Fronteiras e conseguiu reinterpretar para o seu contexto local?

O curso Professor sem Fronteiras foi um grande motivador para a busca de estratégias que me conduzisse a outros objetivos metodológicos, embora, muitas vezes, eu fiz uso da minha própria intuição e de algumas adaptações devido ao perfil da turma e do *feedback* da sala.

Após a escolha do tema “Família” para trabalhar com os alunos, de início, eu tentei priorizar alguns aspectos como sondagem sobre o conceito de família a partir das influências sociais, culturais e também preferências individuais e coletivas, leituras individuais e de grupo das diferentes visões e sentimentos sobre o assunto e a reflexão sobre a própria formação familiar e as demais existentes.

Nesse sentido, trabalhei uma atividade de reflexão ao pedir que eles registrassem em inglês ou em português uma palavra que resumisse para eles, o próprio sentimento relacionado à família. Posteriormente, essas palavras foram escritas em inglês em um cartaz que foi fixado na parede da sala de aula, após conversa com os alunos.

Também pedi aos alunos que fizessem um trabalho com ilustrações sobre os tipos de família para que eles pudessem ampliar o conceito de diversos tipos de família existentes em nossa sociedade, bem como falar um pouco mais sobre a própria família.

No decorrer das aulas, com o objetivo de discutir e refletir sobre relacionamento familiar, eu disponibilizei para os alunos informações, imagens, textos orais e escritos e depoimentos como na atividade com algumas frases do psiquiatra Bruno Bettelheim, bem como na atividade de relacionar imagens com o texto impresso e a leitura crítica das informações contidas nas imagens e texto .

Algumas atividades desenvolvidas foram planejadas com o intuito de favorecer a percepção da necessidade de se respeitar as diferentes constituições familiares e a importância desse fato para a manutenção das relações interpessoais saudáveis nos vários ambientes de interação com as pessoas como nas atividades de produção do documentário, realizada em colaboração com a professora-pesquisadora e de produção de slogan de uma campanha publicitária com o tema família.